

Proletários de todos os países UNI-VOS!

Este número tem 32 páginas

Avante!

Órgão Central do Partido Comunista Português

Semanário • ISSN 0870-1865 • 28 de Setembro de 1995 • Preço: 150\$00 (IVA incluído) • N.º 1139 • Director: Carlos Brito

Amanhã
em Almada

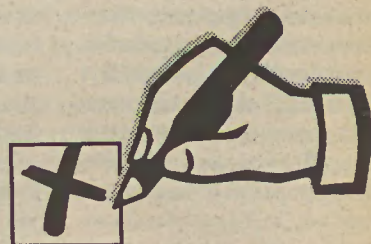
Comício
de encerramento
com **Carlos Carvalhas**

Vota CDU



Para dar a volta a isto!

CDU - Coligação Democrática Unitária PCP-PEV



Editorial O voto na mudança



Campo Pequeno, o maior comício CDU

RESUMO

20
Quarta-feira

Carlos Carvalhas em campanha participa num comício-festa da CDU, em Évora ■ João Amaral, cabeça de lista da CDU pelo distrito do Porto, visita o mercado da Maia e contacta com populares e trabalhadores de empresas de Santo Tirso ■ Representantes da Junta Autónoma das Estradas, das secretarias de Estado das Obras Públicas e do Sindicato da Função Pública reúnem-se para discutir o fim da greve dos portageiros ■ Sérvios bósnios aceitam as exigências impostas pela ONU e pela NATO de retirarem as armas pesadas na zona de Serajevo ■ Silvio Berlusconi, ex-primeiro-ministro italiano, acusado de corrupção, obtém adiamento de audiência, no tribunal de Milão.

21
Quinta-feira

Carlos Carvalhas reúne-se com associações empresariais de Beja e à noite participa num comício-festa da CDU, onde também intervém o cabeça de lista pelo distrito, José Soeiro ■ É apresentado no Porto o compromisso eleitoral da CDU para as mulheres, com a participação de João Amaral ■ A Tap e a Portugália assinam acordo de cooperação para reduzirem as despesas ■ A LIMAR declara que o negócio de venda da empresa Torralta fica concluído até ao final da próxima semana ■ A Caixa Geral de Depósitos envia uma carta ao Presidente do Governo Regional dos Açores, comunicando-lhe que irá avançar com um processo judicial, na sequência de uma dívida de 24 milhões de contos ■ A Barragem do Alqueva recomeça as construções com dez postos de trabalho e não com 50 como havia sido anunciado ■ O Parlamento Europeu em plenário, com excepção do CDS-PP, pressiona a Renault a cumprir o protocolo e não fechar a fábrica e evitar que os trabalhadores fiquem no desemprego.

22
Sexta-feira

Carlos Carvalhas em campanha pelo Algarve, mantém contactos com a população e participa num comício da CDU, em Faro ■ Álvaro Cunhal participa num jantar-convívio com apoiantes da CDU, em Alcácer do Sal ■ Os vereadores da CDU da Câmara de Moura pedem à Inspeção-Geral de Administração e Território uma investigação sobre irregularidades arquitectónicas e urbanísticas realizadas pela autarquia ■ A CGTP faz 25 anos. As comemorações realizam-se na Universidade de Évora ■ O Sindicato dos Trabalhadores Ferroviários Portugueses afirmam que "a CP é culpada pelo acidente na estação de Valongo devido à aceleração das obras por causa das eleições" ■ Realiza-se o I Encontro da Associação Europeia de Arqueólogos, em Santiago, onde aprovam

uma moção que pede ao Governo a suspensão das obras na Barragem de Foz Côa ■ O director-geral das pescas da Comissão Europeia afirma que o acordo de pescas entre a União Europeia e Marrocos será assinada até Novembro ■ Estreia em Portugal "O Convento", o último filme de Manoel de Oliveira.

23
Sábado

Realiza-se um comício da CDU no Campo Pequeno com as participações de Carlos Carvalhas e de Álvaro Cunhal. Mais tarde, Carlos Carvalhas intervém num comício-festa em Almeirim ■ João Amaral, visita o mercado de Bolhão e à noite participa numa festa popular, na Maia ■ A decisão do processo contra Leonor Beza, no caso do sangue contaminado, é adiada para o próximo dia 29 deste mês ■ A presidente da Nicarágua, Violeta Chamorro, condena os atentados à bomba contra as igrejas católicas e ordena à polícia que acabe a investigação sobre o caso ■ Autoridades moçambicanas investigam vultuosas compras que estão a ser efectuadas pela Igreja Universal do Reino de Deus.

24
Domingo

Álvaro Cunhal realiza contactos com a população no Sobreiro e participa num almoço-convívio na Figueira da Foz. À noite intervém numa festa-comício em Aveiro, onde se conta também a intervenção de Manuela Silva, candidata da CDU pelo distrito ■ Carlos Carvalhas visita a feira de Alpiarça e almoça com apoiantes da CDU em Constância. À tarde segue para Arganil onde realiza um encontro com a população e mais tarde intervém num comício, em Campo Maior ■ O Presidente José Eduardo dos Santos e Jonas Savimbi reúnem-se em Bruxelas ■ Israel e a OLP concluem acordo que dá aos palestinianos pela primeira vez na história o controlo de uma grande parte da Cisjordânia ■ Muçulmanos recusam a partilha da Bósnia e prosseguem a ofensiva contra os sérvios.

25
Segunda-feira

Carlos Carvalhas contacta com a população nas ruas da baixa do Porto, depois segue para um comício da CDU em Matosinhos, ao lado de João Amaral ■ Realiza-se em Loures um comício da CDU com a participação de Luís Sá ■ José Eduardo dos Santos e Jonas Savimbi participam, em Bruxelas, na abertura da Conferência de Doadores sobre Angola, promovida pela ONU e pela União Europeia ■ O Presidente de São Tomé e Príncipe, Miguel Trovoada, inicia visita a Portugal ■ A sessão do 50º aniversário da Assembleia Geral das Nações Unidas tem início com uma crítica aos testes nucleares, na França.

EDITORIAL

O voto da mudança

A impressionante enchente do Campo Pequeno, no sábado passado, confirmou de forma conclusiva tudo o que temos dito sobre a força, a juventude, o entusiasmo e alegria da campanha da CDU.

Perante uma afirmação tão pujante e tão espectacular, que as fotografias que hoje publicamos fielmente testemunham, é natural que os adversários políticos da CDU estejam preocupados e receosos, ao mesmo tempo que os activistas da coligação e todos aqueles que já lhe deram a sua adesão têm redobrados motivos de confiança e renovadas razões para intensificar os seus esforços com vista a obterem mais adesões e mais votos até ao dia 1 de Outubro.

Com efeito, o comício do Campo Pequeno foi, acima de tudo, uma clara demonstração do grande apoio popular às propostas e às ideias da CDU e a expressiva tradução do reconhecimento, por parte de um número crescente de portugueses, de que o PCP e os seus aliados são indispensáveis para a construção de uma verdadeira alternativa democrática que enfrente e resolva os problemas do País.

O apoio popular que se exprimiu de forma tão exuberante na tarde de sábado, em Lisboa, não caiu evidentemente do céu, nem é um caso isolado. Pelo contrário, tem plena correspondência nos comícios, nas iniciativas e nas acções que se estão a realizar nos diferentes distritos, por todo o País.

É um apoio que premeia, naturalmente, a prática e a luta dos comunistas e dos seus aliados, ao longo dos anos, sempre ao lado dos trabalhadores, da juventude, dos reformados e de todas as camadas populares atingidas pelas injustiças engendradas pela política de direita.

É um apoio que representa, de modo muito especial, a adesão aos elementos diferenciadores da campanha da CDU em termos programáticos, de discurso e de estilo.

É «o reconhecimento de que é a CDU que faz a diferença nesta campanha eleitoral», como salientou Carlos Carvalhas, logo acrescentando:

«O nosso projecto, as nossas ideias, a nossa prática, são o melhor testemunho de que os partidos e os políticos não são todos iguais.»

Ao mesmo tempo que evidenciou a diferença da CDU, a campanha eleitoral pôs mais a descoberto as semelhanças dos projectos e dos compromissos defendidos pelo PSD e o PS. Na verdade, como Álvaro Cunhal observou na sua intervenção: «Nesta altura da campanha, quase não é necessário que sejamos nós a desmascarar a farsa e a demonstrar que o PSD e o PS, um ou outro ou os dois juntos, que-

rem prosseguir no governo a política de direita.»

A entrada na campanha dos homens do dinheiro com programas, declarações e entrevistas veio demonstrar, aos que ainda não acreditavam, que a política económica e social do PS merece ao «grande patronato» tanta «confiança» como a do PSD.

O que dirão disto os trabalhadores que ainda votam PS?

Por exemplo, o senhor da SONAE, Belmiro de Azevedo, traduzia esta convicção numa recente entrevista para o seu jornal, o «Público», nestes termos: «Se os dois principais partidos, por razões internas e externas, aceitam os critérios de convergência da moeda única, então o valor distintivo do próximo governo tem muito a ver com a capacidade das pessoas que o integrarem.»

Só isto, a política será a mesma.

Podíamos citar múltiplos outros testemunhos igualmente «insuspeitos», façamos referência a mais um, este do especialista de direito comunitário Gonçalves

O comício do Campo Pequeno foi, acima de tudo, uma clara demonstração do grande apoio popular às propostas e às ideias da CDU e a expressiva tradução do reconhecimento, por parte de um número crescente de portugueses, de que o PCP e os seus aliados são indispensáveis para a construção de uma verdadeira alternativa democrática que enfrente e resolva os problemas do País.

Pereira, que afirma que «em matéria da Europa não há diferenças entre PSD e PS».

E se não há diferença em matéria de Europa como há-de haver na política económica e financeira e na política social e nas restantes?

É, no entanto, o próprio António Guterres que comprova esta comunhão de políticas, também numa entrevista recente. Ao ser colocado perante a pergunta de como faria passar o orçamento com um governo minoritário responde muito prazenteiro: «Eu não posso de maneira nenhuma admitir que o PSD fosse capaz de votar contra um orçamento que cumprisse os objectivos que ele próprio aceitou internacionalmente.»

As ideias de mudança adiantadas pelo PSD, no início da liderança de Nogueira, eram demagogia da mais grosseira, aliás logo abandonadas a favor da continuidade cavaquista. Nem uma nem outra, afinal, têm evitado que caminhe para a derrota certa.

Mas, depois das revelações desta campanha eleitoral, pode alguém acreditar em reais mudanças positivas como as que chegaram a ser apregoadas por Guterres? Evidentemente que não. A sua política, sozinho ou em aliança com a direita, seguiria orientações muito semelhantes às que têm sido adoptadas pelo PSD e com consequências semelhantes na estrutura produtiva, no emprego, nos salários, nas pensões, na saúde, no ensino, na segurança social, na habitação.

No caso do PP-CDS, anote-se, para que não haja dúvidas, que, a haver mudanças, seriam ainda para o agravamento, se possível, das políticas de direita, com maior obediência ao grande capital e à sua avidez, como se comprova com o facto deste partido ter tomado como seu (num escandaloso copianço) o chamado programa da AI Portuense, e, ao mesmo tempo, maior exploração dos trabalhadores, mais autoritarismo, xenofobia e racismo, mais Estado repressivo.

Ovoto da mudança, nas presentes eleições, é o voto na CDU! Este voto representa a ruptura clara com a política de direita que tem sido seguida e ameaça continuar e dá peso e poder de intervenção ao PCP e aos seus aliados de coligação, a única força verdadeiramente empenhada em fazer vingar uma nova política, uma política de esquerda para Portugal.

No discurso do Campo Pequeno, Carlos Carvalhas lembrou, em dado passo:

«A CDU propõe uma nova política económica e social com escolhas e com prioridades, fundada numa mais justa repartição da riqueza, na elevação dos padrões de vida e dos direitos dos trabalhadores, como condição do próprio desenvolvimento, na efectiva assunção pelo Estado das suas obrigações quanto à segurança social, à saúde, à educação, na exigência de uma firme política de defesa dos interesses nacionais na União Europeia.»

É o projecto oposto às políticas que têm governado o país e que o PSD e PS querem continuar. É um projecto não só consistente, mas realizável e o único que pode dar resposta à encruzilhada em que o país está colocado.

A chave da questão reside no crescimento da CDU, pois o aumento da sua votação e do número dos seus eleitos repercutirá e influenciará toda a vida política nacional, incluindo as soluções e as orientações do futuro governo do País.

Avante!

Proletários de todos os países UNI-VOS!

PROPRIEDADE: Partido Comunista Português
Rua Socorro Pereira Gomes
— 1699 Lisboa CODEX. Tel. 793 62 72

DIRECÇÃO E REDACÇÃO:
Rua Socorro Pereira Gomes — 1699 Lisboa CODEX.
Tel. 796 97 25/796 97 22. Telex 18390
Fax: 795 22 64

ADMINISTRAÇÃO:
Editorial «Avante!», SA — Av. Almirante Reis — 90,
7.ª-A, 1100 Lisboa.
Capital social: 15 000 000\$000. CRC matricula: 47058.
NIF — 500 090 440

DISTRIBUIÇÃO:
DISTRIBUIÇÃO ADE's
Editorial «Avante!», SA — Av. Almirante Reis, 90, 7.ª-A,
— 1100 Lisboa
Telef. (01) 815 34 87/815 35 11
Fax: 815 34 95

Alterações de remessa:
Até às 17 horas de cada sexta-feira:
Telef. (01) 815 34 87/815 35 11

DISTRIBUIÇÃO COMERCIAL

DELTAPRESS

Delegação Lisboa:
Tapada Nova
Capa Roxa — Linhão — 2710 Sintra
Telef. (01) 924 04 47

Delegação Norte:
Zona Industrial da Maia
Sector IX
Rua B. L. 227 — 4470 Maia
Telef. (02) 941 76 70

ASSINATURAS: Av. Almirante Reis, 90, 7.ª-A, 1100 Lisboa
— Telef. (01) 815 34 87/815 35 11 — Fax: 815 34 95

PUBLICIDADE: Av. Almirante Reis, 90, 7.ª-A, 1100 Lisboa
— Telef. (01) 815 34 87/815 35 11 — Fax: 815 34 95

Composição e Impressão
Heska Portuguesa, SA
R. Elias Garcia, 27
Venda Nova — 2700 Amadora
Depósito legal nº 205/85

TABELA DE ASSINATURAS*

PORTUGAL (Continente e Regiões Autónomas)

50 números: 6 750\$00

25 números: 3 487\$50

ESPAÑA

50 números: 13 300\$00

EUROPA

50 números: 24 750\$00

GUINÉ-BISSAU, S. TOMÉ E PRÍNCIPE E MACAU

50 números: 26 650\$00

EXTRA-EUROPA

50 números: 39 950\$00

* IVA e portes incluídos

Nome _____ Telef. _____

Morada _____

Código Postal _____

Enviar para Editorial «Avante!», acompanhado de cheque ou vale de correio.

O voto a quem o merece!

Ao dirigir-se a eleitores de esquerda que ainda estão indecisos sobre como vão votar no dia 1 de Outubro, Carlos Carvalhas tem afirmado que «o PS não precisa e nem merece o voto de esquerda», pois «vai ter muitos votos de antigos eleitores do PSD, muitos votos de direita».

É, sem dúvida, uma boa resposta a Guterres e aos seus tráfugas de serviço que se esganiçam a apelar à «concentração de votos no PS», sugerindo que é o «mal menor», ocultando as coincidências da política do PS com a do PSD e mentindo sobre a eficácia do voto na CDU, que, ao contrário do que eles dizem, vale tanto como o voto no PS para derrotar o PSD e vale muito mais porque é um voto contra a própria política de direita.

Era o O'Neill que ironizava com a sua pobre opção de voto e dizia nos finais dos anos setenta: «ele não merece, mas voto no PS». O poeta, que faleceu entretanto, não conheceu todas as desgraçadas consequências de se votar em quem não merece. Mas o nosso povo tem conhecido duramente essas consequências, primeiro nas desastrosas governações do PS e depois nos longos e pesados dez anos de governação cavaquista.

Agora, porém, o PSD vai a caminho da derrota certa, embora o estado-maior laranja faça ainda esforços desesperados para a evitar.

Depois de em eleições anteriores ter concentrado montões de votos através de promessas e ilusões que defraudou brutalmente, e de ter procurado ganhar as presentes a golpes de inaugurações e outras operações feitas à custa dos dinheiros do Estado, acabou, em face do descrédito, por reduzir a sua mensagem às acusações à «comunicação social (de que é o maior manipulador) e à tentativa de aterrar o eleitorado com as pragas e os horrores que cairão sobre o país se Nogueira não for primeiro-ministro.

É ridículo e antidemocrático!

Desta vez, no entanto, o processo da intimidação não está a pegar.

Até no próprio PSD há quem considere, de certa maneira, esta batalha como perdida e se volte para uma desforra nas presidenciais.

É o caso de Pacheco Pereira que já anuncia querer que o PSD apoie um candidato (Cavaco, claro) que dê garantias de dissolver a Assembleia e convocar eleições antecipadas em caso de governo minoritário.

Como estes rapazes mudam de opinião em relação à dissolução!

É outra forma de continuar a intimidação do eleitorado, mas não é uma atitude muito solidária para com Nogueira.

Saliente-se, no entanto, que nas circunstâncias presentes o que está em causa não é apenas afastar o PSD do Governo e derrotar toda a direita (PSD e PP) colocando-a em minoria na Assembleia da República.

Este é um resultado muito importante, mas é necessário e possível obter mais.

É necessária uma maioria capaz de cortar o passo à política de direita e de abrir caminho para uma nova política, uma política de esquerda para o nosso país.

Ora essa maioria será tanto mais capaz de o fazer quanto maior for a representação, o peso, que a CDU nela tiver.

É por esta conclusão, que ninguém seriamente pode contestar, que é a CDU quem merece o voto de esquerda.

Merece-o, além disso, pela sua prática, pela sua gente, pela suas propostas, pelos seus objectivos.

■ Carlos Brito

Campo pequeno... para tanta confiança

O Campo Pequeno não chegou para todos os que queriam participar no Comício da CDU. Um comício que incomodou muita gente; incomodou certa comunicação social (com destaque para a «pluralista» SIC) que, prosseguindo uma política de desvalorização das iniciativas da CDU, menoriou a importância e o significado daquele que foi o maior comício verdadeiro desta campanha eleitoral (verdadeiro porque, como se sabe apesar de a comunicação social o ocultar, os comícios do PS, do PSD e do CDS não passam de encenações mediáticas nos quais os assistentes são praticamente sempre os mesmos: as imponentes e dispendiosas caravanas que acompanham para tudo quanto é sítio os líderes desses partidos); incomodou o PS que há-de ter feito a comparação e há-de ter visto que, apesar das notícias falsas sobre o número de pessoas que estiveram no seu comício de há semanas, apesar de esse comício ter sido sustentado por uma mobilização nacional — o comício da CDU teve para aí umas quatro vezes mais pessoas do que o do PS; incomodou o PSD que viu confirmados os seus receios sobre o papel decisivo da CDU teve para aí umas quatro vezes mais pessoas do que o do PS; incomodou o Miguel Sousa Tavares que há-de ter passado uma noite de pesadelos povoados de fantasmas...; e incomodou o dr. Almeida Santos que não gosta de comícios grandes porque, diz ele, «no Norte da Europa não é assim. Os comícios têm, no máximo, cem pessoas» (ó doutor: por que é que não emigra para o Norte da Europa?).

Mas tão importante como o número de pessoas presentes no sábado no Campo Pequeno foi a forma como essas pessoas ali estiveram. O Campo Pequeno transbordava de pessoas mas transbordava igualmente de entusiasmo, de alegria, de confiança; transbordava de disponibilidade para um final de campanha em força, para a forte mobilização capaz de fazer dos comícios da Praça da Figueira (hoje) e de Almada (amanhã) duas importantes realizações de encerramento da campanha da CDU; para a intensi-

ficação de uma ampla acção de esclarecimento junto de milhares e milhares de pessoas a quem é necessário e indispensável fazer chegar a nossa mensagem, as nossas propostas, as nossas opiniões, o nosso esclarecimento sobre a utilidade do voto na CDU.

Há dois conjuntos de questões alternativas fundamentais em jogo nestas eleições: manter o PSD no Poder ou derrotá-lo e afastá-lo do Poder; manter a política de direita ou derrotá-la e substituí-la por uma nova política.

Quanto ao primeiro conjunto de questões é evidente, e todos os dados disponíveis e conhecidos o confirmam, que o reinado do PSD está a chegar ao fim, que o PSD será derrotado nestas eleições. Mas é evidente, também, que mudar de pessoas e manter a mesma política seria deixar tudo na mesma. (Esta má política não é má apenas pelo facto de ser aplicada pelo PSD: é má sempre e seja qual for a força política que a aplique.)

Assim, o voto útil para quem queira derrota não só o PSD mas também a política de direita, é o voto na CDU. Porque o voto na CDU é o único que conta para esse duplo objectivo. Ou seja: conta tanto como, por exemplo, o do PS para derrotar o PSD e conta mais do que qualquer outro para derrotar a política de direita e abrir caminho a uma nova política. O voto na CDU é, assim, o mais forte e eficaz voto de esquerda; é, ao fim e ao cabo, o único voto útil para todos os que querem derrotar o PSD e a política de direita.

O comício do Campo Pequeno confirmou que temos condições para difundir amplamente esta mensagem e com ela conquistar o voto de muitos milhares de pessoas. E confirmou a confiança necessária para alcançarmos esse objectivo e obtermos no dia 1 de Outubro um importante resultado eleitoral.

■ José Casanova

A três dias

A três dias de uma votação cujo alcance e consequências não é necessário enfatizar, justifica-se o regresso a um ponto fundamental do debate político e eleitoral e das opções que estão em jogo.

Esse ponto fundamental é evidentemente a questão já recorrente das semelhanças de política entre PSD e PS que se tem sido largamente admitida, reconhecida e confessada tem sido ao mesmo tempo objecto de uma espécie de banalização que, insensivelmente, corresponde quase a atribuir-lhe uma certa naturalidade e, pior que isso, a impedir que dessa constatação se tirem as conclusões e decisões de voto correspondentes.

Não por truque ou instrumentalização, mas por reconhecimento da acutilância de uma análise e do significado do testemunho, cite-se, a este propósito, mais uma opinião de uma personalidade totalmente

insupeita de simpatias para com o PCP.

No «DN» de 15/9, escrevia Mário Mesquita, fundador do PS, antigo dirigente e deputado do PS, hoje desfilado: «Ao ouvir os debates entre Nogueira e Guterres, ao cotejar as divergências entre os programas do PS e do PSD, ao escutar as propostas económicas do PS ou as patéticas alterações entre Marques Mendes e Arons de Carvalho acerca dos quilómetros de auto-estrada que falta construir entre Fafe e Guimarães, verifica-se que, nestes partidos, não só desapareceu o culto e o gosto da diferença, mas também se desvaneceu qualquer vocação reformista».

Mário Mesquita assinala depois que «predomina o cálculo eleitoralista, a curto prazo. PSD e PS fogem das reformas como o Diabo da cruz, sobretudo se as propostas reformistas se traduzirem — não, propriamente, em mais privatizações, mas em

defender o Estado social». Classifica de seguida «o respeitável Prof. Daniel Bessa» de «espécie de «duplo» de Guterres para as cenas mais arrojadas de conservadorismo económico». Observa ainda o antigo director do «DN» que «os partidos irmãos laranja e cor-de-rosa (...) limitam-se a discutir, entre si, as virtualidades da continuidade e da alternância, a respectiva capacidade para aplicar programas simétricos. Como se fossem irmãos siameses a quem tivessem sido atribuídos papéis diferentes (...)». Finalmente, com uma indisfarçada ponta de amargura e desencanto, Mário Mesquita conclui que «esta tendência para que os partidos do bloco central se comportem como irmãos siameses (...) reflecte uma crise mais vasta da política enquanto possibilidade de agir sobre a sociedade a partir do Estado democrático» que «encaminha-nos, em nome

do sacrossanto mercado, para o desaparecimento da política».

Estando quase tudo dito sobre a importância decisiva do reforço da votação na CDU em 1 de Outubro em termos de projecção imediata sobre o curso dos acontecimentos e sobretudo em termos dos seus reflexos sobre tudo quanto de mais vivo se prende com a vida, os interesses e as aspirações do povo português, talvez à luz deste insueto testemunho aqui citado, possa ficar mais claro para alguns que, para além de tudo o mais, esse reforço da CDU terá ainda a indiscutível valia de trazer para a perspectiva política nacional um grito forte contra a resignação e o cinzento e um estímulo à reabilitação da política enquanto serviço à comunidade e acção de transformação e renovação.

■ Vitor Dias

BÓSNIA

A reviravolta

Como escreveu recentemente o *Financial Times*, «a guerra balcânica (...) foi um cálculo frio e premeditado que empurrou a Jugoslávia para o precipício». Acusam-se os nacionalismos, e com razão. Mas não se acentua que o nacionalismo extremista que levou ao desmoronamento da Federação jugoslava, com a sua secessão não negociada, se iniciou precisamente na Eslovénia e na Croácia, as regiões de longe mais ricas e com fortes burguesias, gozando de apoio e de incentivo da Alemanha, a querer recuperar a sua antiga «zona de influência». E o golpe mortal foi dado pelo reconhecimento unilateral da sua independência, imposta pela Alemanha a toda a UE. A actual reviravolta que se está a operar na Bósnia é resultado de um longo processo de intervenção externa, que agora se acentua e adquire formas mais descaradas e brutais. As invasões da Eslovénia Ocidental em Maio e dois meses depois a da Krajina, ambas «zonas sob protecção da ONU», foram preparadas com a formação do formidável exército croata, de mais de 100.000 homens, bem armados, treinados e municiados pela Alemanha e ajudados logisticamente pelos EUA. Os enormes êxodos dos sérvios, que há séculos povoavam essas regiões de predominância sérvia, foram bombardeados barbaramente pela aviação croata, apesar de ser em zona decretada de «exclusão aérea» pelo Conselho de Segurança. Com o fechar de olhos cúmplice da ONU domesticada...

Era necessário depois dar a reviravolta à situação dentro da própria Bósnia. O obus de Sarajevo, imediatamente atribuído aos bósnios sérvios (quando reconhecidamente os muçulmanos já haviam antes realizado impunemente tais provocações), serve de alibi para a entrada em força da NATO no conflito, com a operação «Força Determinada», predeterminada para vir a conformar a situação no terreno ao novo plano de partilha americano, aliás, estranhamente semelhante ao desenho esboçado antes por Tudjman em Londres. Apesar do pretexto ser libertar Sarajevo do cerco dos sérvios bósnios, os bombardeamentos da NATO não se limitam a essa zona e espalham-se a todo o território da Bósnia sob controlo dos bósnios sérvios, destruindo particularmente todo o sistema de comunicações. É bem elucidativo que os 13 mísseis de cruzeiro *Tomahawk* tenham sido disparados sobre Banja Luka, a mais de 200 kms de distância de Sarajevo, depois alvo da ofensiva croato-muçulmana na região, também maioritariamente e desde há séculos povoada por sérvios. Sob a protecção dos bombardeamentos da NATO, o exército regular croata invade em massa essa região da Bósnia, com 20.000 homens bem armados, ocupando 70% da região onde expulsaram os bósnios sérvios, enquanto no seu encalço as tropas dos croatas bósnios ocupam apenas 15% e os muçulmanos outros 15%. A invasão não merece sanções, mas um mero «pisar de olhos» compreensivo... Se a Sérvia fosse em ajuda dos bósnios sérvios, então sim, cairia o Carmo e a Trindade!

A NATO, feudo militar e político dos EUA e sob seu comando, afastou a ONU e pôs na ordem os aliados da FORPRONU. Na ordem quer dizer às suas ordens. Os EUA envolvem-se descaradamente na imposição da sua «solução final». As pressões e manobras «diplomáticas» de Richard Holbrooke são assim coordenadas estreitamente com a maior operação de combate dos 46 anos da NATO. É a natização e americanização do conflito bósnio para impor, na Europa, a sua «nova ordem».

Recusemos pois uivar com os lobos neste momento de reviravolta na Bósnia. A paz imposta pela força bruta não será uma paz justa. Se defendemos desde sempre uma paz obtida por negociações pacíficas e equitativas para pôr fim a esta guerra atroz, esta não é essa paz. Velhos e novos martírios poderão cessar, para já, o que será bom. Mas será uma paz injusta e insegura quanto ao futuro dos Balcãs, da Europa e do mundo. Uma derrota da Europa e da ONU. E já os americanos anunciam o propósito de aí implantar 20.000 militares ou mesmo mais, por 12 meses ou mesmo mais... As baionetas *yankies* para impor a «pax americana».

■ Carlos Aboim Inglês



Vamos avisar toda a gente

Muito antes da hora marcada, já a praça rebentava pelas costuras: de gente, de entusiasmo, de confiança. Mais do que um ponto de honra - era o que faltava se os comunistas e seus aliados precisassem de comícios nacionais para encher o Campo Pequeno! -, a razão de estar ali foi o desejo de (re)afirmar a combatividade de quantos se batem por uma efectiva mudança de política, de gritar bem alto a certeza de que a CDU é um projecto de futuro em que vale a pena confiar.

Sábado, no Campo Pequeno, toda a gente retemperou forças, redobrou energias para o que tem de ser, nestes escassos dias que nos separam das eleições, uma tarefa de todos, sem excepção: É preciso avisar toda a gente que o voto na CDU é um voto que conta sempre. Disseram-no e repetiram-no todos os oradores do grandioso comício de Lisboa: Octávio Teixeira, Corregedor da Fonseca (ID), Heloísa Apolónia (Verdes), Álvaro Cunhal e Carlos Carvalhas, cujas intervenções publicamos em separado. Disseram-no também os Navegante que, com a sua música cheia de alegria, animaram a tarde de maré cheia CDU. Não basta assobiar a velha maioria, não basta protestar contra as pretensas novas maiorias, não basta estar de acordo com a necessidade de dar a volta a isto. É preciso avisar toda a gente. É preciso votar. Na CDU, pois então!



Um vulcão humano. A praça do Campo Pequeno tornou-se verdadeiramente «pequena» no passado sábado, quando este recinto se mostrou insuficiente para acolher a gigantesca multidão que ali acorreu, a participar no comício de apoio à CDU. A falta de espaço foi tão flagrante que os bombeiros, de serviço à segurança das instalações, se viram obrigados a procedimentos de emergência para facultar o acesso ao terceiro anel, fora de uso há muito tempo. Em breve se tornou óbvio que não cabia mais ninguém, desde o vasto terreiro apinhado de gente até aos píncaros da praça. Os apresentadores bem se esforçavam, transmitindo apelos pela instalação sonora para que as pessoas se apertassem mais um pouco. Inutilmente: não fora alguma circulação das pessoas entre os corredores internos da praça, aliviando a pressão no terreiro, e muita gente nem teria conseguido espreitar o acontecimento. Um acontecimento que impressionou tudo e todos. Os únicos termos de comparação - para quem os tinha, em vida vivida - remontavam às febris e gloriosas jornadas da Revolução de Abril. Do palco, aliás, a constatação surgiu

em irónica interrogação. «Se o PS disse que o seu comício aqui estava a rebentar pelas costuras, o que diria agora?». Não diria nada, e era o melhor que fazia. Seria ridículo comparar este comício da CDU com a iniciativa socialista de há semanas ou qualquer outra, do passado recente da praça. «É preciso notar», assinalavam ainda, entusiasmados, os apresentadores do comício da CDU, «que este comício é exclusivamente da Área Metropolitana de Lisboa! Não foi um comício nacional, como o do PS, nem precisámos de arremeter gente de todo o País, em transportes pagos!». Era óbvio que não, e bastava observar a multidão ininterrupta que chegava vinda das bocas do Metro, das paragens de autocarro, das ruas e avenidas que convergem na vasta praça, enchendo-a de cor e animação. As camionetas alugadas - e eram bastantes - também lá estavam, óbvias na identificação da proveniência: Margem Sul, arredores de Lisboa, sempre da Área Metropolitana. Outra presença impressionante era a da juventude. Geralmente em grupos, mas também individualmente, os jovens estavam por todo o lado, dando ao comício uma



energia e um entusiasmo quase insólitos, comandando, na prática, os grandes entusiasmos que, regularmente, faziam vibrar as velhas paredes da praça. Era, na verdade, avassalador, ver uma tal multidão ondulando ao sol um mar de bandeiras, como um vulcão humano de repente activo numa imensa cratera de gente, cor, alegria e luz.



■ Álvaro Cunhal

Casa cheia de entusiasmo e confiança

Como noutros grandes momentos da vida nacional, cá estamos uma vez mais no Campo Pequeno. Com casa cheia. Cheia de gente e cheia de entusiasmo, combatividade e confiança.

PSD e PS pretendem que só eles existem, só os dois têm direitos. Na bipolarização, no autoritarismo, no exclusivo de debates a dois, pretenderam mostrar um confronto de duas políticas diferentes para escolha do eleitorado. Afinal deram ao país a esclarecedora imagem de dois partidos negociando futuros acordos para continuar a mesma política de direita.

Ou seja: a aceleração das privatizações. A entrega aos grandes grupos monopolistas restaurados e às transnacionais do domínio de sectores estratégicos da nossa economia. O agravamento da exploração e a liquidação de direitos vitais dos trabalhadores. A degradação cultural.

E, no seguimento da ratificação do Tratado de Maastricht (que PSD e PS em conjunto ratificaram na Assembleia da República, e que só os dois juntos poderiam ter ratificado) a submissão de Portugal às políticas comuns definidas contra interesses portugueses pelos países mais ricos e poderosos da Comunidade Europeia.

PSD e PS — a mesma política de direita.

E isto significaria a continuação da desindustrialização, das gravíssimas crises da agricultura e das pescas, da destruição do aparelho produtivo nacional, da renúncia ao aproveitamento dos nossos recursos do subsolo, das terras abandonadas, dos milhões de contos para não se produzir, de uma política de desemprego, de despedimentos em massa e de precariedade, de recusa do Estado em cumprir os seus deveres, em relação à segurança social, à saúde, ao ensino, à habitação.

Nesta altura da campanha, quase não é necessário que sejamos nós a desmascarar a farsa e a demonstrar que PSD e PS, um ou outro ou os dois juntos, querem prosseguir no governo a política de direita. São os grandes capitalistas, são grandes organizações patronais, são os comentadores mais variados que o dizem. Mais ainda, são os próprios que o confessam.

E que o secretário-geral do PS não diga falsamente e em tom queixoso que o PCP e a CDU definem o PS como seu inimigo principal. O inimigo principal do nosso povo é a política de direita. Não é nossa culpa que o PS esteja a perfiar a política que urge combater e derrotar.

Sempre fomos, somos e seremos uma força de Esquerda. Sempre quisemos e queremos unir as nossas forças e capacidades a todos os democratas que lutem por uma política democrática.

Bem querem silenciar-nos, mas nada será capaz de silenciar a nossa voz. Bem querem excluir-nos, mas nada conseguirá romper os nossos indestrutíveis laços com o povo. Bem querem evitar que as nossas críticas e propostas cheguem ao eleitorado. Mas, se eles têm o controle e o mando sectário e perverso dos principais meios de comunicação social para difundirem as suas mentiras, nós temos a convicção, o empenhamento militante, corajoso e dedicado de milhares de homens, mulheres e jovens, para levarmos ao povo a nossa mensagem, não com mentiras e falsas promessas, mas com verdade, com uma nova política, com a firme determinação de, em todas as situações e em todos os momentos, defendermos os interesses e direitos do povo e do país e prestarmos uma contribuição que é indispensável para pôr fim à ruinosa política de direita e dar a volta a isto.

Eles bem procuram ocultar, deturpar, diminuir, apresentar imagens falsas da nossa campanha, das nossas iniciativas. Não é por acaso que depois da cobertura bipolarizadora, exaustiva e em directo dos comícios do PSD e do PS na Pontinha e no Pontal, apresentados como de incedíveis dimensões, não tenham dado a verdadeira imagem do gigantesco comício da Festa do "Avante!", ponto de arranque da nossa campanha. Vibrante campanha da CDU que se afirma em todo o país em milhares de iniciativas e com entusiástica participação de massas que se tem desenvolvido de forma ascensional, de que foram expressão o comício do Palácio de Cristal no Porto e tantas outras grandes realizações, de que é nova expressão nos encontrarmos aqui hoje no Campo Pequeno, confirmando que estamos a caminho de um grande resultado nas eleições de 1 de Outubro.

É para continuar tudo na mesma que tanto o PSD como o PS fazem apelo à maioria absoluta, dizendo ser ela necessária à estabilidade. Mas o que tem representado a maioria absoluta do PSD e a chamada estabilidade do governo? Tem representado não a estabilidade mas a desestabilização de todos os sectores fundamentais e inseparáveis da vida nacional. Desestabilização económica. Desestabilização social. Desestabilização cultural.

Desestabilização política, pelo abuso, corrupção e impunidade do poder. Desestabilização das instituições, levada ao ponto de contrariar o seu normal funcionamento. E ainda, no quadro da integração europeia, desestabilização de interesses, direitos e competências que constituem atributos inalienáveis da independência nacional.

Para que faz agora também o PS o apelo à maioria absoluta? Só quem não queira ver não vê que o PS, uma vez no governo, desejaria ficar com as mãos livres, tal como fez o PSD, exercendo com essa maioria absoluta o poder absoluto, arbitrário e impune, para continuar no fundamental a política do PSD.

Nós não lhes deixaremos as mãos livres. O eleitorado dirá não a tais pretensões antidemocráticas. Derrotado o PSD, como tudo indica ser mais que certo, o único caminho para impedir a continuação da política de direita que pretendem continuar o PSD e o PS, o único caminho para que PSD e PS não fiquem de mãos livres, o único caminho que permitirá ao povo português conseguir uma viragem democrática na política nacional, é uma forte votação na CDU e o reforço da representação parlamentar do PCP e dos outros democratas da CDU.

Que não nos perguntem os órgãos de comunicação social, centenas de vezes por dia, a todos e a cada um de nós, qual será a nossa posição no caso já esperado de o PS não ter maioria absoluta. O camarada Carlos Carvalhas, secretário-geral do PCP, já afirmou mais que uma vez que riscámos do nosso vocabulário as palavras "apoiar" e "viabilizar". E isso significa que não são só as palavras que riscamos, mas riscamos também qualquer ideia de que o PCP possa vir a fazer o contrário do que agora afirma.

Só com o PCP e com a CDU e nunca contra o PCP e a CDU, Portugal poderá ter uma nova política, uma política democrática, que nos faça sair da pesada e desastrosa herança que nos deixam tantos anos de governos de direita.

A nova política que propomos visa assegurar, no quadro do respeito pelas instituições democráticas, do pluralismo e da garantia efectiva das liberdades e direitos dos cidadãos, pelos quais sempre lutámos mesmo quando outros ferozmente os reprimiam, o real desenvolvimento económico, o melhoramento das condições de vida dos portugueses, a solução dos grandes problemas sociais, a democratização cultural e a defesa firme e corajosa dos interesses vitais da nossa Pátria na Comunidade Europeia.

A nossa campanha tem mostrado que são cada dia mais numerosos as portuguesas e portugueses (incluindo anteriores eleitores do PS e também do PSD e de outros partidos) que compreendem que, nestas eleições, o voto na CDU é o voto garantido na esquerda necessária, que, como com verdade não nos cansamos de dizer, o verdadeiro voto útil é o voto na CDU.

Este comício confirma as razões para confiar em que os nossos objectivos serão alcançados. Trabalhadores, reformados, agricultores, quadros técnicos, professores, médicos, magistrados, intelectuais e artistas, pequenos e médios industriais e comerciantes, profissionais da PSP e da GNR em luta pelo reconhecimento dos seus direitos associativos, sectores sociais gravemente desfavorecidos, nomeadamente deficientes, alargam o grande campo de apoio social, político e eleitoral à CDU.

Lutando pelos seus direitos as mulheres constituem uma nossa grande força como este comício bem o mostra.

E, não atrás de nós, mas ao nosso lado com a sua afirmação própria, a sua reflexão, a sua iniciativa, as suas aspirações e vontade temos a participação da juventude — força da liberdade, força do nosso presente e força do nosso futuro e do futuro de Portugal.

■ Carlos Carvalhas

Voto na CDU conta sempre

(...) Estamos a uma semana de eleições que vão determinar muito do nosso futuro colectivo. É uma semana decisiva para conquistar mais e mais portugueses para a compreensão de que é o voto na CDU que conta e que mais decide para a necessária mudança a sério e pela esquerda que Portugal precisa.

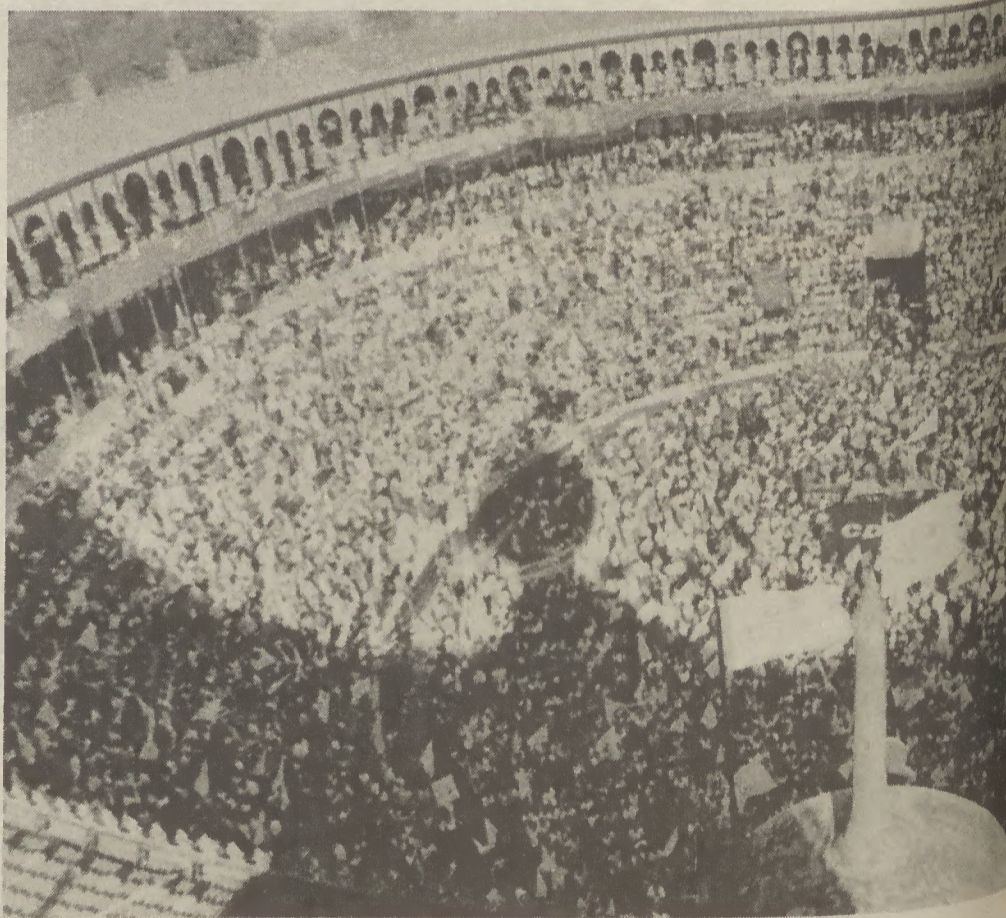
A campanha eleitoral do PCP e da CDU tem provado a diferença entre o debate de ideias e o apelo à inteligência e à reflexão das pessoas que é o que marca a nossa campanha e o deserto de ideias, a política-espectáculo, a venda de promessas e ilusões como se fossem detergentes ou refrigerantes que tem caracterizado em geral a campanha doutras forças políticas.

A campanha eleitoral do PCP e da CDU tem provado a vitória da mobilização consciente, responsável e militante de trabalhadores, jovens, mulheres, de cidadãos que recusam a bipolarização discriminatória, empobrecedora e redutora da nossa democracia com que PSD e PS querem condicionar o voto dos portugueses, obrigá-los a aceitar como uma fatalidade a continuação do actual estado de coisas, reduzir as escolhas eleitorais à opção entre pessoas cuja guerrilha verbal não consegue esconder a semelhança de políticas económicas e sociais que a CDU tem denunciado.

A campanha eleitoral do PCP e da CDU tem provado no terreno, de Norte a Sul de Portugal, e prova-o este grandioso comício também, um grande apoio popular às nossas propostas e ideias, o reconhecimento de que o PCP e a CDU são indispensáveis para a construção duma verdadeira alternativa democrática em Portugal, o reconhecimento de que é a CDU que faz a diferença nesta campanha eleitoral!

O nosso projecto, as nossas ideias, a nossa prática, são o melhor testemunho de que os partidos e os políticos não são todos iguais e a melhor denúncia de que quem prega que não há diferenças é quem quer alimentar o conformismo, a passividade e a aceitação da inevitabilidade desta política de direita, comandada de Bruxelas e geradora de desigualdades, dependências e injustiças cada vez maiores.

Enquanto outros choram lágrimas de crocodilo pelos problemas sociais em tempo de eleições, fazem promessas a todos e sobre



tudo, sem nunca explicarem como vão contentar ao mesmo tempo, com os escassos recursos do Orçamento, toda a gente, os trabalhadores e os grandes senhores do dinheiro, os reformados, agricultores e pescadores portugueses e os centros de decisão da União Europeia, a CDU propõe uma nova política económica e social com escolhas e com prioridades, fundada numa mais justa repartição da riqueza, na elevação dos padrões de vida e dos direitos dos trabalhadores como condição do próprio desenvolvimento, na efectiva assunção pelo Estado das suas obrigações quanto à segurança social, à saúde, à educação, na exigência de uma firme política de defesa dos interesses nacionais na União Europeia.

Enquanto outros partidos - PSD, CDS-PP e PS - fazem juras de fé no sacrossanto mercado e defendem a privatização de empresas como a TAP ou a Caixa Geral de Depósitos, a transformação da saúde pública em negócio privado ou a maior flexibilização das leis laborais, colaborando e inspirando-se nas conhecidas propostas da Associação Industrial Portuense de fortalecimento do grande capital à custa do maior agravamento da exploração dos trabalhadores

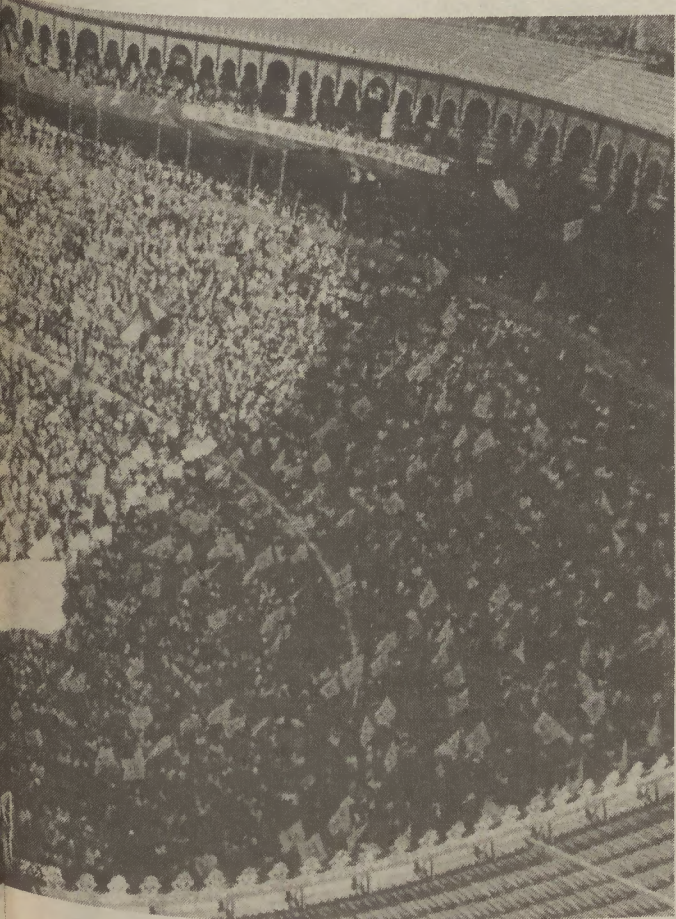


para a elaboração dos seus programas eleitorais (chegando o CDS-PP ao extremo ridículo dum vergonhoso e descarado copianço!), o PCP e a CDU podem orgulhar-se, como disse um dirigente daquela Associação num reconhecimento que para nós é um elogio, de terem sido a única das 4 maiores forças políticas que recusou inscrever no seu programa eleitoral tais propostas que apenas defendem os interesses dos grandes senhores do dinheiro! Porque para a CDU a defesa do emprego e dos direitos dos trabalhadores, a elevação dos padrões de vida dos portugueses, a existência de um sector público da economia dinâmico e moderno, são condições indispensáveis de um desenvolvimento autêntico.

Enquanto outros partidos não hesitam no recurso à demagogia, ao ilusionismo político e mesmo à mentira, tentando apagar nesta campanha da memória dos portugueses as suas responsabilidades passadas ou procurando esconder as suas verdadeiras intenções futuras, os portugueses comprovam nesta campanha a coerência do PCP e da CDU e dos seus candidatos nas palavras e nos actos, a sua profunda vinculação aos interesses populares, a verdade de quem não muda de posição em função dos auditórios, de quem tem uma só cara e uma só política, na Assembleia da República, no Parlamento Europeu, nas autarquias, perante os trabalhadores ou a juventude.

Quem não vê as piruetas políticas desesperadas do PSD que, desmascarada a operação de cosmética e branqueamento de responsabilidades, recorre à ilícita e inaceitável interferência política no debate eleitoral do Primeiro-Ministro e doutros governantes, nessa qualidade, e a um despudorado plano de inaugurações em plena campanha eleitoral, para tentar fugir à justa e inevitável punição eleitoral que os portugueses lhe vão infligir em 1 de Outubro? E o desespero do PSD é tão grande, camaradas e amigos, que tenho aqui comigo um comunicado em que já chegam ao ridículo de prometer a reforma para as mulheres aos 62 anos (eles, que há pouco liquidaram essa conquista!) e o horário máximo das 40 horas para os trabalhadores (eles, que votaram contra o nosso projecto de lei e não cumpriram o que prometeram!

Quem não se apercebe que o folclore pseudo-radical e a demagógica lamentação dos problemas sociais praticado pelo CDS-PP são apenas roupas novas para vestir velhíssimas ideias, engodo para caçar votos de um partido de extrema-direita, cujo principal dirigente não hesita em declarar que não se preocupa que o con-



fundam com o Salazar de má memória, que emite declarações irresponsáveis promovendo o racismo e a xenofobia, que apoia vergonhosamente o seu amigo Chirac nos testes nucleares do Pacífico, que hipocritamente chora em Portugal os problemas dos agricultores e dos pescadores enquanto vota no Parlamento Europeu resoluções lesivas da nossa agricultura e das nossas pescas, cuja indigência de ideias próprias é compensada pelo cada vez mais evidente cordão umbilical que o liga a sectores do grande capital, como agora bem se viu com a escandalosa conferência de imprensa da CIP de apelo ao voto neste partido?

E não é também cada vez mais evidente a ausência de diferenças significativas entre as políticas económicas e sociais do PS e do PSD, e que a nova maioria pedida pelo PS aos portugueses seria um cheque em branco, não na estabilidade e no progresso prometidos, mas na continuação por outras caras e protagonistas, da velha política de direita ao serviço dos grandes interesses económicos e das grandes fortunas, geradora de novas clientelas e compadrios, serventária também dos interesses de Bruxelas?



Não é assim cada dia mais notório que a chave da mudança que é preciso está, não em improváveis maiorias absolutas do PSD ou do PS, que apenas serviriam para o PSD prosseguir a desastrosa política actual ou para o PS ficar com as mãos livres e rapidamente meter na gaveta as suas promessas eleitorais (como também já meteu o socialismo!) mas sim na derrota e na colocação em minoria do PSD e do CDS-PP e na formação de uma maioria democrática de deputados, em que pese mais a CDU, em que ganhe mais força a mudança pela esquerda que propomos?

Para o PCP o combate ao desemprego e a melhoria progressiva das condições de vida dos cidadãos e a satisfação das suas necessidades, constitui o objectivo fundamental de uma política de desenvolvimento.

Nós recusamos as opções neo-liberais que têm caracterizado a política dos governos do PSD e que inspiram agora muitas das posições fundamentais do PS, e que conduzem à desresponsabilização do Estado na área das suas funções sociais.

Assumimos claramente uma orientação oposta.

Para nós os direitos sociais e as funções redistributivas que lhes estão associadas, desempenham um papel fundamental como factor social do desenvolvimento, desde que seja valorizada e defendida a produção nacional.

A nova política que o PCP e a CDU defendem assume por isso o reforço e o aperfeiçoamento do sistema público de segurança social. Garantindo os direitos adquiridos pelos seus beneficiários. Assegurando a elevação significativa das reformas e pensões e de outras prestações sociais. Implementando o rendimento mínimo de subsistência. E assegurando os recursos indispensáveis através do combate às dívidas e à evasão contributiva e de uma reformulação do sistema de financiamento da segurança social que não seja penalizadora do emprego.

A nova política que o PCP e a CDU defendem assume que ao progresso da sociedade é indispensável uma saúde pública da mais alta qualidade e que todos os portugueses disponham de habitação condigna.

A nova política que o PCP e a CDU defendem assume a educação, a ciência e a tecnologia como vectores estratégicos do desenvolvimento.

A educação assente numa política que valorize a escola pública, democratizada e de qualidade. E que construa o sucesso educativo e escolar e o sucesso do sistema.

Seria de esperar mais da parte de um partido, o PS, responsável pela introdução do sistema de numerus clausus no acesso ao ensino superior público. E a quem devia pesar na consciência o verdadeiro crime que ainda há três dias podia ser observado aqui bem perto, nas pautas afixadas na Reitoria da Universidade, das quais constavam cerca de 50 mil jovens que cumpriram os requisitos de entrada no ensino superior público e que encontraram à frente do seu nome o injusto e intolerável veredicto "não colocado".

Para além das grandes frases sonoras e das promessas falsas e demagógicas, em que verdadeiramente vale tudo, o que se observa é uma grande convergência de fundo nas propostas dos dois partidos.

Não veio o actual Ministro da Saúde queixar-se publicamente - diga-se que com razão - do facto do PS, nas suas propostas, ter plagiado a política do seu ministério?

Quem fôr ler os respectivos programas eleitorais, não observa que quer o PSD quer o PS querem pôr os utentes dos serviços de saúde, além do que já pagam nos impostos a custear directamente do seu bolso, uma parte significativa da prestação de cuidados de saúde? E que quer o PS, quer o PSD, coincidem na mesma linha de privatização da gestão dos serviços de saúde, conducente à divisão dos utentes de saúde em portugueses de primeira classe e de segunda classe, de acordo com as capacidades económicas de cada um?

E só com uma nova política, que rompa com as orientações monetaristas da União Europeia e com os critérios de convergência nominal de Maastricht, que não amarre Portugal à terceira fase da União Económica e Monetária e à moeda económica, é possível proteger e desenvolver a nossa agricultura, as pescas, a indústria e os serviços públicos, criar condições para a baixa efectiva das taxas de juro e elevar a competitividade da economia portuguesa.

É que tanto o PSD como o PS estão amarrados a Maastricht. E tanto é assim que o eng. Guterres já diz que é impensável que o PSD venha a chumbar o seu Orçamento porque os objectivos deste são também os objectivos do PSD.

E o que é que dirá um socialista que deseja uma política de esquerda, que deseja uma efectiva mudança?

O que dirão os trabalhadores de esquerda, quando com poucos dias de intervalo, os senhores do dinheiro, os dirigentes da CIP e da Associação Industrial Portuense vieram declarar que com um Governo do PSD, ou com um Governo do PS e com o reforço do

PP, para eles tanto faz e para eles fica tudo bem?

Devem ter boas razões para o dizer. Estão a contar que seja com o PSD, seja com o PS, seja com o PP, continuará a mesma política contra quem trabalha, a mesma política de ataque aos direitos sociais, a mesma política a favor das grandes fortunas, a mesma política de mão baixa sobre o património do Estado.

Mas não há nenhuma razão para que aqueles que vivem do seu trabalho e conhecem dificuldades sem

conta, para que os agricultores que veem o seu esforço destruído por uma política ruinosa, para que os comerciantes e industriais asfixiados pelos banqueiros e pela concorrência estrangeira façam as mesmas escolhas que os senhores da CIP e da AIP.

Se os senhores do dinheiro estão descansados com o PSD, com o PS e com o PP, então é com o voto na CDU que o povo trabalhador se pode defender e fazer ouvir a sua voz.

É preciso uma nova política.

Mas não são só as condições materiais que necessitam de ter uma grande volta.

É necessário mais democracia, participação, segurança.

É preciso garantir eficazmente todos os direitos e liberdades dos cidadãos. Fortalecer a democracia política e ampliar as formas de participação popular.

É necessário respeitar o papel e intervenção das organizações sociais e desburocratizar e modernizar a Administração Pública.

Mas o País necessita também de assegurar uma justiça célere e acessível e dar firme combate à corrupção e ao clientelismo, acabar com as mordomias e privilégios que os titulares de cargos políticos atribuíram a si próprios e pôr termo às actividades ilegais do SIS e assegurar a segurança dos cidadãos, combatendo as causas sociais do aumento da criminalidade, aumentando os efectivos policiais e aproximando-os das populações.

E eu creio que vós estareis de acordo com estas orientações, por isso no dia 1 de Outubro...

(...) O grandioso comício que hoje e aqui, no Campo Pequeno, estamos a realizar a sete dias do final da campanha eleitoral, deve constituir um novo e poderoso impulso mobilizador de todas as nossas energias, de todos quantos apoiam a CDU, para a grande tarefa, o grande compromisso, que a todos e a cada um de nós se coloca nesta última semana de campanha - conquistar mais e mais portugueses para o voto na CDU, para dar a volta a isto!

Vamos avisar toda a gente, que não basta mudar as caras, que é preciso mudar de política e que o voto na CDU é um voto que conta sempre - conta para derrotar a direita, o PSD e o CDS-PP, e conta como nenhum outro para uma mudança a sério e pela esquerda da política portuguesa.

Vamos dizer aos trabalhadores que têm lutado pelos seus direitos, nas ruas e nas empresas; aos agricultores que se têm manifestado contra a ruína da agricultura portuguesa; aos jovens que se têm manifestado por um ensino mais qualificado, apoiado e acessível; às mulheres que se batem contra a discriminação e pela igualdade de direitos; aos reformados e aos deficientes que lutam pelo apoio social que merecem; aos cidadãos que na Ponte 25 de Abril lutaram contra as portagens e aos que por todo o País se empenham e participam na defesa dos interesses populares, que a luta de todos tem mais sentido, mais eficácia e mais futuro, se agora votarem CDU, se agora derem mais força aos que em toda a parte e sempre estão presentes e solidários nos movimentos sociais e no justo protesto dos cidadãos, se agora ajudarem a eleger mais deputados da CDU!

Vamos dizer aos portugueses que estão ainda indecisos, aos que estão confundidos e perturbados com o espectáculo de demagogia ou já não acreditam na utilidade do seu voto para construir um Portugal melhor, fustigados amargamente pelas dramáticas consequências sociais da política de direita, aos desempregados, aos excluídos e marginalizados, aos que viram o seu voto sucessivamente traído pelos partidos que, sózinhos ou associados, têm ocupado o Governo e foram sempre responsáveis pela política de direita, vamos dizer-lhes que vale a pena exercerem o seu direito de cidadania, o seu direito de voto. Vamos dizer-lhes que vale a pena recusar o conformismo, a passividade e a resignação, que vale a pena dar uma oportunidade à CDU, que vale a pena votar CDU.

Vamos apelar aos trabalhadores, aos jovens, às mulheres, aos agricultores, aos reformados e aos deficientes, à sua inteligência, à sua sensibilidade, à sua memória, para que tenham presente a defesa dos seus verdadeiros interesses no momento de votarem e para que nenhum se iluda com as paixões de última hora, as lamentações dos problemas sociais para consumo eleitoral, as promessas e engodos logo esquecidos no dia seguinte às eleições.

Para que todos compreendam que cada um deve decidir pela sua cabeça e que as sondagens não votam, para que tenham presente na hora do voto que a CDU não aparece só na altura das eleições, que a CDU é a única grande força política que todo o ano e em cada dia, antes como depois das eleições, com uma só política e uma só cara, na Assembleia da República, no Parlamento Europeu, nas autarquias, nos sindicatos e nos locais de trabalho, nas escolas, nos campos, com as populações, em todo o lado e sempre está presente, solidária e activa na defesa dos interesses populares (...)

Uma campanha em força

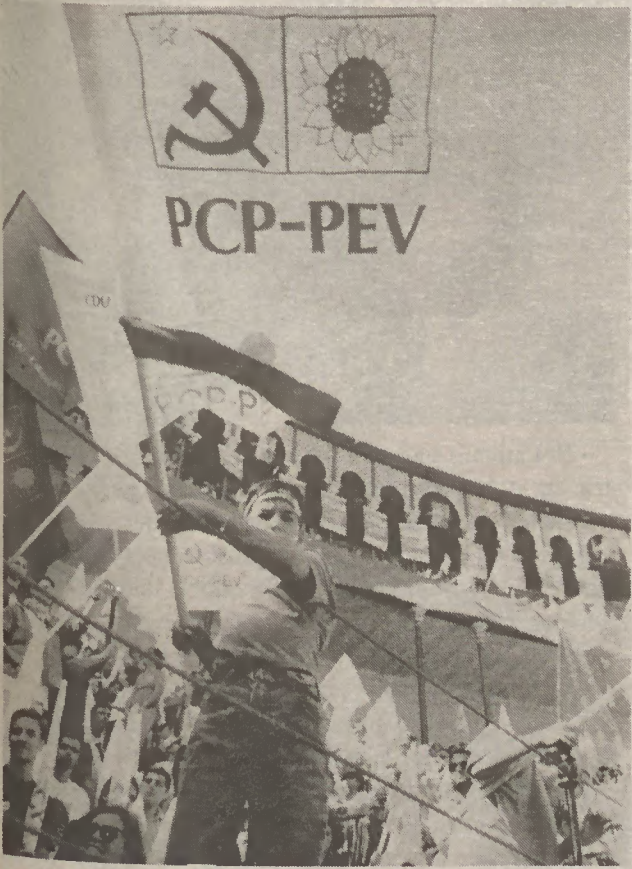


O Porto em peso no Palácio de Cristal

A enchente no Campo Pequeno, em Lisboa



em todo o País



Lisboa - Campo Pequeno cheio



Lisboa - Em Alcântara, no convívio com reformados



Porto - Arruada termina em concentração na Praça da Batalha



Montargil - A população recebe Carvalhas



Évora - Comício entusiástico na Praça do Giraldo



Aveiro - Uma enchente como há muito não se via...



Almeirim - Com a juventude à frente



Faro - Comício caloroso

Por uma mudança a sério

■ Octávio Teixeira

A grande questão com que as eleitoras e os eleitores portugueses estão confrontados nas próximas eleições é esta: ou mudar de Governo mantendo as mesmas políticas, ou mudar de Governo para realizar novas, diferentes e melhores políticas.

Para quem quer também mudar as políticas é essencial, é determinante, votar e reforçar a CDU.

Um assessor económico de António Guterres diz que «há dificuldade em distinguir as políticas económicas do PS e do PSD»!

Há de facto «muita» dificuldade em fazer essa distinção em questões essenciais.

Por exemplo:

- O PSD escreve no seu programa eleitoral: «em primeiro lugar coloca-se-nos como prioritário a participação da economia portuguesa na União Económica e Monetária».

No programa eleitoral do PS lá vem a resposta: «o novo rumo para a economia e a nova visão de desenvolvimento implicam uma aposta decidida, desde já, na participação de Portugal na União Económica e Monetária»!

- O PSD escreve que «o processo de privatização de empresas do SEE deverá ser prosseguida com determinação», e o PS reescreve que «um Governo do PS continuará, com determinação e clareza, a política de privatizações»!

- Onde o PSD reafirma «o alargamento da privatização da gestão de Unidades de Saúde», o PS escreve que «deverão ensaiar-se concessões de gestão dos hospitais públicos... a empresas privadas»!

- O PSD aumentou drasticamente o desemprego;

O PS confessa que, com ele, «no sector competitivo, nas empresas, não se pode esperar grandes aumentos de empregos»;



- Nos últimos anos o PSD e o seu Governo não aumentaram em termos reais as pensões e reformas dos idosos.

Para o PS «constitui um compromisso inequívoco e irrevogável a actualização anual das pensões, por referência à taxa de inflação». Isto é, o PS também não garante o aumento do poder de compra das pensões e reformas!

- Nos últimos anos o PSD diminuiu de forma brutal os salários reais dos trabalhadores da função pública.

E «o único compromisso que o PS admite é não baixar os salários reais dos trabalhadores da função pública»!

Mas também há algumas diferenças nas propostas do PS e do PSD. Por exemplo, o PSD quer manter todas as portagens nas vias de comunicação das áreas metropolitanas. O PS diz que eliminará, e bem, todas as portagens na CREL. Com o argumento, *correcto*, de que nas áreas metropolitanas não deve haver portagens.

Mas perguntado se isso significará igualmente a eliminação da portagem na ponte 25 de Abril, o Secretário-Geral do PS respondeu, *mal*, que não. Porquê? A Ponte não fica e não serve a Área Metropolitana de Lisboa? Por que razão entende o eng. Guterres que o povo do distrito de Setúbal deve ser penalizado? Por que não gosta o PS da população de distrito de Setúbal?

No próximo 1 de Outubro é tempo de mudar. Mas uma mudança a sério e não uma alternativa de fachada.

Os portugueses querem de facto uma «nova maioria» na Assembleia da República que suporte um «novo governo». Mas querem, igual e fundamentalmente, uma *Nova Política*.

Uma política de esquerda, a política que é proposta e defendida pela *CDU*!

Para influenciar uma nova política, no interesse e ao serviço de Portugal e dos Portugueses,

Vamos Dar a Volta a Isto!

Viva a CDU!

A saída é pela esquerda

■ Corregedor da Fonseca

Em nome da Associação Intervenção Democrática - ID, que pugna pelos valores de Abril, saúdo-os a todos que comprovais, com a vossa presença e entusiasmo, um vivo empenhamento nesta luta eleitoral, pelo fortalecimento da democracia participada, pela derrota da direita, pelo fortalecimento da democracia participada, pela esquerda tão necessária a todos os que sofrem a angústia do desemprego, política de esquerda essencial às famílias que vivem em permanente instabilidade, aos trabalhadores, aos jovens, aos reformados e pensionistas, às mulheres discriminadas.

E uma saudação muito especial aos nossos parceiros de coligação ao PCP, ao partido ecologista «Os Verdes» e a tantos democratas independentes que conosco participaram nesta magnífica Coligação Democrática Unitária.

Companheiros, a campanha eleitoral tem-se desenrolado num momento particularmente grave para a generalidade dos portugueses em consequência de dez anos de governação neoliberal do PSD.

O quadro é inquietante: economia em crise profunda, injustiças e exclusões sociais, alastramento da pobreza, insegurança no emprego, centenas de milhares de desempregados, má qualidade e fracasso na política cultural, educação e ensino, que afecta a nossa juventude sem perspectivas de futuro sacrificando a juventude sacrificando Portugal -, restrição de direitos, liberdades e garantias fundamentais, aumento das desigualdades sociais, clientelismo e corrupção.

E tendo este quadro como pano de fundo que no dia 1 de Outubro se vai realizar o acto eleitoral. Importa, então, reflectir sobre o futuro da democracia no nosso país.

Poderosos grupos económicos nacionais - que acentuam a concentração financeira - e poderosos grupos internacionais dominam a nossa

economia, provocam a gradual paralisação dos sectores produtivos nacionais. Esta situação é tanto mais grave quanto se verifica uma lamentável submissão aos ditames da União Europeia e às directivas de Maastricht, submissão essa que, a prosseguir, como pretendem o PS e o PSD, originará o agravamento das condições da vida dos portugueses, que verão aumentar o desemprego e os impostos enquanto diminuirão drasticamente as despesas públicas com o ensino, a saúde ou a habitação social.

Amigos,

Temos que estar atentos ao comportamento, às promessas e propostas das outras forças políticas concorrentes, a começar pelo CDS-PP, que configura um projecto antidemocrático, reaccionário, que recorda tempos que o 25 de Abril afastou, e que nunca mais queremos ver reconstituído em Portugal.

Mas também não podemos deixar de observar com grande preocupação, as intenções do Partido Socialista sem conteúdo que o distancie do PSD e que nunca garantirão alterações substanciais que assegurem as transformações sociais e políticas de que o País carece.

Impõe-se a adopção de uma verdadeira política alternativa com um conteúdo eminentemente social e não de uma alternância de partidos que, no fundo, contêm políticas e estratégias semelhantes.

A ID e a CDU lutam para inverter claramente as concepções, os valores e orientações da política de direita e para travar as consequências nefastas que têm originado aos portugueses.

A CDU luta, ainda, para imprimir um novo rumo para Portugal, através de uma nova política, uma política de verdade, uma política de esquerda.

A política alternativa que preconizamos passa pela adopção de medi-

das concretas que melhorem as condições de vida da população, combatam o desemprego, aumentem o consumo das famílias, desenvolvam a produção nacional, que elimine as injustiças sociais, as exclusões e desigualdades, que ponha termo à corrupção, clientelismo e compadrio e que, no contexto internacional, respeite e valorize os legítimos interesses nacionais e as grandes potencialidades do nosso país.

A política da CDU, tanto na área social, como na económica, é nítida, sem ambiguidades.

Estão em jogo nas eleições aspectos fundamentais da nossa Democracia como a preservação dos valores de Abril e da Constituição que o PS e a direita querem adulterar.

Ora, companheiros, para que Portugal se encaminhe, finalmente, para um correcto e justo desenvolvimento é preciso aumentar a votação na CDU, assegurando o aumento do número dos seus deputados.

O grande objectivo é derrotar a direita no dia 1 de Outubro colocando o PSD e o CDS/PP em minoria.

A saída é, pois, pela esquerda!

Cada deputado eleito pela CDU, cada novo deputado da CDU, constitui uma derrota da direita e vai concorrer decisivamente para inverter tendências e políticas de direita que tão desastrosas têm sido para o País e que não se podem manter ou repetir.

Assim, e sabendo-se que os deputados eleitos pela CDU lutarão firme e intransigentemente pelos seus claros e patrióticos objectivos, há que reforçar a nossa votação.

Por isso, todos temos o dever de nos empenharmos ainda mais e convencer os indecisos que a solução se encontra na esquerda, que devem ter confiança na esquerda coerente, como a CDU, que é na Coligação Democrática Unitária que devem votar.

Juventude vota CDU

■ Bernardino Soares



Temos o direito de exigir

■ Heloísa Apolónia

No dia 1 de Outubro, vamos garantir uma nova política para Portugal, uma política que promova um modelo diferente de desenvolvimento, que proporcione uma relação harmoniosa entre o Homem e a Natureza e dos seres humanos entre si.

Os portugueses provaram, anos e anos, uma laranja com muito pouco sumo, que soube demasiado a amargo.

Com a política PSD, a degradação do ambiente acentuou-se continuamente:

- Os rios são cada vez mais esgotos a céu aberto;
- A ameaça do Plano Hidrológico Espanhol continua, falta um Plano Hidrológico Nacional e uma estratégia de gestão das águas;
- Os resíduos tóxicos perigosos contaminam solos e águas de norte a sul do país, com uma pseudo-solução imposta sem diálogo, sem estudos técnicos, incompatível com a política dos 3 Rs;



• As florestas ardem todos os anos sem que se aposte na prevenção e numa política de ordenamento florestal;

• A desertificação do interior do país acentuou-se com a consequente concentração da população em apenas 25% do território nacional.

A política ambiental do Governo PSD foi um desastre. Nós temos-lo dito apresentando propostas alternativas. Não falamos por falar! O próprio PSD o confirma quando no seu panfleto «10 anos que mudaram Portugal», para além de deturpar de forma grosseira e irresponsável factos sobre a situação do país, omite qualquer referência a alguma resolução ambiental – não faz uma única alusão à sua política ambiental – porque sabe que o muito pouco que fez, fez mal. Porque tem de se envergonhar de actos como o do afundamento do navio S. Miguel, onde Fernando

Nogueira foi de uma irresponsabilidade nada digna de qualquer confiança possível.

E nestas matérias o PS vai gerindo o seu silêncio e cerra os olhos na União Europeia de Maastricht. PS e PSD recusaram o referendo e vêm agora com o papão da UE e da necessidade de submissão incondicional aos critérios da Europa. Em troca de quê? Das nossas pescas? Do nosso sistema produtivo? Da nossa agricultura?

E o PP, que se diz contra a UE, e nos seus discursos eleva a agricultura como uma máxima, votou a favor da PAC, numa lógica que leva ao cúmulo uma demagogia assustadora e hipócrita.

Na CDU, pautamo-nos por valores bem diferentes.

Na AR, os deputados dos Verdes foram e serão porta-vozes das preocupações e aspirações das populações, uma voz permanente de denúncia para que o desconhecimento nunca sirva de

pretexto à falta de intervenção, uma presença constante na defesa do desenvolvimento sustentável, da qualidade de vida, da saúde pública, do entendimento da educação, da cultura, do trabalho como formas de realização pessoal e como motores do desenvolvimento.

O futuro é de todos, não é de alguns! Por isso temos o direito de exigir a certeza no presente e a segurança no futuro. Temos o direito de construir.

Na CDU defendemos e promovemos a participação na sociedade dos jovens com a sua irreverência, dos ido-

sos com a sua experiência, de todos os homens e mulheres parceiros em igualdade.

E não fazemos como o PS, que tanto apregoou as quotas de participação das mulheres na vida política e agora não as pratica.

Nos Verdes, a grande participação de mulheres não é imposta – é o valor de um colectivo de homens e mulheres que em igualdade desenvolvem um projecto real, verdadeiro pela humanização da vida e do quotidiano.

Porque a mudança é urgente, no dia 1 de Outubro é preciso que ninguém cruze os braços deixando que outros decidam por si. É preciso mudar! É preciso participar!

Porque a mudança é possível, o voto pelo ambiente, o voto pela vida, o voto para dar a volta a isto é o voto na CDU.

Aproxima-se o dia 1 de Outubro. E com ele o fim de uma campanha eleitoral que foi, é e vai continuar a ser marcada pelo empenhamento dos jovens, provando mais uma vez que a juventude está com a Coligação Democrática Unitária.

Porque as nossas propostas respondem àquilo que são os anseios e as aspirações da juventude:

- dos que estão contra as propinas
- dos que ficaram à porta da Universidade
- dos que sofrem com as más condições das nossas escolas
- dos que estão desempregados ou com trabalho precário
- dos que lutam por uma sociedade mais justa e mais participada
- de todos aqueles que querem pôr fim à política de direita
- de todos os que querem uma viragem à esquerda, que querem uma nova política para a juventude e para o país.

Quem está connosco, está porque sabe que continuar a luta no dia 1 de Outubro é votar CDU!

Está porque reconhece que só o voto na CDU é o voto numa política de esquerda.

E aos que estão indecisos, aos que se confessam desiludidos com a política e os partidos, com as demagogias, as falsas promessas e com os abusos de poder, dizemos que somos diferentes, que não acordámos hoje para os seus problemas, que sempre estivemos ao lado dos jovens e das suas reivindicações, e que temos provas dadas!

Provas dadas na luta que derrubou ministros, defendeu princípios e conquistou direitos, batendo sempre o pé à política que era imposta à juventude portuguesa.

Provas dadas no poder local, nas Associações de Estudantes, no movimento juvenil, nos sindicatos.

Provas dadas por um trabalho único na Assembleia da República ao serviço dos que nos elegem e decidido a resolver os problemas dos jovens e do país.

É preciso avisar toda a gente!

Não votar é aceitar que nada mude.

Não votar é deixar a porta aberta à política de direita, mesmo que com outras caras, é deixar de pagar propinas para passar a pagar uma taxa, como propõe o Partido Socialista através do seu porta-voz para a Educação, Guilherme Oliveira Martins.

Está na hora!

O fim do reinado do PSD à frente dos destinos deste país está marcado para o dia 1 de Outubro.

Mas não basta só derrotar o PSD.

Está na hora de garantir que o próximo Governo e a próxima Assembleia da República assegurem de verdade uma nova política.

E para isso cada voto é importante.

Está na hora de votar CDU!

O voto seguro é o voto na CDU!

O voto útil é o voto na CDU!

O voto da Juventude é o voto na CDU!

Vamos dar a volta a isto!



Carlos Carvalho em Almeirim

«O PS não precisa nem merece os votos da esquerda»

Carlos Carvalho foi recebido em Almeirim, sábado à noite, num comício que reuniu algumas centenas de pessoas no Largo da Biblioteca. A Brigada Victor Jara coube o papel de animar os apoiantes CDU que ali se deslocaram, grande parte jovens, com as suas bandeiras, fitas e autocolantes. Acabada a música, as intervenções de Madeira Lopes, membro da ID, Manuela Cunha, Amândio Freitas, Luísa Mesquita e Carlos Carvalho entusiasmaram os presentes, que ora aplaudiam as propostas da CDU, ora assobiavam o PSD e o PS.



Mais uma vez, a juventude marcou presença no comício de Almeirim

«Dizer que o nosso país, após dez anos de governação do PSD, está em coma ambiental é uma realidade que todos podem constatar. As lixeiras proliferam, os rios, valas e ribeiros estão transformados em esgotos a céu aberto, secaram-se as fontes de Abrantes, o Tejo deixou de correr para o mar para ficar em Espanha e os pinhais, as oliveiras, os sobreiros e as laranjeiras arderam ou foram arrancados», verificou Manuela Cunha, do Partido Ecológico Os Verdes, questionando sobre a razão por que «o PSD não trocou ainda a laranja pela folha do eucalipto».

Amândio Freitas, segundo candidato pelo círculo de Santarém e presidente da Junta de Freguesia de Benfica do Ribatejo, adiantou que a primeira proposta da CDU no Parlamento será a da criação de uma comissão para a

regularização dos Vales do Tejo e do Sorraia, necessidade imperiosa para o desenvolvimento da economia em geral.

«Estamos já perto de colocar na urna o voto que vai definitivamente penalizar aqueles que tantas laranjas amargas têm enviado para as nossas casas.» Foi com estas palavras que Luísa Mesquita, a cabeça de lista, iniciou a sua intervenção de censura às políticas de «faz de conta» daqueles que no Parlamento Europeu e na Assembleia da República votam contra a agricultura portuguesa, a redução dos horários de trabalho ou o desaparecimento das propinas, das provas globais e do *numerus clausus*, mas que prometem o contrário durante a campanha eleitoral, apregoando as suas «paixões».

«A maioria absoluta do PSD termina todos os dias quando nas

casas dos portugueses imperam os salários em atraso, o trabalho precário e os recibos verdes ou quando a notícia da hora do jantar é «a minha empresa fechou e estou no desemprego». A maioria absoluta acabou quando os agricultores deixaram de servir para produzir e passaram a salvaguardar a terra, para que esta não seja cultivada», sustentou a cabeça de lista. E continuou: «Amargas são as laranjas também para quem quer saúde. No Hospital de Santarém, por exemplo, o décimo andar foi privatizado pelo PSD, com uma ajudinha do PS e do PP.»

Aludindo às baixas reformas, Luísa Mesquita contou que Mira Amaral, ministro da Indústria e primeiro candidato do PSD pelo distrito, mostrou, durante um debate em Torres Novas, que não sabia que existiam pensões abaixo dos 30 contos. «Deve ser por isso que os idosos podem ir de férias como mostra o anúncio. Na verdade, os reformados não têm dinheiro sequer para comer e viver com dignidade!»

«No pelotão da frente da moeda única e no carro-vassoura do desenvolvimento»

Esta terra de melões, da sopa da pedra, caralhotas e de bom vinho branco recebeu com grande entusiasmo Carlos Carvalho, que considerou que o comício do Campo Pequeno, em Lisboa, realizado nessa tarde, foi um bom augúrio para as eleições de 1 de Outubro e que confirma a grande adesão das populações à Coligação.

«Ainda anteontem foi aprovada no Parlamento Europeu uma resolução proposta pela CDU, solicitando à Comissão Europeia fundos para o repovoamento florestal e para um estudo sobre a prevenção de incêndios. Nenhum dos outros partidos portugueses o subscreveu, nem sequer lá estava para votar. Assim se pode ver como a CDU marca a diferença tanto na AR, como no PE, nos sindicatos e nas autarquias com uma posição coerente», exclamou o líder comunista.

Carlos Carvalho falou sobre as promessas do PSD de redução do horário de trabalho para 40 horas semanais, apesar de ter



O distrito de Santarém voltou a estar, no domingo, na rota de Carlos Carvalho, que almoçou com apoiantes no concelho de Constância (foto de cima), tendo passado antes pela Alpiagra, feira agrícola que se realiza anualmente em Alpiarça (em baixo)



chumbado a proposta que o PCP apresentou no Parlamento há alguns meses. «Prometem também a redução do desemprego. Mas não foi o PSD que há 4 anos falou na criação de cem mil postos de trabalho? E hoje temos meio milhão de desempregados, não contando com os emigran-

tes, com os que já desistiram de procurar emprego.»

«O Nogueira e o Guterres fazem-nos lembrar o miúdo do anúncio do Lego, em que promete, promete, promete. Eles prometem, mas não dizem a verdade ao povo. Se levarem à prática aquilo que defendem, o que tere-

mos será a redução das despesas sociais na saúde, no ensino, na cultura ou na segurança e habitação social, que levará à degradação social e à liquidação de mais empresas.»

«O PS vai ter muitos votos da direita, de cidadãos que já votaram no PSD e no CDS. Não precisa de votos da esquerda. Mais: não os merecem! Para se derrotar a direita não é preciso mudar de campo. Os deputados da CDU estão sempre entre os 116 que podem formar uma maioria no Parlamento. E é preciso votar na Coligação para os socialistas não poderem dizer que os eleitores lhes deram a maioria e que depois não se podem queixar», alertou o secretário-geral do PCP.

Relembrando que a introdução de *numerus clausus* no acesso ao Ensino Superior foi da responsabilidade de um Governo PS, Carlos Carvalho referiu-se a uma projecto do PCP apresentado na Assembleia da República, que prevê o fim destas barreiras em 3 anos, de forma «a dar condições de um filho de um pescador ou de um trabalhador rural de chegar ao mais alto grau de ensino».

A situação agrícola nacional também foi focada pelo dirigente do PCP, que considerou que, ao verificar-se que um terço do que se consome em Portugal são produtos estrangeiros, apenas se pode dizer que estamos «no pelotão da frente da moeda única e no carro-vassoura do desenvolvimento».

No domingo, ainda no distrito de Santarém, Carlos Carvalho visitou a feira de Alpiarça e participou num almoço com apoiantes em Constância.



Em Almeirim, à música popular da Brigada Victor Jara seguiu-se a intervenção de Luísa Mesquita, a cabeça de lista pelo círculo de Santarém



Carvalhas no distrito de Portalegre

CDU recolhe simpatia e adesão

A passagem de Carlos Carvalhas pelo distrito de Portalegre terminou domingo à noite com um animado comício no jardim público de Campo Maior. Várias centenas de pessoas, em que sobressaía mais uma vez a forte presença da juventude, receberam com entusiasmo os discursos da noite, que apelaram ao voto na CDU para recuperar o deputado perdido em 1991.

A multidão dançava ao som dos «Navegante», pois que «quem não dança é laranja», quando Carlos Carvalhas chegou ao local, acompanhado dos candidatos pelo distrito, dos presidentes das câmaras de Nisa e do Crato, do eurodeputado Joaquim Miranda e de vários dirigentes do Partido.

Para trás tinham ficado um jantar de apoiantes em Arronches, que juntou cerca de suas centenas de pessoas, e um encontro com a população de Montargil, frente à Casa do Povo.

A abrir as intervenções do comício de Campo Maior, a jovem candidata **Vitória Pinheiro** procurou apresentar as propostas da coligação para a juventude, nomeadamente no campo do ensino: «Para que não

anos de idade) lembrou alguns indicadores preocupantes: «Não só temos o distrito mais envelhecido e desertificado, como a própria taxa de desemprego é superior à média nacional».

Segundo acusou, «as empresas instalam-se neste distrito apenas para receber verbas do fundo social europeu para a formação profissional», após o que encerram as unidades e despedem os trabalhadores a quem deram formação.

«Todos aqueles que dizem que as empresas não se fixam no Alentejo por culpa das autarquias da CDU devem ter presente que os dois concelhos do distrito que mais população perderam nos últimos anos são geridos pelo PSD - são os concelhos de Sousel e o de Marvão».

Em contraponto surgem as

em que a CDU perdeu perto de cinco mil votos, vendo-se privada do deputado por Portalegre. Porém, e apesar do PS aumentar mais de 6 mil votos, o deputado perdido pela CDU não foi para para a bancada socialista, mas acabou por engrossar o grupo parlamentar do PSD.

Estas eleições, continuou, «não são para eleger o primeiro-ministro. São para eleger deputados. No distrito de Portalegre é a CDU que está em melhores condições para retirar o segundo deputado ao PSD e de levar à AR uma voz que com intransigência coloque nos lugares certos os problemas e os anseios da população do distrito». Desta forma, concluiu, «o voto útil da esquerda deve ser no dia 1 de Outubro na Coligação Democrática Unitária».

O cabeça de lista aproveitou a ocasião para fazer um pequeno balanço da campanha distrital da CDU, afirmando que «a uma semana das eleições estamos muito confiantes em que vamos colocar uma voz da CDU e do distrito na Assembleia da República e que vamos contribuir para uma nova polí-

tica para Portugal e para o nosso povo».

O primeiro dia do fim do PSD

Carlos Carvalhas começou por comentar o comício de âmbito nacional realizado naquele dia pelo PSD no Porto, o qual permitiu a um responsável social-democrata afirmar que do PSD «tinham dobrado o Cabo da Boa Esperança». Para Carvalhas, no entanto, o que o PSD tem pela frente «é o Cabo das Tormentas porque vão ser arredados do Poder».

Parafrazeando o poeta, Carvalhas disse, que «este é o primeiro dia do fim da governação do PSD que terminará no dia 1 de Outubro».

O dirigente comunista recordou as promessas de Cavaco Silva que há quatro anos dizia que ia criar 100 mil empregos: «O que ele criou foi 430 mil desempregados, muitos dos quais estão aqui mesmo em Campo Maior, aqui no distrito de Portalegre».

Falando também da falta de perspectivas para a juventude,



Recebido em peso pela população de Montargil que encheu a rua frente à Casa do Povo para ouvir o secretário-geral do PCP e os jovens candidatos pelo distrito de Portalegre

Carlos Carvalhas salientou com satisfação o facto de «neste dis-

trito envelhecido apresentarmos à população um lista jovem mas capaz que saberá defender e dignificar a região na Assembleia da República».

Carvalhas voltou aqui à aritmética eleitoral, insistindo que o que está em causa é a eleição de 230 deputados: «O partido mais votado pode até não formar governo se não conseguir formar uma maioria de deputados na Assembleia da República». Por isso, «o voto da CDU conta sempre em percentagem e em número de eleitos para derrotar o PSD e o CDS e colocá-los em minoria. Mas quanto mais deputados elegermos não só estamos a derrotar o PSD como estamos a derrotar a política de direita». É assim que o voto na CDU vale por dois, para derrotar o PSD e para derrotar a política de direita.



tenham de fora cerca de 70 por cento dos candidatos do distrito ao ensino superior público, defendemos a abolição do *numerus clausus* e um novo regime de acesso. Queremos um ensino superior sem propinas e com mais bolsas de estudo».

Mais adiante, **Luis Pargana** chamou a atenção para os principais problemas do distrito cujo futuro, disse, «se joga nestas eleições». Demonstrando os efeitos da política de direita do PSD em Portalegre, o jovem cabeça de lista (com apenas 27

autarquias da CDU que «têm criado riqueza, têm investido e permitido a fixação de empresas. É bom lembrar que a maior empresa deste distrito, a que mais postos de trabalho é a Elan, instalada em Ponte de Sôr durante a gestão da autarquia pela CDU».

Votar útil é na CDU

O candidato recordou de seguida as legislativas de 1991,



Luis Pargana, o jovem cabeça de lista por Portalegre, determinado a dar voz na AR aos graves problemas do distrito. Na foto à direita, o jantar em Arronches



Centenas de pessoas, muita juventude, alegria e animação no comício de Campo Maior

Candidatos com Carvalhas no Sotavento continuam batalha persistente no Algarve

■ DM

«Para que a vossa voz tenha mais força na AR»

Dirigindo-se aos jovens e idosos, às operárias conserveiras e aos pescadores, aos agricultores e empresários, às mulheres e aos trabalhadores, aos desempregados e aos defraudados das promessas laranja de 1991, Carlos Carvalhas, Carlos Luís Figueira e demais candidatos da CDU apelaram, na passada sexta-feira, ao voto «naqueles que convosco estiveram sempre, nas horas boas e nas horas más», e não apenas em tempo de eleições. É preciso votar nos candidatos da CDU «para que a vossa voz tenha mais força na Assembleia da República» - sublinharam em Olhão, Vila Real de Santo António, Tavira e Faro.

O apelo foi repetido desde os mercados de Olhão, até ao entusiástico encontro com as operárias conserveiras da Comalpe ou ao acalorado comício em que se transformou a sessão com reformados em Vila Real de Santo António. E foi particularmente oportuno em Monte Gordo.

Ainda pelo megafone se anunciava que vinha para junto da luta o secretário-geral do PCP para se encontrar com os pesca-

dores», já um de entre estes prometia que «a gente também quer conversar com ele». Carvalhas ouviu pouco depois um dos pescadores protestar contra a falta de apoios à modernização e a falta de condições para concorrer em igualdade com os vizinhos espanhóis, acabando as queixas com um «fale lá por nós, na Assembleia da República». Numa breve intervenção, Carlos Carvalhas recordou as graves consequências da política dos últimos anos no sector pesqueiro, referiu que a CDU está a levantar os problemas dos pescadores já durante a campanha eleitoral e, concluindo pela necessidade de uma nova política, sublinhou que «precisamos do vosso apoio para que a nossa voz tenha mais força».

A força que faz falta

No comício em Faro, que encerrou a jornada algarvia de Carlos Carvalhas, foi lembrado por Carlos Brito (eleito vários anos deputado do PCP pelo Algarve, tal como José Vitoriano e Margarida Tengarrinha, os quais igualmente se integraram na caravana que acompanhou



Carlos Luís Figueira e Carlos Carvalhas em Tavira, onde foram ouvidos por dezenas de pessoas que, nitidamente, ainda não estavam decididas a votar na CDU, mas que não deixaram de acenar em sinal de concordância com as posições da coligação

sexta-feira o secretário-geral do PCP) que «a ausência de um deputado eleito pela CDU se traduziu num grande vazio em relação à representação do Algarve na AR e à defesa dos interesses e dos problemas dos algarvios».

Também em contraponto ao que se passará com os candidatos que venham a ser eleitos pela CDU (é assumida claramente a aposta, pelo menos, na reconquista do lugar perdido em 1991), o cabeça-de-lista da coli-

gação, Carlos Luís Figueira, frisou em Faro que «não pode ser indiferente para os algarvios eleger deputados que, uma vez no poder, não mais se preocupam com os problemas da região; eleger deputados que no dia 2 de Outubro apanharão o primeiro avião para voltarem a instalar-se nos privilégios de Bruxelas, como acontecerá certamente com o cabeça-de-lista do PSD;

ou eleger deputados que fielmente executaram, aprovaram, propagandearam a política desastrosa deste Governo, como fez o sr. governador civil, agora segundo na lista do PSD. Importa saber se vamos eleger deputados que há 20 anos estão em São Bento, como o actual cabeça-de-lista do PS, e que se desconhece aquilo que fez pela resolução dos problemas da região. Deputados que

criticaram em palavras os abusos do poder central em relação às autarquias e que depois subscreveram de cócoras, sem luta e sem protesto, o que este poder central autoritário impôs desde o Terreiro do Paço. Deputados que vêm prometer para amanhã a regionalização que em 1989, em sede de revisão constitucional, entregaram de mão beijada, cedendo à pressão do PSD, como fizeram os deputados do PS. Deputados que nunca tiveram uma palavra de solidariedade, uma presença activa, sequer um pequeno estímulo, face às lutas dos trabalhadores da região, aos seus problemas e à sua angústia.

Diferente tem sido a postura das forças que integram a CDU, e os eleitores mostraram nas eleições autárquicas que «compreendem as nossas posições» e sabem que «o que prometemos, cumprimos», realçou Carlos Luís Figueira, apelando a que candidatos, apoiantes e activistas da coligação redobrem, até às eleições, o esforço de esclarecimento, convencimento e conquista de votos para a Coligação Democrática Unitária.

Mais razões para votar CDU

Apontadas por um conhecido empresário que é o segundo candidato pelo círculo de Faro

António José Boronha é um activista do movimento associativo empresarial na região (foi o primeiro presidente da Associação Empresarial do Algarve), intervém em actividades no âmbito da solidariedade social (sendo presidente regional da Unicef) e foi presidente do Sporting Clube Farense, onde deixou obra de valor reconhecido.

Antecipando-se a alguma surpresa que pudesse suscitar o seu actual posicionamento claramente à esquerda, apontou, ao intervir no comício de Faro, as razões que o levam, como independente, a candidatar-se e apelar ao voto na CDU.

Revificar e regionalizar

Para António José Boronha, o que está em causa no dia 1 de Outubro é «resolver os grandes problemas do País»: da juventude, dos idosos, da agricultura, dos pescadores... Foi sublinhada com aplausos a sua referência ao comentário fresco do presidente da associação de armadores, o qual, acerca da notícia de que viriam aí mais uns milhões de contos para repartir entre Portugal e Espanha, disse que *o que nós queremos é pescar, não queremos subsídios de miséria*. O candidato referiu ainda os problemas do turismo, da hotelaria e restauração — «o poder de compra é diminuto e todos se queixam» —, dos industriais — «aquí há sobretudo pequenos e médios industriais, e cada vez são menos», e «o que é

preciso é promover as nossas indústrias tradicionais» —, e do comércio — «precisa de ser reactivado».

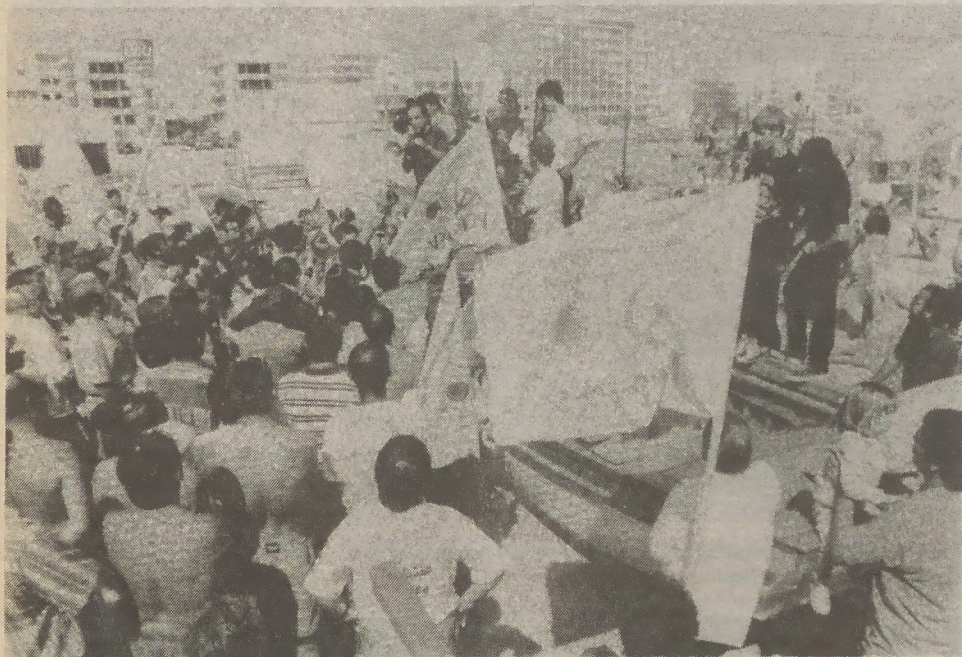
«Em suma, uma economia que tem de ser revificada por todos nós com uma política completamente diferente, não com uma política de

subordinação, de sujeição, de cócoras aos interesses e aos ditames das economias dos grandes países da Europa» — resumiu António José Boronha.

A regionalização é «uma necessidade e um desejo dos algarvios», mas «a única força que com coerência se tem vindo a bater pela implementação rápida, sem dificuldades mas com realismo, da Região Administrativa do Algarve, tem sido a CDU», sublinhou o candidato independente, que criticou

duramente o CDS — «não quer regionalização nenhuma, nunca pugnou por ela, é contra ela» — o PS — «em 1989 a direcção do PS cedeu ao PSD e deu de barato a regionalização do Algarve na revisão constitucional» — e o PSD — «ouço com grande espanto a candidatura do PSD pelo Algarve lutar pela regionalização - outra hipocrisia. Eu digo isto aos meus amigos candidatos pelo PSD: o PSD não tem hipóteses de fazer a regionalização no Algarve porque o PSD não quer a regionalização».

Serão, talvez, outros motivos, que não os mais conhecidos de quem analisa as posições da coligação pela rama ou pelo filtro de velhos preconceitos. São, certamente, mais razões para votar CDU no próximo domingo.



Aos pescadores de Monte Gordo, que lhe pediram para levar os seus problemas ao Parlamento, o secretário-geral do PCP pediu o apoio que dará mais força a quem sempre tem estado com os que produzem riqueza



As operárias conserveiras da Comalpe receberam em festa Carlos Carvalhas e a comitiva da CDU

«Vamos crescer!»

Convicção reafirmada por João Amaral em Matosinhos, depois de uma entusiástica jornada com Carlos Carvalhas no distrito do Porto

O secretário-geral do PCP esteve segunda-feira no distrito do Porto onde, acompanhado pelo cabeça-de-lista e outros candidatos, participou numa entusiástica jornada desta ponta final da campanha eleitoral.

A meio da tarde, Carlos Carvalhas e João Amaral, acompanhados por uma numerosa e acalorada comitiva de apoiantes e activistas, participaram numa *arruada* pelas ruas da *baixa* portuense, que terminou com uma concentração na Praça da Batalha.

À noite, em Matosinhos, teve lugar um comício que, segundo camaradas da organização, foi o maior realizado pela CDU nos últimos anos nesta cidade. Foi aqui que João Amaral afirmou a sua convicção de que «vamos crescer, no País e no distrito do

exige, primeiro, derrotar não só o PSD, mas também o CDS-PP», de modo a que ambos fiquem em minoria. João Amaral acusou o CDS de fazer «muita demagogia»: «Tantas mentiras e mentirolos, que bem se pode dizer que PP quer dizer *Partido das Petas*. Critica Schengen, mas votou a favor de Schengen na AR. Critica a política agrícola, mas votou a favor dos países do Norte da Europa fazerem vinho a martelo. Faz olhinhos ao mundo laboral, mas propõe na Assembleia despedimentos mais fáceis, a destruição das comissões de trabalhadores, limitações aos sindicatos. Chora as dificuldades dos portugueses, mas quer que o Estado acabe com o Serviço Nacional de Saúde, limite as despesas com a Segurança Social e entregue a educação a privados».



O maior comício realizado pela CDU em Matosinhos, que foi precedido pela actuação de Luís Portugal e sua banda e no qual a juventude marcou forte presença, acentuando as intervenções de Carlos Carvalhas, João Amaral e Renata Freitas (particularmente quando a jovem candidata se referiu ao acesso ao Ensino Superior e ao alastramento do emprego precário)



O desfile dos candidatos e apoiantes da CDU pela baixa do Porto começou em Cedofeita e terminou duas horas depois, com um breve e empolgante comício na Praça da Batalha. A recepção calorosa levou Carlos Carvalhas a afirmar, entre aplausos, que «as ruas do Porto disseram à CDU para ir em frente, deram mais força à alternativa de esquerda»

Porto, porque as pessoas querem mudança e só a CDU se empenha na mudança».

O cabeça-de-lista da coligação PCP-PEV pelo círculo do Porto começou por dizer que «Matosinhos não é uma coutada», «não é propriedade do Dr. Fernando Nogueira, que é co-responsável pela política de direita que atingiu duramente Matosinhos, nem é propriedade do sr. Narciso Miranda, que até já elogiou a política de direita do Governo de que fazem parte Cavaco e Fernando Nogueira».

Entre as consequências de tal política no concelho, João Amaral apontou a destruição da indústria, nomeadamente de construtoras e da metalurgia - «as empresas faliram, fecharam, foram para a especulação urbanística» - e o crescimento do desemprego - «entre Abril de 1993 e Abril de 1995, o desemprego aumentou em milhares e milhares de desempregados, a uma taxa de variação de 31 por cento».

«Derrotar a política da direita



Já no dia 17, a seguir ao comício que encheu o Palácio de Cristal, muitos apoiantes da CDU desfilaram pelas ruas do Porto, numa iniciativa espontânea reveladora do espírito que tem marcado a campanha eleitoral no distrito e que dá fundadas razões para as expectativas optimistas quanto ao aumento da votação e do número de eleitos

Mas «não basta» colocar o PSD e o CDS-PP em minoria, salientou João Amaral, alertando para o facto de comentadores e os próprios dirigentes do Partido Socialista «mostrarem que o PS, quanto à política económica e social, só promete continuar a mesma política do PSD», que teria inevitavelmente os mesmos resultados. O primeiro candidato da CDU pelo Porto citou uma entrevista saída nesse dia, em que Belmiro de Azevedo dizia não ver diferença nas políticas do PSD e do PS, mas apenas nos nomes das pessoas que apresentam, comentando de seguida que «o PS já não quer mostrar políticas diferentes, quer mostrar pessoas, quer engolir pessoas, como quiseram fazer com o sr. Pinto da Costa, mas parece que lhes ficou atravessado na garganta».

João Amaral reafirmou que «só a CDU marca a diferença»; logo, «para os que querem uma política de esquerda, de desenvolvimento, de criação de emprego, de promoção das condições de vida e de trabalho, o voto seguro é na CDU».

Greve na Ponte

A greve dos trabalhadores da Ponte poderá acabar assim que o Governo concretize as intenções que manifestou no decorrer de uma reunião realizada quinta-feira da semana passada.

De facto, após uma prolongada luta os trabalhadores conseguiram forçar o Governo a responder às suas reivindicações, nomeadamente a aposentação antecipada com um mínimo de 20 anos de serviço; a reclassificação profissional dos trabalhadores para outras carreiras; bem como a garantia de que a Lusopontes respeitará na íntegra todos os direitos e regalias dos trabalhadores da portagem que vier a admitir.

STAL reúne plenário nacional

As estruturas sindicais do STAL e do STML estiveram reunidas, quinta-feira passada, em plenário nacional, tendo decidido entregar a todas as forças políticas concorrentes às eleições as suas propostas reivindicativas, com o objectivo de «quem quer que venha a formar Governo compreenda e se prepare desde já para respeitar» as aspirações do sector.

Após o plenário, realizado no Teatro Villaret, os sindicalistas cortaram por alguns momentos o trânsito local, em protesto contra a falta de diálogo por parte do Governo PSD.

CM de Sintra retira regalias

Em luta estão também os trabalhadores da CM e dos SMAS de Sintra contra tentativa do executivo camarário de retirar as participações nas creches e infantários medida que a verificar-se afectará os orçamentos familiares de cerca de 300 funcionários da autarquia.

Recorde-se que já anteriormente a Câmara tinha suspenso o pagamento do subsídio de insalubridade, penosidade e risco, bem como tem vindo a arrastar o pagamento dos abonos de ajudas de custo, abono por falhas e os processos de mudanças de escalão. Na gaveta está ainda o projecto para atribuição do subsídio aos trabalhadores-estudantes, que aguarda aprovação desde Novembro do ano passado.

Câmara corta água à Foznave

A Câmara Municipal da Figueira da Foz cortou o abastecimento de água à Foznave, empresa da indústria naval a braços com uma grave crise, cujo funcionamento é mantido à custa de enormes sacrifícios dos trabalhadores que há três meses não recebem salários. O Sindicato das Indústrias Metalúrgicas e Metalomecânicas dos Distritos de Coimbra e Leiria condena a atitude da Câmara que «alinha descaradamente ao lado daqueles que só pretendem destruir postos de trabalho», sublinhando que em dívida estará um montante de pouco mais de uma centena de contos e que o corte de água ocorreu já depois de ter dado entrada no tribunal o processo especial de recuperação.

Torraltal hoje em Lisboa

Os trabalhadores da Torralta deslocam-se hoje a Lisboa para pedir responsabilidades ao Governo pelo incumprimento por parte da Limar Financeira das condições para a venda dos seus créditos. Esta situação veio gerar novo impasse no processo de recuperação da empresa, apesar de há dois meses atrás o Governo ter dito que tudo estava resolvido com a Limar. Os trabalhadores interrogam-se se se trata de «irresponsabilidade, má-fé ou brincadeira?»

Rodoviários em luta

Os trabalhadores das Rodovias do Tejo e de Entre Douro e Minho estiveram em greve no dia 22, sexta-feira. Na empresa cinditária da RN que serve os distritos de Leiria e Santarém, os trabalhadores lutam por aumentos salariais justos, depois de a administração ter alterado - só depois de outra greve e de forma ainda insatisfatória - a actualização de 3 por cento que havia imposto unilateralmente. Na Rodovia de Entre Douro e Minho «a administração impôs aumentos salariais de apenas 2,5 por cento, ao mesmo tempo que tem vindo a semear o terror e a intimidação» - refere ainda uma nota de imprensa da Festruc/CGTP, que denuncia tal comportamento como tentativa de vingança pela adesão, superior a 80 por cento, a uma greve efectuada a 28 de Julho.

A federação sindical do sector promoveu ainda no dia 22 um plenário geral de trabalhadores da Carris, durante toda a manhã, junto ao edifício da administração em Santo Amaro. Em discussão estiveram questões como o Regulamento de Carreiras, a violação de direitos e garantias por parte da administração e a proposta de revisão do Acordo de Empresa para 1996. O plenário à porta das instalações foi ainda uma forma de protestar contra a recusa da administração em autorizar a sua realização no interior.

Rectificações

Na última edição, na notícia sobre o encontro entre delegações da Sociedade Portuguesa de Autores e do PCP, dissemos por lapso que a delegação comunista era integrada por Helena Mesquita. Ora, como é evidente, referiamo-nos a Helena Medina, membro do Comité Central e da Comissão para a Área da Cultura.

Ainda no mesmo número, na reportagem sobre a festa-comício em Torres Novas, trocámos lamentavelmente o nome do grupo de música popular que actuou na ocasião. Tratava-se dos «Niger» e não

Bancários comunistas denunciam semelhanças PS/PSD

Reagindo à declaração produzida no semanário «Expresso» pelo presidente do Conselho de Administração da Caixa Geral de Depósitos (CGD), Rui Vilar, em defesa da privatização da empresa, o Organismo da Direcção dos Bancários de Lisboa da PCP alerta que tal decisão seria «desastrosa para a economia nacional».

Por outro lado, o organismo recorda que Rui Vilar transmitiu, em Maio passado, ao Grupo Parlamentar Comunista, opinião diversa da que agora defende.

Na base desta mudança de opinião, segundo afirmam os bancários comunistas, podem estar as orientações políticas do PS para a área financeira, partido do qual Rui Vilar é destacado militante. A confirmar-se esta hipótese estaria também explicado o estranho silêncio do Partido Socialista

quando, no Verão de 1993, o PSD decidiu subitamente transformar a CGD num Sociedade Anónima, assim como se compreenderia melhor «a conivência explícita da Tendência Sindical Socialista» com a recente tentativa de alterar o vínculo laboral dos trabalhadores da Caixa.

O organismo do PCP observa que «mais uma vez se prova que a política do PS é, no essencial, igual à do PSD e que as promessas do secretário-geral daquele partido não passam de mera demagogia eleitoral».

A política para o sector financeiro - defendem os bancários comunistas - «deve consubstanciar e desenvolver o Grupo Financeiro do Estado CGD/BNU/Fidelidade e suspender os processos de privatização do que ainda resta do capital público».

SBN trai

Uma nota da estrutura unitária UAM (Unir, Agir, Mudar) do Sindicato dos Bancários do Norte (SBN) acusa a direcção sindical de trair os interesses dos bancários e de violar as regras e os compromissos assumidos pelos órgãos sindicais, ao assinar o acordo colectivo de trabalho vertical (ACTV) que consagra cedências nos descontos dos novos bancários para os fundos de pensões e dos reformados para os SAMS.

Esta atitude da direcção do SBN (composta por membros do PS e do PSD) contraria uma decisão do Conselho Geral do sindicato tomada em Novembro de 94, que foi, na altura aceite pela direcção, recusando claramente subscrever o acordo assinado pelos Sindicatos dos Centros Sul e Ilhas.

Acontece que naquela altura decorria a campanha eleitoral

para os órgãos do sindicato e a direcção sindical estava interessada em fazer «alarde de um peito firme em defesa dos bancários», refere a nota da UAM.

Passado o acto eleitoral, depressa a direcção sindical procurou legitimar as cedências que tinha em mente promovendo dois referendos. Contudo, as consultas foram de tal forma irregulares que os órgãos sindicais nunca se atreveram a divulgar os resultados.

Foi durante o último mês de Agosto que a direcção do SBN, aproveitando o período de férias e sem ouvir ninguém, tomou a iniciativa de enviar uma carta às entidades patronais a solicitar a marcação de local e data para assinar o ACTV, dando assim razão àqueles que há muito alertavam para o perigo de a direcção, após as eleições, aproveitar a primeira oportunidade para trair os interesses dos bancários do Norte.

Frenesim das inaugurações causa acidente em Valongo

Em comunicado, a Federação dos Sindicatos dos Trabalhadores Ferroviários Portugueses repudia «a estafada cassete da falha humana a que a CP recorre sempre que acontece um acidente ferroviário».

Para a Federação, o acidente ocorrido no passado sábado em Valongo, do qual resultaram 43 feridos, é consequência da decisão do Conselho de Gerência de «colaborar activa e nervosamente na campanha eleitoral, em prol do PSD». Para tanto, prossegue a nota, «tratou de

acelerar todas as obras em curso, para inaugurar uma semana antes das eleições. E com todo este frenesim eleitoralista, que custou à CP centenas de milhares de contos em publicidade, só por sorte não se registaram mais acidentes, porventura com consequências graves».

A Federação considera que a «duplicação da linha do Douro é uma obra necessária, mas a mesma dever ser aberta à circulação desde que esteja definitivamente pronta e reúna todas as condições de segurança».

Mais eleitoralismos...

Ainda na passada semana, o Sindicato dos Trabalhadores Função Pública do Sul e Açores denunciou um outro exemplo escandaloso de utilização de dinheiros públicos para a campanha eleitoral do PSD. Desta vez, tratou-se de um congresso de dois dias promovido pela Administração Regional de Saúde de Lisboa e Vale do Tejo, cuja parte significativa foi preenchida com alocações dos ministros/candidatos do PSD.

O congresso foi assim aberto com uma intervenção de Durão Barroso, cabeça de lista do PSD por Lisboa, seguindo-se Carvalho Rodrigues, conhecido como inventor do satélite português e que foi candidato do partido do Governo nas eleições europeias, sendo os trabalhos encerrados com o discurso de Mira Amaral, o ministro da Indústria, que como se sabe é cabeça de lista por Santarém.

Desconhece-se apenas se, com tais «especialistas» na matéria, o congresso chegou a abordar os graves problemas de saúde que existem na região.

Protesto na Suíça contra um "novo estatuto de escravos"

Centenas de delegados de várias federações sindicais e representantes de organizações estrangeiras, participaram em Berna, Suíça, numa jornada de protesto promovida pela União dos Sindicatos Suíços (USS), contra o actual estatuto do trabalhador temporário, denunciado como desumano e economicamente contraproducente, um "novo estatuto de escravos".

Este estatuto atinge, nomeadamente, cerca de 20 mil portugueses.

O Conselho Federal (governo suíço) pretende que, com o projecto de um novo regulamento, limitando o número de estrangeiros, desaparecem automaticamente as questões que se colocam com o actual estatuto. Mas a opinião dos emigrantes é de que se mantêm

as discriminações fundamentais: impossibilidade de reagrupamento familiar, de mudança de local de trabalho ou de cantão de residência.

No debate promovido pelos sindicalistas foi aprovada uma resolução, dirigida ao governo suíço e um Apelo ao eleitorado suíço, que deverá ir às urnas a 22 de Outubro para eleger um novo Parlamento.

No Apelo refere-se que "numerosos são os suíços, hoje confrontados - alguns pela primeira vez na vida - com perspectivas incertas, partilhando assim a sua sorte com a de muitos imigrantes" e sublinha-se a necessidade de trabalhadores suíços e estrangeiros "caminharem lado a lado".

O documento apela ao voto nos candidatos verdadeiramente

empenhados na luta contra o racismo e a xenofobia, por uma verdadeira política de

integração e pela abolição do estatuto do trabalhador temporário.



Encontro PCP-SEP

Uma delegação do Sindicato dos Enfermeiros Portugueses foi recebida na semana passada (dia 21), no centro de trabalho da Soeiro Pereira Gomes, pelos camaradas Edgar Correia e Jerónimo de Sousa, membros da Comissão Política do PCP. O SEP esteve representado pelas suas dirigentes Isabel Sanches e Natália Filipe.

Campanha Nazi do PP

O Partido Ecologista «Os Verdes» vem a público denunciar a ocorrência de saudações nazis num comício do PP realizado na passada semana, «feitas por jovens integrantes da comitiva de Manuel Monteiro, perante o seu silêncio cúmplice». Numa nota à imprensa, «Os Verdes» consideram que este incidente, além de evidenciar «a total falta de vergonha e hipocrisia dos políticos do PP», vem mostrar que «sobre o populismo fácil se esconde o ódio, a violência, o racismo, a intolerância e a xenofobia, que Manuel Monteiro já tinha deixado transparecer em posições anteriores».

Os ecologistas exigem ainda uma tomada de posição da Comissão Nacional de Eleições sobre este caso.

PS e PSD faltam a debate

José Soeiro, cabeça de lista da CDU por Beja, foi o único participante que compareceu no debate do passado sábado organizado pela Rádio Castrense e pela Revista Imenso Sul. António Saleiro, do PS, e Teresa Patrício Gouveia, do PSD, ficaram a distribuir propaganda nos mercados, o que, segundo um comunicado da Coligação, «evidencia o medo de se verem confrontados com as graves responsabilidades que lhes cabem na dramática situação que se vive no distrito e com a falta de credibilidade das suas propostas». E conclui: «É mais fácil fazer política-espectáculo, distribuindo sacos de plástico e aventais ou seguir atrás de um grupo de bombos, do que participar num debate de ideias e projectos, onde a mentira e a demagogia que os anima podem ser facilmente desmascaradas.»

Propaganda enganosa do PS

A Comissão Coordenadora de Alcobaça da CDU, numa nota à comunicação social, vem pedir o fim da distribuição de um desdobrável do PS, que, «de forma iníqua e instrumentalizadora», contém o apelo ao voto no PS de Hélder Cruz, membro da Comissão Concelhia de Alcobaça do PCP e publicamente conhecido como apoiante da Coligação. A comissão acrescenta que, aquando dos Estados Gerais do PS, Rogério Raimundo, candidato à AR pela CDU, foi alvo de um processo semelhante.

Manobra de diversão em Braga

A CDU confirma integralmente o conteúdo de um documento distribuído em Braga, em que se relata a declaração do presidente da Câmara Municipal local, Mesquita Machado, afirmando não acatar a deliberação da Comissão Nacional de Eleições e chamando aos seus membros «juízes pataratas de Lisboa que não mandam em Braga». À queixa apresentada nos Tribunais pela Câmara contra o documento, a CDU responde que, com esta manobra de propaganda, pretende-se apenas fugir às legítimas acusações da Coligação quanto à retirada ilegal de painés e à tentativa de impedir o comício do passado dia 15, ilegalidades pelas quais Mesquita Machado terá de responder.

Intimidação em Reguengos

O Presidente da Câmara de Reguengos de Monsaraz e candidato a deputado do PS, Vítor Martelo, boicotou no passado dia 26 uma iniciativa eleitoral da CDU nos estaleiros da Câmara, devidamente autorizada pelo Presidente em exercício. Vítor Martelo, com o mandato suspenso como obriga a legislação em vigor, compareceu nos estaleiros antes da chegada dos candidatos da CDU, numa atitude provocatória e com propósitos claramente intimidatórios para os trabalhadores, grande parte dos quais contratados a prazo. Apesar da intervenção do cabeça de lista da CDU ter começado muito antes do início do horário de trabalho, foi abruptamente interrompida por um dos encarregados presentes que, sob o olhar de Vítor Martelo, acelerou a deslocação dos trabalhadores para os transportes camarários. Denunciando este comportamento antidemocrático, revelador dos receios do PS quanto aos resultados eleitorais, a CDU salienta que só uma forte votação na Coligação e o reforço da sua representação parlamentar permitirá que seja viabilizada uma alternativa democrática, uma política de esquerda.

Marinas a mais, ambiente a menos

"Desastrosa" é a classificação dada pelo Partido Ecologista "Os Verdes" à decisão do Governo, apoiada pelo PS, de construir uma marina com capacidade para 600 embarcações na Baía de Cascais.

"Os Verdes" recordam que o projecto foi anunciado sem se ter procedido a estudos de impacto ambiental, o que significa que se desconhecem os reflexos de tal obra "quer para a paisagem, quer para o equilíbrio ecológico de uma zona que até na perspectiva da actividade turística que desenvolve deveria preocupar-se em manter padrões de elevada qualidade ambiental".

Grandes iniciativas marcadas em todo o País

Vamos em força para a ponta final!

Hoje à noite em Lisboa, amanhã em Almada e no Porto

O período oficial de campanha eleitoral termina amanhã às 24 horas. Para candidatos, activistas e apoiantes da CDU chega ao fim um longo e intenso período de esclarecimento, convencimento e conquista de mais votos para a coligação PCP-PEV.

Depois de grandes momentos vividos nos vários distritos e com impacte nacional, como o comício da Festa do «Avante!» ou as enchentes do Palácio de Cristal e do Campo Pequeno, é com confiança e entusiasmo que comunistas, «verdes» e independentes arrancam para as iniciativas da ponta final da campanha.

Remetendo para a agenda (pág. 27) uma informação mais detalhada, destacamos os comícios-festa de hoje, a partir das 21.30 horas, na Praça da Figueira, em Lisboa (em que intervêm, entre outros, Carlos Carvalhas e Luís Sá), e de amanhã, à mesma hora, em Almada (Praça S. João Baptista, com intervenções de Carlos Carvalhas, Octávio Teixeira e outros candidatos) e no Porto (Praça General Humberto Delgado, com intervenções de Álvaro Cunhal e João Amaral).



Uma calorosa recepção popular marcou a jornada da CDU anteontem em Lisboa. Carlos Carvalhas, acompanhado por candidatos, apoiantes e activistas da coligação, desceu a pé do Mercado de Arrolos até à Praça da Figueira, recebendo inúmeras expressões de apoio e de intenção de voto na lista que o secretário-geral do PCP encabeça. À tarde, participou numa animada festa de idosos e reformados, no largo junto ao Mercado Rosa Agulha, em Alcântara, onde reafirmou as propostas da CDU que figurarão na Carta dos Direitos das pessoas idosas, a apresentar no parlamento logo depois das eleições. Carvalhas almoçou no refeitório da Câmara Municipal de Loures e participou à noite num comício em Alverca

Entusiasmo em Évora e Beja

Carlos Carvalhas foi recebido com manifestações de entusiasmo e confiança no aumento da votação na CDU, quando na semana passada se deslocou aos distritos de Évora (dia 20, na foto) e Beja (dia 21), para participar em várias acções da campanha eleitoral, acompanhado pelos cabeças-de-lista da coligação (respectivamente, Lino de Carvalho e José Soeiro). As jornadas das passadas quarta e quinta-feira terminaram com grandes comícios nas capitais de distrito.



Artes Plásticas no Porto

Está patente ao público, até ao final do mês, no Espaço-Convívio CDU no Porto, uma exposição colectiva de Artes Plásticas, constituída por obras oferecidas ao PCP no âmbito da Campanha Nacional de Fundos «150 mil contos para o Partido».

Nesta iniciativa participam Acácio Carvalho, Alfredo Barros, Alfredo Martins, Álvaro Vasconcelos, Américo Moura, Ângelo de Sousa, António Fernando, António Pina, Carlos Bar-

reira, Carlos Cacelinha, Cristina Valadas, Dino dos Santos, Elsa César, Fernando Oliveira, Gémeo Luís, Gémeo Rui, Guilherme Castro, Guima, Henrique do Vale, Zaida Moss, Henrique Silva, Isabel Cabral e Rodrigo Cabral, Isabel Curado, Joaquim Álvares Sousa, Jorge Pinheiro, José Constantino, José Paiva, José Rodrigues, Júlia Pintão, Manuel Dias, Manuela Bronze, Margarida Leitão, Miguel D'Alte, Nádia Petrovna, Nuno Gandra, Paulo Hernani, Roberto Machado e Susana Nogueira.

■ **Edgar Correia**
Membro
da Comissão Política

Por uma política de

Com a campanha eleitoral entrada na fase dos derradeiros lances dramatizadores, justifica-se tentar recentrar o olhar nos aspectos substantivos das orientações políticas propostas e nas consequências políticas que poderão resultar destas eleições.

Não se ignora que é um esforço contra a corrente. Tanto mais quanto a crescente mediatização da disputa eleitoral e a sua manipulação pelos poderes económicos e políticos, ao invés de favorecer o conhecimento e o debate das posições das várias forças, tem vindo a acentuar a «política-espectáculo», a fulanização desmedida das opções e a tornar cada vez mais voláteis as referências de muitos eleitores.

Factos que não retiram razões, à esquerda, antes acrescentam, para que continuemos a dar prioridade ao debate esclarecedor das propostas e das ideias, como componente essencial — no presente e para o futuro — da intervenção e do combate político que seguramente mais interessam.

O longo período de pré-campanha e a campanha eleitoral confirmaram a gravidade da situação nacional e a amplitude dos desafios com que Portugal está confrontado.

E se é certo que a presente disputa eleitoral, apesar de todas as manobras bipolarizadoras, acabou por ser marcada pela intervenção das quatro principais forças e pelo confronto dos seus objectivos eleitorais, no plano das propostas políticas apresentadas ao país a arrumação é claramente distinta.

Afastadas as densas folhagens demagógicas, os propósitos generalistas ou simplesmente falsos, descodificadas as principais propostas dos programas eleitorais do PS, PSD e CDS/PP e postas em confronto com as propostas apresentadas pelo PCP, torna-se evidente que as duas grandes vias políticas estão de facto abertas perante o povo português.

À esquerda, é o rumo de uma nova política, que o PCP apresentou ao povo português no seu programa eleitoral. E que integra um conjunto coerente de linhas e medidas, contrapostas criticamente à política de direita, que contém uma inovadora resposta nacional e de esquerda aos complexos problemas — velhos e novos — com que a sociedade portuguesa está confrontada no limiar do novo século. É o rumo de uma nova política, de uma política de esquerda para Portugal, que, para além da sua função eleitoral, constitui um elemento definidor do conteúdo político da alternativa democrática e um ponto de apoio essencial para a agregação de forças e a mobilização de energias que a sua construção envolve.

À direita é a via da continuação, no essencial, da política que tem sido seguida até aqui. E que sem negar diferenças existentes em aspectos pontuais entre o PS e o PSD, se identifica claramente na convergência das orientações de fundo que ambos os partidos apresentam ao país, e de que o CDS/PP, de uma forma mais crua, igualmente se reclama.

Sendo os problemas e a crise nacional resultantes do fracasso da política de direita seguida e da opção por um «modelo» económico e social desajustado das necessidades e potencialidades do país, a continuação no essencial da mesma orientação política — por diferentes que o sejam o estilo e os executantes — não é a via para enfrentar com sucesso os graves problemas existentes. E é seguramente o caminho para levar a um agravamento ainda maior da situação económica e social, para acentuar vulnerabilidades e atrasos estruturais e tornar irreversível a periferização do país no quadro da União Europeia.

A revisitação de propostas que as principais forças políticas apresentaram em relação ao emprego/desenvolvimento, às questões europeias e às questões sociais permitirá certamente alguns sublinhados no quadro das opções políticas em presença.

Emprego/desenvolvimento

O PSD proclama no seu programa eleitoral que o «essencial são as pessoas» e que «criar emprego constitui a (sua) primeira prioridade».

Palavras que não têm qualquer credibilidade vindas de um partido que há quatro

anos, nas legislativas de 1991, também prometia «um ritmo de criação de empregos produtivos consistente com (...) uma situação de virtual pleno emprego», e que com a sua política o que fez foi disparar o desemprego.

O facto do número de desempregados já atingir a trágica cifra dos 421 mil, metade dos quais se encontram numa situação de desempregados de longa duração (IEFP, Julho de 1995), e dos sucessivos planos de combate ao desemprego anunciados pelo PSD à aproximação dos diversos actos eleitorais terem tido invariavelmente um efeito oposto ao proclamado, não permitem que a repetição do mesmo receituário suscite novas ilusões.

Quanto ao PS, em vez de chamar ao emprego a sua «primeira prioridade», como o PSD, fala em «objectivo estratégico». Ficam por aí as diferenças principais...

Em relação às medidas no domínio do emprego, apesar do PS invocar a necessidade de um «desafio muito especial à imaginação» e de sustentar «que não podem ser apenas medidas banais, como o têm sido sob o Governo do PSD», a realidade é que as propostas socialistas não se afastam do mais banal receituário cavaquista. É a «concertação social estratégica» (quem não recorda as promessas de aumento do emprego em troca da chamada «moderação» salarial?); a «flexibilização positiva do trabalho nas empresas»; a criação de postos de trabalho pelos próprios desempregados (com «programas de apoio à criação de empresas adaptadas a diferentes tipos de candidatos») e com a «difusão de competência para a iniciativa empresarial»; a «flexibilização e redução progressiva do tempo de trabalho» e a «partilha do posto de trabalho»; sem esquecer o estímulo à «mobilidade entre trabalho/formação/outras actividades ao longo do ciclo da vida».

E é também, com um lugar destacado nas propostas do PS, a panaceia do «mercado social de emprego», como se fosse possível combater um fenómeno com a dimensão que o desemprego atinge em Portugal, através fundamentalmente da criação de postos de trabalho nas áreas da protecção do ambiente e do apoio aos idosos.

Ora o anúncio de uma política de emprego, quer por parte do PS quer do PSD, com a manutenção de uma política económica oposta à concretização de tal objectivo, ainda por cima associada a uma política de flexibilização laboral (que o CDS/PP subscreve entusiasticamente), representa um verdadeiro logro político.

Porque não é possível combater eficazmente o desemprego, prosseguindo a mesma política e acentuando os mesmos factores que o determinam.

Uma política económica — como a anunciada pelo PS e pelo PSD — submissa ao dogma da participação de Portugal na União Económica e Monetária; subordinada aos rígidos critérios de convergência nominal de Maastricht e à moeda única europeia em 1999; colaborante activa na destruição do sector produtivo nacional; que identifica competitividade económica com a intensificação da exploração e a «libertação» da mão-de-obra; que prossegue as privatizações e a protecção das actividades especulativas e parasitárias; — é uma política que para além de não fomentar o crescimento económico conduzirá inevitavelmente a um nível muito maior de desemprego do que aquele que já se verifica actualmente no nosso país.

É por isso que o PS, nas entrelinhas do seu programa eleitoral, vai escrevendo que a política de emprego «enfrentará condições difíceis em Portugal», que exigirá uma «cultura da co-responsabilidade» e um «esforço redobrado de concertação estratégica entre o governo, os partidos e todos os agentes do desenvolvimento». Ao mesmo tempo que vai adiantando a ideia de que «nos sectores expostos à concorrência internacional não é mais possível continuar a adiar reestruturações para proteger postos de trabalho»...

Contrariamente e em oposição a esta política, o PCP assume no seu programa eleitoral que o combate eficaz ao desemprego exige um conjunto de medidas coordenadas e integradas no plano económico e social inseparáveis da concretização de uma nova política económica.

Uma nova política económica que coloque como objectivo essencial o crescimento económico acelerado, que trave os processos destrutivos na agricultura e nas pescas e a desindustrialização do país, que consiga estancar os despedimentos, aumentar o emprego e reduzir rapidamente o desemprego.

Uma nova política económica que assegure uma mais equitativa repartição da riqueza e melhore as condições de vida dos portugueses, e assegure um crescimento não excessivamente dependente da conjuntura externa e das exportações.

Porque não é com uma política de mão-de-obra barata e de baixa qualificação, como a que tem existido, que é possível desenvolver o país. É pelo respeito pelos direitos sociais e pelo aumento do nível de vida dos trabalhadores e de outras camadas laboriosas, e dos reformados e pensionistas, que seguramente se reúnem as condições essenciais para dinamizar a sociedade portuguesa e fomentar o crescimento do consumo interno, imprescindível alavanca do desenvolvimento económico.

A questão europeia

Quando o PSD louva os méritos das «políticas macro-económicas seguidas nos últimos anos» por terem recusado «a via da facilidade», reconhecendo em registo epopeico que «foi duro este percurso, mas valeu a pena» e que «foi difícil, mas foi possível», a que distância se situa do país real! E como se manifesta insensível à crise existente quando assume como «pressuposto» do seu programa eleitoral a «proposta aos portugueses de que vale a pena cumprir os critérios de convergência para que Portugal ainda antes do fim do século integre o grupo da frente da Europa Comunitária» e cumpra o «desígnio estratégico» de integrar a terceira fase da União Económica e Monetária!



esquerda em Portugal

Esta interligação entre a política de direita levada a cabo pelo PSD (e cujo «modelo» económico e social se saldou ao fim de uma década por um fracasso com pesadas consequências nacionais), as opções realizadas em matéria de política europeia, com os desenvolvimentos e aprofundamentos decorrentes do Acto Único e do Tratado de União Europeia de Maastricht, e a atitude cada vez mais subalterna e subserviente do governo português no quadro comunitário, constituem matéria para imperativa reflexão dos portugueses.

Neste ponto fulcral que condiciona objectivamente toda a capacidade de desenvolvimento do país, a opção fundamental que o PS propõe ao país não se distingue da do PSD: «uma aposta decidida, desde já, na participação de Portugal na União Económica e Monetária, a partir de 1999», acedendo à terceira fase, a da moeda única europeia.

O PS vai já alertando para os sacrifícios: «não será um caminho fácil», e «vai exigir, nomeadamente, na primeira metade da legislatura, um esforço redobrado de concertação estratégica». É caso para se pensar que espera pouco daquilo que designa por «círculo virtuoso», o círculo imaginário que postula que deve passar a haver «entre a convergência real e a convergência nominal»...

Assumindo a «soberania como valor fundamental da nação», não numa (impossível) perspectiva isolacionista mas, pelo contrário, «como condição essencial ao reforço da capacidade de decisão estratégica residente no nosso país e da afirmação dos interesses de Portugal e dos portugueses num contexto de acrescidas interdependências à escala internacional e de profundas mudanças», o PCP assume no seu programa eleitoral uma orientação diametralmente oposta à política de integração europeia sustentada pelo PS e pelo PSD.

Nessa posição do PCP são de sublinhar, entre outras posições, a concepção de que Portugal deve participar na CE e da União Europeia no quadro de uma política de cooperação, de igualdade soberana dos Estados e de vantagens dos povos e dos países; a necessidade do ajustamento do estatuto de cada país à vontade do seu povo e à sua real situação; a verificação de que a política de convergência nominal prejudica o crescimento económico e o emprego; e a defesa, entre outras orientações a sustentar no decurso do processo que se inicia no próximo ano de revisão do Tratado de União Europeia (cujo texto se defende que seja objecto de consulta popular através de referendo) de reconsideração da União Económica e Monetária e das políticas comuns e orientações económicas que lhe estão associadas, e a ruptura com as orientações monetaristas e neoliberais com o abandono das actuais metas e prazos da convergência nominal e a rejeição de uma moeda única.

A questão social

A acentuada degradação da situação social — em que ao desemprego se somam a crescente precarização do trabalho e o desrespeito pelos direitos dos trabalhadores, as dificuldades que atingem reformados e pensionistas, o alastramento das manchas de pobreza e de exclusão social — constitui uma realidade que urge ser invertida. E a política dos governos do PSD, conducentes à desresponsabilização do Estado na área das suas funções sociais — designadamente na saúde, na educação, na segurança social — contribuiu para acentuar ainda mais as desigualdades que dilaceram a nossa sociedade e as profundas carências com que se debatem muitos portugueses.

Que o PSD afirme agora que, para si, «o princípio e o fim da política são as pessoas, ao serviço das quais se encontra o Estado-Cidadãos», «um Estado mais verdadeiro e eficaz para cidadãos mais solidários», isso são apenas palavras que o vento leva...

Bem menos inocentes são as afirmações de que «a função social do Estado não é ajudar todos os cidadãos por igual, mas ajudar os que verdadeiramente carecem de apoio e protecção» e de que importa substituir a «aplicação universal dos benefícios e prestações sociais» por «critérios mais selectivos que beneficiem efectivamente quem mais precisa.

Isto em linguagem CDS/PP tem obviamente uma tradução mais brutal. Como aconteceu na última e abortada revisão da Constituição, quando propôs a eliminação das referências aos direitos universais à saúde, à segurança social e à habitação; ou agora, em sede de programa eleitoral, quando atribui ao Estado a «responsabilidade» de apoiar o «sector privado social» e proclama taxativamente o objectivo de «acabar com a universalidade na segurança social».

Quanto ao PS são igualmente notórias as contradições entre as preocupações enunciadas (e que enchem da temática da solidariedade muitas das páginas do programa eleitoral) e as soluções de recorte neoliberal que são depois assumidas na parte económica e no próprio domínio das funções sociais do Estado.

Que neoliberal desdenharia da tese do PS que, em nome da superação de «uma relação de perversa interferência do Estado na vida económica», sustenta cruamente a ideia de que «a divisão entre o Estado e o mercado basear-se-á no princípio geral de que a afectação de recursos é realizada pelo mercado» e de que «o governo não perde tempo nem gasta recursos com problemas que lhe não competem ou não pode resolver»?



Na área da saúde, a extensa coincidência entre as políticas do PS e do PSD tomou possível que o Ministro da Saúde — diga-se que com razão — acusasse o PS de ter plagiado a política do seu Ministério.

Defende por exemplo o PSD «a transformação gradual do financiamento do Sistema Nacional de Saúde num sistema misto» — o que traduzido quer dizer que a maior parte dos utentes do Serviço Nacional de Saúde, além do que já pagam através dos impostos, deverão custear directamente do seu bolso uma parte significativa da prestação dos cuidados de saúde?

Pois o PS propõe basicamente o mesmo, ao defender que o acesso gratuito seja limitado aos «actos de saúde pública» (vacinações, etc.) e aos «cuidados clínicos essenciais», sendo que a «extensão do pacote dos cuidados essenciais» é definida anualmente pelo governo e «compatível com as receitas do SNS»...

Sustenta o PSD «o alargamento da privatização da gestão das unidades de saúde e de serviços» e o «desenvolvimento de regimes de convenção com o sector privado»?

Pois o PS propõe basicamente o mesmo ao prever a possibilidade de «concessão da gestão» dos estabelecimentos públicos de saúde a «empresas privadas» e ao defender que as Administrações Regionais de Saúde deverão celebrar «acordos ou convenções com as unidades de saúde públicas, particulares e privadas» em igualdade de condições...

Também na Segurança Social a convergência das políticas entre o PSD e o PS marca o sentido essencial das propostas dos dois partidos — e que o CDS/PP em geral acompanha de forma mais extrema.

É a destruição da universalidade do sistema público de segurança social e a retirada de direitos em nome da selectividade. É a valorização, em alternativa, de sistemas complementares de segurança social de natureza privada. E quanto à idade da reforma, embora o tema tenha ficado na penumbra durante a campanha eleitoral, é oportuno relembrar que o PSD já anunciou há meses planos para a elevação dos 65 para os 67 anos e que o PS, no programa eleitoral, vai adiantando à sorrelfa a necessidade de estudar «alterações à idade legal de reforma».

Não deixa, aliás, de ser significativo que se encontre no CDS/PP a mais clara defesa da «técnica dos plafonds», que o PS e o PSD igualmente sustentam. E que consiste na introdução «de um tecto (plafond) salarial para efeitos de quotização obrigatória para a segurança social estatal», apesar da diminuição de receitas que esta teria através da transferência de uma parte dos rendimentos dos trabalhadores para complementos de pensões privados, cujo ulterior formato obrigatório seria estabelecido. Isto além de permitir às empresas a «diminuição do preço relativo dos quadros médios e superiores»...

Para o PCP, a melhoria das condições sociais é assumida como um importante objectivo, mas também e simultaneamente como um factor decisivo de desenvolvimento.

A concretização dos direitos sociais (designadamente através das funções redistributivas que lhe estão associadas) implica naturalmente absorção de recursos. Mas para além dos benefícios individuais e sociais que proporciona, ela é também geradora de condições de progresso e tem provados e extensos efeitos positivos na esfera económica.

Compreende-se assim a oposição de fundo do PCP às opções neoliberais que têm caracterizado a acção dos governos do PSD e às orientações fundamentais que o PSD, o PS e o CDS/PP de uma forma ainda mais vincada, apresentam nos seus programas eleitorais. E a crítica que fazemos em relação ao desinvestimento social e à crescente desresponsabilização do Estado em relação às suas funções sociais.

O PCP assume uma nova política inequivocamente comprometida na esfera social com orientações tais como: crescimento dos salários reais dos trabalhadores e melhoria dos rendimentos das restantes camadas laboriosas; combate ao desemprego, ao trabalho precário e a outras formas de desregulação das relações de trabalho; redução para as 40 horas semanais do horário máximo de trabalho; defesa, reforço e aperfeiçoamento dos sistema público de

segurança social, efectiva elevação das prestações sociais (nomeadamente das reformas e pensões mais degradadas, assegurando que as pensões mínimas não sejam inferiores a 60% do salário mínimo nacional, e também do abono de família), implementação de um rendimento mínimo de subsistência suportado directamente pelo Orçamento do Estado; defesa e reforma do Serviço Nacional de Saúde, de modo a que seja assegurada a prestação gratuita de cuidados de saúde, da mais alta qualidade, a todos os cidadãos; efectiva garantia do direito à segurança, higiene e saúde dos trabalhadores; existência de habitação condigna para todos os portugueses; justiça fiscal como parte integrante da justiça social; prevenção activa da toxicod dependência e combate ao tráfico de drogas; garantia dos direitos constitucionais da família, dos pais e mães, das crianças, da juventude, dos deficientes, das pessoas idosas; promoção de um ambiente de vida humano, sadio e ecologicamente equilibrado, designadamente através da requalificação da vida nas cidades e do combate à desertificação do interior.

Votar na CDU

Nas legislativas de 1 de Outubro, a possibilidade de ficar aberto caminho a uma real mudança política e a uma verdadeira alternativa democrática é inseparável de dois resultados fundamentais: a derrota eleitoral do PSD e a colocação do PSD e do CDS em minoria na Assembleia da República e o significativo reforço da votação na CDU e da representação parlamentar do PCP.

A política de direita, como comprovadamente já o demonstrou, não tem saída para os problemas sociais e para o quadro de dificuldades em que precipitou o país.

Sem ilusões quanto à facilidade do caminho e à necessidade do prosseguimento ulterior da luta no plano político e social, é com uma política nacional e de esquerda que existe resposta para os problemas dos trabalhadores e das restantes camadas laboriosas, para os problemas do nosso país. Essa é uma demonstração política que a campanha do PCP e da CDU já alcançaram.

EUA

O Senado norte-americano aprovou um projecto de orçamento que põe em causa fundamentalmente o esquema de assistência social existente. O Senado aprovou um corte de 180 mil milhões de dólares para as despesas sociais. A Câmara de representantes já tinha aprovado também um corte da ordem dos 270 mil milhões de dólares. Na prática estas medidas significam que pelo menos 37 milhões de pessoas com mais de 60 anos não têm garantida a assistência médica por parte do Estado e cerca de cinco milhões de famílias monoparentais - essencialmente constituídas por mulheres negras e hispânicas e seus filhos - deixarão de ter direito a uma ajuda social mínima.

Espanha

Dezenas de milhar de pessoas manifestaram-se em Sevilha para protestar contra um plano de reestruturação dos estaleiros navais públicos, que previa a supressão de 4.200 postos de trabalho num total de 10.000 trabalhadores. Os dirigentes sindicais, o presidente da Câmara (conservador), a maioria dos eleitos locais e trabalhadores de empresas de outros sectores em crise participaram na manifestação. Realizaram-se ainda manifestações em Cadiz, Valença e algumas cidades do noroeste de Espanha.

Birmânia

A Amnistia Internacional denuncia, em comunicado, a existência de "campos de trabalho" dispersos pelo país, em que centenas de presos são mortos em consequência dos maus tratos, fome e falta de cuidados médicos. "As forças de segurança castigam e aterrorizam os presos utilizando diversas torturas", sublinha a Amnistia Internacional.

Turquia

Os empregados do sector público iniciaram uma das maiores greves da história sindical da Turquia e realizaram na capital uma manifestação com dezenas de milhar de pessoas, para protestar contra os reduzidos aumentos salariais decididos pelo governo. Aos 160.000 grevistas irão juntar-se ainda, nas próximas semanas, mais 190.000. Num momento em que a inflação atingiu os 70%, o governo pretendia aumentar os salários em apenas 5,4%.

Minas

Delegados de cerca de 50 países reuniram-se, em Viena, para reforçar um tratado sobre minas terrestres, que vitimam aproximadamente 10.000 civis todos os anos. Apesar das exigências mundiais para uma proibição, a maior parte dos governos signatários do tratado da ONU afirma que uma proibição não seria realista. Cerca de 65 milhões de minas foram colocadas desde 1980 e uma mina mutila ou mata alguém cada 20 minutos - normalmente uma mulher, criança ou agricultor, disseram responsáveis da ONU.

Bósnia

Os mapas desenhados pela guerra

Enquanto se iniciavam em Nova Iorque as conversações em torno do plano de paz apresentado por Washington, na linha dos planos anteriormente avançados pelo Grupo de contacto (Estados Unidos, Rússia, França, Alemanha e Grã-Bretanha), a guerra prosseguia no noroeste da Bósnia, onde, em simultâneo com os bombardeamentos da NATO sobre territórios de população sérvia, uma ofensiva croato-muçulmana redesenha no terreno, pela força das armas, os mapas previstos nos acordos (ou talvez outros mais de acordo com os interesses das forças agressoras).

A continuidade da agressão, na direcção de Banja Luka (a

mais importante cidade sérvia na Bósnia) e dos montes Ozren, poderia indicar a pretensão de alargar espaços para o domínio de um mais amplo território pela a coligação croato-muçulmana.

Entretanto, de par do número indeterminado de mortos ("efeitos colaterais" dos bombardeamentos da NATO e vítimas directas da nova ofensiva militar no terreno), vive-se o maior êxodo da população (neste caso, sérvia) desde o início da guerra na Bósnia.

Responsáveis de organizações humanitárias denunciam a nova depuração étnica em curso, objectivamente ligada à concretização dos planos de partilha do território bósnio.



Corpos de civis sérvios, mortos em Bosanska Dubica, cidade conquistada pelas forças croatas

Palestina

Um novo acordo, muitas contradições

A cerimónia de assinatura do acordo entre a OLP e Israel, para alargamento da autonomia palestina, decorre hoje na Casa Branca. Um acordo entretanto rubricado em Taba, Egipto, pelo ministro israelita dos Negócios Estrangeiros, Shimon Peres, e o dirigente da OLP, Yasser Arafat, culminando um longo e difícil processo negocial.

No próximo dia 8 de Outubro, as tropas israelitas deverão começar a retirar-se de algumas cidades palestinas, mas o futuro Estado palestino é uma terra crivada de colonatos judaicos ligados por uma rede de estradas.

Segundo o acordo agora formalmente assinado, a primeira etapa da retirada das tropas israelitas deverá decorrer ao longo de seis meses, seguindo-se, num período de 22 dias, as eleições para a autoridade palestina.

Nesta primeira etapa as tropas israelitas deverão retirar-se das cidades de Janin, Nablus, Tulkarm, Qalqilya, Ramallah, Belém e sectores de Hebron, para além de 450 aldeias.

As tropas israelitas continuarão entretanto a controlar as estradas que ligam a multitude de colonatos dispersos por todo o território da Cisjordânia.

Durante o período de transição, Israel será ainda responsável pela segurança externa e negócios estrangeiros da Palestina.

Em suspenso, até a um acordo final - de que o início das negociações está previsto para Maio de 1996 -, ficam questões essenciais como o

estatuto de Jerusalém, os colonos judeus, os refugiados palestinianos.

O actual acordo contempla a libertação, em três fases, de muitos milhares de palestinianos que continuam presos nas cadeias israelitas.

A história de atrasos e perversões do processo de autonomia da Palestina, nomeadamente desde os acordos de Oslo, formalmente assinados em Washington em 13 de Setembro de 1993, não dá lugar a um particular optimismo.

Antes do mais, o calendário fixado em Oslo sofreu profundos atrasos. A retirada das forças armadas israelitas para fora das zonas povoadas da Cisjordânia ainda agora vai começar, e a eleição da autoridade Palestiniana sofreu o correspondente atraso (deveria ter-se realizado até 13 de Julho de 1994).

Na sequência do esforço do Likoud (direita nacionalista), no período em que governou Israel (1977-92) para criar uma situação irreversível através da colonização dos territórios ocupados, prosseguiu este processo de colonização e a confiscação de terras árabes.

Para além disso, o próprio plano para a deslocação e retirada das tropas israelitas na Cisjordânia, inclui a criação de uma rede de estradas ligando entre si e com Israel - todos os colonatos.

Em Jerusalém, o governo israelita multiplicou as medidas destinadas a tornar improvável qualquer negociação sobre o futuro da cidade.

No plano económico, a situação na zona autónoma de Gaza é desastrosa, em particular devido ao cerco dos territó-

rios ocupados imposto pelo governo israelita.

Cerca de 60% da mão-de-obra palestiniana encontra-se actualmente no desemprego, e foi em grande medida substituída, em Israel, por operários oriundos da Tailândia ou da Roménia. Isto num contexto em que, por força da própria política de ocupação, a economia palestiniana está em grande medida dependente do mercado israelita.

Esta medida de Israel - com gravíssimos reflexos na vida de cerca de cem mil famílias palestinianas - vem ao arpejo da Declaração de princípios israelo-palestiniana que estipulava que, durante o período de transição, não se estabeleceria qualquer fronteira económica entre Israel e os territórios ocupados, e se manteria a livre circulação de mercadorias e mão-de-obra.

Um outro problema maior - apenas cerca de metade dos presos palestinianos foram entretanto libertados e os serviços secretos israelitas continuam a torturar e mesmo a matar. Em Abril deste ano, foi morto mais um jovem palestiniano - a 35ª vítima da tortura nas prisões palestinianas, desde o início a Intifada em Dezembro de 1987.

Cuba

EUA agravam boicote

A Câmara de representantes dos Estados Unidos votou a semana passada uma lei que reforça ainda o embargo contra Cuba, pretendendo que outros países participem directamente na política de boicote. O projecto prevê, nomeadamente, que o presidente dos EUA recuse qualquer ajuda a países que mantenham relações económicas com Cuba.

Num primeiro comentário a esta decisão, o ministro cubano dos Negócios Estrangeiros, Roberto Robaina, declarou: "Veremos como é que a comunidade internacional vai reagir. Nenhuma lei americana nos fará mudar de orientação."

As primeiras reacções de condenação, a nível internacional, vieram da União Europeia, Canadá e países da América Latina.

Esta decisão da Câmara de representantes ocorre num momento em que, pela primeira vez desde 1989, o produto nacional bruto de Cuba registou crescimento - em 1994 esse crescimento foi de 0,7% (2% para o primeiro semestre deste ano) - e a Assembleia Nacional do Poder Popular adoptou uma nova lei sobre os investimentos estrangeiros.

No texto adoptado pelos deputados afirma-se explicitamente que está em causa uma vontade de abertura da economia cubana mas "não é inspirado pelo neoliberalismo e não

tem como objectivo a transição para o capitalismo".

A nova lei permite às empresas de capital estrangeiro operar em Cuba, ao lado das empresas mistas actualmente existentes.

O repatriamento dos lucros está previsto, após o pagamento de um imposto de 30%. Tanto o recrutamento dos trabalhadores como o pagamento dos salários continuarão a processar-se através de organismos de Estado. Como afirmou Fidel Castro, "não vamos introduzir a anarquia na utilização da força de trabalho, nem a desorganização, nem os privilégios".

Neste momento existem na ilha mais de duzentas empresas mistas, em sectores como o turismo, a exploração de níquel e as telecomunicações.

De referir que num relatório do Departamento do Estado norte-americano se afirma que, se o bloqueio fosse levantado, o volume do comércio entre os EUA e Cuba poderia atingir, em três anos, os cinco mil milhões de dólares, com cerca de dois mil milhões de dólares de investimentos imediatos. Os sectores mais visados seriam o turismo e a indústria alimentar. Os industriais norte-americanos estão igualmente interessados numa participação e em investimentos conjuntos em domínios como a biotecnologia, a energia e a indústria farmacêutica.

O bipartidarismo na Alemanha

■ Rui Paz

A germanização da democracia portuguesa

Ao ler-se a imprensa portuguesa neste período de campanha eleitoral tem-se a sensação de se estar a assistir a um filme intitulado «Cenas da vida política alemã». As notícias da espionagem exercida pelo SIS contra os cidadãos e as suas organizações políticas, sindicais e até religiosas, a censura e exclusão do PCP dos debates televisivos e a minimalização das suas propostas eleitorais nos espaços jornalísticos, fazem lembrar o parlamentarismo bicéfalo, instaurado na pátria de Karl Marx, após a segunda guerra mundial, pelos aliados ocidentais e em que os dois principais partidos, a democracia-cristã e o SPD, prosseguindo opções políticas muito idênticas simulam grandes diferenças distribuindo entre si a representação alternada dos papéis do governo e da oposição. De facto o sistema político que parece estar a servir de modelo para aqueles que em Portugal não têm ideias próprias nem originalidade política para resolverem os problemas do nosso país tem-se distinguido desde a sua fundação pela perseguição contra os ideais da esquerda e os comunistas. (1)

Tal como acontece com o SIS em Portugal, os chamados serviços secretos de defesa da Constituição (Verfassungsschutz) têm sido utilizados na Alemanha sobretudo contra pacifistas, ecologistas, sindicalistas e comunistas. Nalgumas grandes empresas, como por exemplo na Mannesmann, os concelhos de empresa de maioria social-democrática foram mesmo ao ponto de submeter à aprovação da polícia política a contratação de novos trabalhadores. A pretexto da defesa da Constituição, o aparelho de espionagem interna e repressivo transformou-se na prática num instrumento destinado a perpetuar o poder dos dois partidos políticos dominantes. É assim que, perante o aparecimento de qualquer nova formação política, logo se multiplicam os pedidos de observação dos seus membros e organizações pelas polícias secretas, como aconteceu no passado com os Verdes, o DKP e hoje com o PDS.

O poder do ministro do Interior na definição dos direitos políticos dos cidadãos e das suas organizações é superior ao do próprio parlamento e pode ir até à interdição profissional segundo uma lei criada pela própria social-democracia durante o governo de Willy Brand. O caso recente mais escandaloso foi a tentativa do mesmo ministério de impedir o deputado do PDS Stefan Heym de pronunciar o discurso de abertura do Bundestag, utilizando falsas informações e procurando assim sobrepor-se ao regulamento parlamentar e ao próprio acto eleitoral. Quantas centenas de milhares ou milhões de cidadãos alemães possuem ficha naquele Ministério nem os próprios deputados têm o direito de saber. A, por vezes em certos meios tão louvada, «estabilidade» do bipartidarismo e federalismo alemães tem sido obtida não através do apregoado consenso social mas à custa da negação dos direitos políticos do sector mais explorado da população, os mais de quatro milhões de trabalhadores emigrantes, de muita representação visível e invisível em flagrante desprezo pelos princípios constitucionais e à sombra de uma doutrina que confunde a democracia com a ausência de oposição real a qual se manifesta no monolitismo da informação, na total sintonia dos temas informativos nacionais e internacionais nos telejornais e noticiários. Os ataques histéricos de que está a ser vítima a obra literária «Ein Weites Feld» e o seu autor, o maior escritor alemão da actualidade, Günter Grass, ex-membro de SPD, por denunciar o carácter inconstitucional da unificação alemã e considerar a

«Treuhand» (2) como «um instrumento bárbaro de liquidação da economia sem consideração nem pelas pessoas e nem pela sua história», é um exemplo do fanatismo pró-capitalista e intolerante reinante nos principais meios de comunicação. E o escritor não fez mais do que afirmar bem alto aquilo que milhões de pessoas pensam mas não se atrevem a dizer, esmagadas pelo peso da propaganda governamental que domina a totalidade dos órgãos informativos.

A democracia-cristã e o patronato que durante anos a fio elogiaram os trabalhadores alemães ocidentais, como os mais aplicados, mais competentes e com o mais elevado índice de produtividade, depois da destruição da RDA, passaram a considerar esses mesmos trabalhadores como os mais preguiçosos, os mais caros, os mais doentes, os que têm mais regalias sociais e mais férias no mundo inteiro. O patronato atreve-se mesmo a exigir a abolição do descanso para os trabalhadores nos feriados religiosos, sábados e domingos enquanto o chanceler democrata-cristão afirma que a Alemanha não pode continuar a ser «um parque de tempos livres». O patronato germânico, que pelo menos desde os tempos do nazismo com a escravização do trabalho dos presos políticos e dos prisioneiros de guerra adquiriu uma grande experiência na descoberta de novas fontes de mão-de-obra barata, inventa agora uma fórmula mágica chamada «mercado social do trabalho» ou «segundo mercado do trabalho» para obrigar o Estado a entregar-lhe a preço de pataca milhões de trabalhadores desempregados sem direito a salários dignos, excluídos dos acordos laborais, condenados assim a um novo estatuto social entre o pobre e o escravo.

A conivência dos dirigentes sociais-democratas no processo de destruição dos direitos sociais adquiridos pelos trabalhadores em dezenas de anos de luta é tão grande que o SPD está neste momento mergulhado numa das maiores crises da sua história. A traição aos interesses dos trabalhadores por parte dos dirigentes sindicais sociais-democratas, muitos deles milionários ou accionistas de grandes grupos capitalistas como a Mercedes (3) é recompensada pelo próprio chanceler com a sua nomeação para cargos de comissários europeus em Bruxelas, como aconteceu recentemente com a ex-presidente do sindicato da função pública Monika Wulf Mathies (4).

O Federalismo, obrigando a social-democracia a aplicar nos estados em que o SPD detém a maioria, a política imposta em Bona pela democracia-cristã, conduziu à domesticação total daquele partido remetendo-o para a pérfida tarefa de construção de um muro que contenha o protesto dos trabalhadores contra a agressão anti-social do patronato.

O povo português pode já fazer uma ideia do que o espera numa futura Europa federalista, assente na bomba atómica de Chirac, na experiência de repressão política e laboral alemã, numa democracia-cristã que confunde o cristianismo com o capitalismo e numa social-democracia domesticada e dócil, servidora de um patronato que sonha com o regresso aos tempos da escravatura.

Porque o PCP foi fundado em Portugal, tem personalidade própria, não copia modelos estrangeiros, não defende o monopólio da democracia para os ricos, nem defende interesses que não sirvam o nosso país, é um dever, para todos aqueles que amem a nossa pátria e uma verdadeira justiça social, votar na CDU.

(1) A Alemanha Federal foi o único regime parlamentar europeu onde, à semelhança das ditaduras ibéricas e latino-americanas, o partido comunista foi proibido.

(2) A «Treuhand» é um instituto criado pela democracia-cristã com o apoio do SPD para entregar ao capital privado os bancos, fábricas, firmas e outros meios de produção conseguidos ao longo de dezenas de anos de esforço e trabalho pelo povo da ex-RDA.

(3) O último presidente do sindicato dos metalúrgicos, o social-democrata Steinkühler, teve de demitir-se por ter subtraído ao fisco cem mil marcos (c. de 10.000 contos) de acções pessoais investidas na Mercedes. Os salários e rendimentos de um dirigente máximo dos sindicatos alemães podem ultrapassar os 2000 contos mensais e só são comparáveis aos salários dos bispos católicos, dos directores de televisão, dos membros do governo, dos deputados e dos directores de grandes empresas.

(4) Monika Wulf Mathies, dirigente do sindicato da função pública, não se atreveu a recandidatar-se à presidência do sindicato, após se ter colocado ao lado das propostas salariais do governo contra a vontade da maioria dos membros daquele sindicato.



De Caracas

Três notas soltas

■ Pedro Campos

1. Importação de maus exemplos

«Não há nada pior que um judeu homossexual, filho de bolivianos», parece ser a frase que sintetiza o credo dos *skinheds* da América do Sul. Na Argentina e no Brasil, que acolheram milhares de foragidos do regime nazi após a vitória dos Aliados, é onde há maior número destes mostrengos que não deixam de crescer empurrados pela crise económica que se faz sentir cada vez com mais força e que eles — com muito pouca originalidade — atribuem aos imigrantes. Se na Espanha agridem um jovem ou na Alemanha andam a queimar casas de turcos, na Argentina deixam meio morto um passeante porque «tem aspecto de judeu» e no Brasil esfaqueiam um jovem porque «tem ar de vir do Nordeste paupérrimo».

Como noutras partes do mundo, andam entre os 13 e os 25 anos, são brancos, fanáticos das *suásticas* e outros símbolos nazis, adoram os blusões de cabedal, as botas tipo militar e as tatuagens. Também vão ao futebol e, às vezes, até vêem o jogo, mas a intenção principal é fazer bronca, como sucedeu há pouco em Montevideo onde duas dessas *barras* argentinas se enfrentaram com saldo de um morto e vários feridos. São as mesmas *barras* que, durante o Mundial de Espanha 82, se ofereceram à ditadura militar de então para ir até Madrid apoiar a sua selecção e, de passagem, «espancar» os exilados esquerdistas ali residentes. Segundo um relatório recente da Liga Antidifamatória, com sede em Buenos Aires, «são uma pequena minoria, ainda que hiperviolenta e muito perigosa, porque assassinam gente e, na medida em que se estenda a crise, é muito provável que também eles ampliem a sua audição».

2. Uma cidade do avesso

Caracas é uma cidade do avesso. Resulta uma surpresa chocante para qualquer visitante verificar como todas as casas têm um certo ar de prisão às grades que se podem ver em todas as portas e janelas. Igual sucede nos andares baixos e altos dos prédios, o que dá a sensação desagradável de que é o cidadão comum que está preso e o delinquente aquele que anda em liberdade. Paranoia ou verdadeira necessidade?

Quase simultaneamente com umas declarações ministeriais reconhecendo a existência de 10 mil delinquentes marginais totalmente identificados mas impossíveis de encarcerar por falta de locais de reclusão e porque são em grande parte menores de idade, um diagnóstico recente da Comissão de Polícia Interior da Câmara de Deputados afirmava que a polícia de Caracas estava praticamente desarmada frente ao delito. Além de que é insuficiente em número, com pouca preparação, miseravelmente paga e vive nos mesmos bairros marginais onde habitam os delinquentes, anda mal equipada ao ponto de que os coletes antibala são em segunda mão e um projectil calibre 38 passa por eles como se fossem *gruyères*. Deste modo a ninguém estranha que para 1995 se estime um total de 321 mil delitos, que haja outros 500 mil por investigar, que a projecção de assassinatos supere os 3500 e que num fim-de-semana qualquer o número de mortes violentas ande pelas 30 ou 40 pessoas, sobretudo nas zonas marginais. Um índice de criminalidade ao nível de grandes cidades como Nova Iorque, por exemplo.

Por outro lado, se há razões para temer a delinquência, não parece haver muitas para confiar na polícia. Um grupo de estudo informou recentemente que entre Outubro e Novembro de 1994 as forças policiais, além de ferirem 172 pessoas com armas de fogo, acabaram com a vida de outras 280, das quais 138 foram pura e simplesmente executadas e 87 pereceram em supostos enfrentamentos com as autoridades. Em termos de torturas per-

peiradas pelos agentes dos diversos organismos de segurança, o relatório, que responde ao título de *Venezuela: horror e impunidade*, regista 661 denúncias.

3. Uma cidade-cadáver

A cidade não tem parques públicos, nem piscinas, nem cinemas, nem centros comerciais, nem sequer um odioso *McDonald's*. A única diversão local são as bebedeiras, as drogas, as zaragatas e o sexo. O censo de 1990 confirmou que 75% da população tinha rendimentos anuais da ordem dos 6539 dólares, ou seja menos de metade do que se considera nível oficial de pobreza para uma família de quatro pessoas: 14 764 dólares. A mesma fonte informa que 70,1% dos jovens menores de 18 anos vivem na pobreza. «Prefiro meter-me um tiro que viver aqui», desabafa uma jovem moradora que acaba de terminar o liceu. «Ficar aqui é desperdiçar a vida», acrescenta. É só uma amostra. Vejamos um caso mais dramático.

Pouco menos de dois dias depois de ter sido escolhido para pronunciar o discurso de fim-de-curso, aquele jovem de conduta exemplar juntou-se com outro mais ou menos da mesma idade e incendiou a sua escola. Porquê? Nenhuma razão em particular.

De que cidade estamos a falar? Não duma cidade do Terceiro Mundo, mas sim de Lake Providence, no sul dos Estados Unidos. Ali a população negra está numa relação de 2 a 1 frente à branca, mas o controlo dos recursos financeiros da cidade está nas mãos dos brancos que dobram o número de negros nos corpos deliberativos. Segundo o reverendo C. H. Murray, há ainda muitos negros com mentalidade de escravos, pelo que são facilmente intimidados para que vendam os seus votos aos brancos. Estes, por sua parte, não se fazem rogados: «Aqui não queremos lideranças de negros», afirma Captan Jack Wyly, um advogado que se gaba de conhecer bem os negros porque a sua família já foi dona de vários.

Lake Providence não é a cidade típica que vemos nos ecrãs de cinema ou na pequena pantalha. Mas Lake Providence não é um caso único nos Estados Unidos.

Sacudir a água do capote

Ainda há bem pouco tempo, o senhor ministro Dias Loureiro apareceu na TV para fazer um balanço positivo sobre o número de incêndios e a área ardida neste Verão. Todo ele era sorrisos, até porque o baixo número de incêndios e área ardida só eram possíveis graças à política do Governo, para esse sector.

Logo fiquei com a convicção de que, à custa da natureza, o ministro estava a fazer propaganda eleitoral, e que a área ardida o ano passado não voltaria a arder este ano e não compreendi a razão do ministro me interromper o jantar, para dizer que o fogo não tinha hipóteses contra este Governo. Infelizmente para todos nós, o que tem acontecido nestas últimas semanas é precisamente o contrário e a nossa zona florestal tem vindo a desaparecer, com uma intensidade anormal.

Acredito que não é o Governo que anda a atear incêndios, mas não pode é contabilizar louros a seu favor quando não há fogos e depois dizer que os fogos são consequência da natureza e de alguns criminosos, sem aceitar a sua quota de responsabilidade.

Estou de acordo com o Pacheco Pereira, quando na sua crónica de 17/8, diz que é fácil atribuir culpas ao Governo, penso que há aqui alguma injustiça, pois o Governo vem governando mas graças ao apoio que o PSD lhe dá e o Pacheco Pereira que o diga, até já lhe chamaram o bombeiro do Governo.

Se houvesse mais investimentos nos guardas florestais, na limpeza das matas, nos meios aéreos de combate ao fogo, se a burocracia fosse menos quando é preciso actuar.

Dirá o Governo do PSD que não há dinheiro e que é preciso sensibilizar as pessoas sobre os malefícios do fogo. Sugiro que os membros do Governo abduquem de 50% das vezes que aparecem na TV, porque ainda ficam com tempo suficiente



para campanha e utilizem esse tempo em sessões de esclarecimento contra os males do desaparecimento da nossa floresta, como não esbanjar água, da necessidade de dar sangue, etc.

Fica por último o reconhecimento pelo valioso trabalho que os nossos bombeiros têm vindo a desenvolver e também fica o pedido para que o Governo de Pacheco Pereira não queira brilhar com o trabalho dos outros, ainda por cima quando em muitos casos não lhes são fornecidas as adequadas condições de trabalho.

Jorge Manuel Antunes (Lisboa)

Governo «frágil»?

Permita que, com os meus cumprimentos, lhe dirija, acompanhado do pedido de publicação, o seguinte comentário às considerações que o historiador Hermano Saraiva entendeu fazer publicar no jornal «Público» de 8.8.95: «Os problemas a resolver são tão graves que só pessoas menos informadas podem acreditar que um governo frágil os consiga resolver.» «Um governo frágil... Que é um «governo frágil»? Aquele que governa com a razão (na situação de ter de provar a quem o elegeram — e aos parceiros políticos na governação... — a razão e

a justiça dos seus argumentos, de ter de responder perante os eleitores e a nação, como nas «frágeis» democracias...) ou um governo-força bruta, surdo e implacável, autista e obstinado, com razão ou sem ela, confiante em que, quando se tem o número (e, depois, o poder de manipulá-lo a bel-prazer) se tem razão mesmo que não se tenha nenhuma razão, empoleirados os seus membros lá nas alturas das suas torres de marfim, das suas estafadas e desérticas «medidas contra o desemprego», das suas «reformas educativas», vândalas e suevas, que todos contestam e que mudam, de resto, regularmente ao sabor dos erros clamorosos e dos caprichos de donzelinha «inconsciente» da incompetência que, na altura, estiver de serviço, das suas auto-estradas construídas à custa do desmantelamento (e em detrimento absoluto) do Estado Social sobre cujos escombros erram perdidos, cumprindo as suas duras penas, os reformados sem esperança e sem rendimento que o turismo eleitoral não absorveu, das suas Ferreiras Leites, dos seus Mendos, dos seus Ferreiras do Amaral, dos seus Catrogas (somos, cada vez mais, um país catrogadicto e eurovegetativo...), dos seus Cavacos estridentes e galináceos — coisas levianas e fantasmagóricas, perorando por cima de um país que inventaram para agradar à firma «Europa & Europa, Lda.» e à sua própria insensibilidade e falta de humanidade social-liberal, trapalhona e irremediável. A Cultura, a dignidade, o bem-estar do povo, a solidariedade, o progresso? «Têm dias...» — parecem dizer, com as narinas a fremir, as vanguardas excitadas da barbárie liberal no mês do cio. E o que é um «governo forte»? H. Saraiva não o diz mas sabe certamente com a experiência de uma vida o que isso significa e quer dizer.

... E assim se encontra esta gente toda do passado mais tenebroso e re(p)tilínio que só sabe governar em ditadura, sobre os escombros de alguma coisa ou sobre os escombros de alguém.

Salazarismo? Cavaquismo?

A distância não separa almas unidas...

António Machado (Montemor-o-Novo)

Passeio fundamentalista pelos fundamentalismos

■ Jorge André

O ex-ministro Roberto Carneiro publicou recentemente um artigo de opinião no semanário editado pelo Patriarcado de Lisboa. Um texto que, sem dúvida, transcende o âmbito de uma autoria pessoal. Corresponde ao projecto que um sector importante de Igreja Católica alimenta. Por isso, deve ser meditado.

O artigo intitula-se «Novos fundamentalismos e culturas da resistência» e a sua exposição é feita em termos claros, lógicos e bem ordenados. Porém, mesmo aos observadores mais desprevenidos, a simples leitura do título faz soar um sinal de alarme. É que nenhum fundamentalismo é coisa nova nem, sequer, as resistências que suscite podem ser consideradas, em si mesmo, culturas à parte. Fundamentalismo e anti-fundamentalismos são passos inevitáveis do processo histórico onde se chocam a inércia e o movimento, o «já visto» e o que falta inovar.

Salta aos olhos, também, a dramatização excessiva e as

cura colar-se aos métodos normais do próprio fundamentalismo, em geral. Vem a propósito recordarmos alguns.

O fundamentalista procura, em primeiro lugar, desclassificar as acções das instituições laicas, considerando que estas se esgotaram no tempo e invertendo o sentido dos principais conceitos que pontuam o discurso sociológico: luta de classe, apropriação das riquezas, noção de Estado, desenvolvimento, etc.

O vocabulário fundamentalista substitui, depois, progressivamente, os termos do pensamento laico por sucedâneos da ordem religiosa; entendimento, reconciliação, perdão, complementaridade de classes, voluntarismo, nova ordem mundial baseada na caridade. Chamam os especialistas a estas operações de manipulação das massas, **conquista dos sentidos**.

Simultaneamente, os integristas procuram ocupar posições estratégicas no aparelho do Estado de modo a que, a médio prazo, o possam vir a substituir pelo conjunto das formações sociais firmemente subordinadas à hierarquia religiosa. É neste sentido que se deve entender JoãoPaulo II quando, na encíclica «Sollicitudo Rei Socialis», refere: «A doutrina social da Igreja não é uma terceira via entre capitalismo liberal e colectivismo marxista, nem uma solução oferecida face a outras posições menos radicalmente opostas: **constitui, em si mesma, uma categoria.**» Pensamento que Roberto Carneiro reflecte neste artigo: «Apenas instituições liberais de tutelas estatais... podem criar resistências naturais contra os vírus abundantes dos fundamentalismos emergentes... são as famílias, as empresas, as fundações, as instituições de solidariedade social, as associações cívicas, o «terceiro sector», os meios de comunicação e, também, as universidades e as escolas, desde que efectivamente autónomas e restituídas às suas comunidades de pertença. Cada uma delas e todas em conjunto formam a rede de suporte às liberdades fundamentais e ao capital de diversidade que se entrecruzam na sociedade.»

Nem sequer uma palavra acerca do desempenho institucional dos partidos políticos ou dos sindicatos. Inclusivamente, nem uma só afirmação de confiança no futuro democrático do Estado português. «O Estado é sempre uniformizador e uniformizante», declara logo a seguir Roberto Carneiro. Isto é: no presente, o Estado é já desnecessário e a sua existência opõe-se à satisfação das necessidades reais das populações.

Finalmente, os fundamentalistas desenvolvem surdos combates no seio das próprias instituições religiosas a que formalmente pertencem. Concebem estratégias e desencadeiam acções que visam reduzir as influências concorrenciais. Não só as das formações progressistas, como após o Vaticano II se tornou mais evidente, mas também as das forças conservadoras, laicas e clericais, cujos objectivos se contentem em reivindicar do Estado, simplesmente, a manutenção dos privilégios de outrora.

Tudo isto se contém nas columnas do artigo que o dr. Roberto Carneiro tão bem soube estruturar. Nem admira que assim tenha sido.

Tratou-se, afinal, de um passeio dado por um fundamentalista por entre fundamentalismos alheios.



lacunas da informação. O autor refere, é certo, a ascensão preocupante dos fascismos europeus, as desilusões causadas pelo recuo dos «milagres» neoliberais, as ameaças de isolamento da Europa e a natureza íntima dos fundamentalismos «infiéis». Mas abstém-se de referir que também a própria Igreja dispõe de movimentos sectários em abundância, como a Opus Dei, os Casais de Santa Maria, os Focolares, os Carismáticos, os Cursos de Cristandade, etc. Em vez disso, procura atrair a simpatia dos leitores quando inclui no texto notas que merecem um consenso universal: «No actual monoteísmo de mercado, a filosofia neomercantilista conduz à polarização, ao dualismo, à desigualdade e, finalmente, à exclusão... A ditadura democrática do partido maioritário redundará em manifesto desprezo das minorias e na asfixia cultural da nação. O culto hedonista dos privilégios do poder, na ausência da formação democrática ou de limpidez de consciência capazes de os contrabalançar, conduz à opressão, à cegueira nas regras de conduta, ao exercício desproporcionado das obrigações do governo».

Uma vez conquistada a confiança do leitor, o articulista pro-

Publicidade de todos os países - UNI-VOS

O Militante

A luta pelas 40 horas

Neste número

A grande Festa do Avante!

Derrotar a direita e impedir o seu regresso

Carlos Carvalhas

Para dar a volta a isto uma grande votação na CDU

ABERTURA
2 PARA DAR A VOLTA A ISTO
UMA GRANDE VOTAÇÃO CDU

ENTREVISTA
4 DERROTAR A DIREITA
E IMPEDIR O SEU REGRESSO

ASSEMBLEIA
8 OS MALEFÍCIOS DA DÉCADA

INFORMAÇÃO
10 IMPRENSA «INDEPENDENTE»

CADERNO ELEIÇÕES
12 CDU - O VOTO ÚTIL
14 SUGESTÕES
PARA O TRABALHO ELEITORAL

ORGANIZAÇÃO
17 A LIGAÇÃO ÀS MASSAS
É UMA QUESTÃO FUNDAMENTAL
20 VIDA E LUTA
DOS TRABALHADORES DA
ESTACO
22 CENTRO HOSPITALAR
DE COIMBRA
24 UMA CÉLULA NOS HUC

LUTAS
26 A LUTA
PELA SEMANA DE 40 HORAS
ECONOMIA
33 A REPARTIÇÃO
DO RENDIMENTO NACIONAL

SOCIAL
38 SOBRE A ESTATÍSTICA
DO DESEMPREGO

HISTÓRIA
42 HÁ 50 ANOS, O MUD

INTERNACIONAL
49 A UCRÂNIA PERANTE
A RESTAURAÇÃO CAPITALISTA

NOTAS E COMENTÁRIOS
52 Não há vergonha...
53 Candidato a estadista
53 Em causa própria
54 Engenharias
54 Os campeões
54 Propaganda de pernas para o ar

PONTOS CARDEAIS

Em barafunda I

Segundo Pacheco Pereira, para o caso de o PSD «ganhar por maioria relativa», deve desde já «escolher um candidato presidencial capaz de dissolver a Assembleia da República e de convocar eleições antecipadas se o País conhecer, como penso que conhecerá, um período de grande barafunda». Esse candidato seria, obviamente, Cavaco Silva. Infelizmente para Pacheco Pereira, a barafunda que ele teme para o País parece já lhe

ter entrado irremediavelmente na própria cabeça. Só assim se compreende que este guru do pensamento citrino proponha, tão grosseiramente, que se derrubem os resultados das próximas eleições mesmo antes de estas se realizarem. Perante isto, resta uma conclusão óbvia. A cabeça de Pacheco Pereira pode andar em grande barafunda, mas está consciente duma coisa: a inevitável derrota do PSD nas próximas eleições. E tão convencido está disso, que a sua resposta consiste em... dissolver, à pressa e por antecipada golpada

institucional, a Assembleia da República que lhe impôs a derrota. Ah, grande democrata!

Em barafunda II

Voltando ainda à barafunda que vai na cabeça de Pacheco Pereira, assinalamos esta sua irreprimível confissão do papel que atribui ao Presidente da República. Afinal já não é para ser «o presidente de todos os portugueses» ou o «árbitro» equidistante e acrítico dos partidos e das governações,

como exigia de Mário Soares quando este entendeu criticar, no presente mandato e ao abrigo das suas competências, alguns aspectos da vida portuguesa e da política que estava sendo seguida pelo governo PSD. E vai mais longe: transforma, numa antecipação delirante, o candidato PSD em Presidente da República ao serviço do PSD, marcando-lhe já na agenda a dissolução da Assembleia da República. É o que dá, confundir-se a barafunda que se tem em casa com a barafunda que se quer transferir para o País.

Quanto à presunção de se eleger Cavaco Silva para Presidente da República quando se está convicto de que o PSD vai ser derrotado, só mesmo numa cabeça em barafunda.

«Disciplina democrática»

Menos *soft* e mais desbocado que Pacheco Pereira, anda o presidente do Governo Regional da Madeira, Alberto João Jardim. Bravejando em mais um comício contra a esquerda, garantiu que «*não foi na Madeira que se andou a ocupar casas, a destruir caminhos e a barrar ruas*». De facto, não. Na Madeira espancam-se os adversários políticos com o beneplácito de João Jardim, como ainda há dias aconteceu com um candidato da UDP, a quem um correlegionário do presidente do Governo Regional (e com o seu posterior aplauso) fracturou o nariz durante uma sessão eleitoral. Deve ser este tipo de coisas que o PSD promove na Madeira que permitiu a João Jardim acrescentar que «*na Madeira vive-se em sossego! Vive-se em disciplina democrática!*». Uma democracia à PSD, que precisa de ser «disciplinada» a murro.

A ficção

É óbvio que o «Partido Popular» de Manuel Monteiro, e respectiva trupe de extrema-direita, é uma ficção engendrada pelos diversos órgãos de Comunicação Social que, de há pelo menos um ano para cá, coincidiram regular e estranhamente na promoção deste grupo de jovens que já nem se preocupam que os liguem ideologicamente a Salazar. Toda a gente se lembra das numerosas, longas e regulares coberturas televisivas às reuniões confidenciais desta gente ou aos dislates atamancados atrás duma tribuna de ocasião, transformando Monteiro e comparsas de realidade virtual em acontecimento mediático. A própria campanha eleitoral do CDS/PP mostrou isso mesmo, não descolando de reuniões bisonhas de umas dúzias de convivas, a que os ângulos apertados das câmaras procuravam dar benevolente espessura, ou de passeios pelos mercados e feiras para disfarçar a falta de apoio popular. O dia 1 de Outubro mostrará, mais uma vez, que a realidade é sempre muito mais poderosa que a ficção.

FRASES da SEMANA

«A Itália, apesar de ser um país fundador da Comunidade Europeia, não fará parte da União Económica e Monetária.»

☞ (Theo Waigel, Ministro das Finanças alemão, na Comissão de Finanças do Bundestag, citado em «Expresso», 23.09.95)

«A CDU estará sempre na maioria que se formará para derrotar a direita.»

☞ (Carlos Carvalhas, citado em «Diário de Notícias», 20.09.95)

«A larga maioria dos portugueses está um bocadinho mais rica.»

☞ (Luís Filipe Menezes - «Diário Económico», 22.09.95)

«Já conheço a decisão de Cavaco.»

☞ (Fernando Nogueira, citado em «Público», 26.09.95)

«Vão falar com ele (Fernando Nogueira), não tomei nenhuma decisão quanto ao meu futuro político.»

☞ (Cavaco Silva - «TSF», 27.09.95)

«Se o OE (de um governo do PS) não for de molde a pôr em causa os nossos objectivos de adesão à UEM no pelotão da frente, então o PSD deve viabilizar, porque não temos sentidos patrioteiros, temos sentido patriótico.»

☞ (Eurico de Melo - «Público», 26.09.95)

«Sou federador de boas e más vontades.»

☞ (Fernando Nogueira - «Semanário», 23.09.95)

«António, não te conseguimos ver...»

☞ (José Alberto Carvalho para António Perez Metello, na segunda tentativa - frustrada pela quebra de iluminação - de ligação a Castelo Branco para mais uma apreciação objectiva sobre a campanha do PS - «Jornal da Noite / SIC», 25.09.95)

«Dizem todos os estudos de opinião que só o PS pode aspirar... que esta onda laranja galvani... que esta onda rosa... rosa... rosa... que esta onda rosa...»

☞ (António Guterres, no comício do PS na Guarda - «TSF», 27.09.95)

«Guterres! Guterres! Gut...! Gondomar! Gondomar! Gondomar!»

☞ (Valentim Loureiro, no comício do PSD em Gondomar - «Jornal da Noite / SIC», 20.09.95)

«Quando o Valentim Loureiro apelou às pessoas para que vitoriassem, aconteceu simplesmente isto: o operador de imagem virou a câmara para captar a reacção da assistência. Foi justamente neste momento que ele cometeu a «gaffe» e é por isso que nós não tivemos as imagens.»

☞ (Manuel Rocha, Director de Informação da RTP, citado em «Público», 22.09.95)

«O PP anda a fazer muita demagogia mas são tantas as mentiras, tantas as mentirolas, que até já dizem que o PP é o Partido das Petas.»

☞ (João Amaral, no comício de Matosinhos - «TVI», 25.09.95)

«Somos a esquerda que não imita a direita!»

☞ (Carlos Carvalhas, no comício de Matosinhos, citado em «Jornal de Notícias», 27.09.95)

PONTOS NATURAIS

CA GRANDE CONFUSÃO

«O desemprego deixou de aumentar, mas está mais alto do que há um ano. No final de Agosto, estavam inscritos nos centros de emprego mais de 420 mil desempregados, o que representa uma descida de 0,1 por cento em relação a Julho. Mas em comparação com Agosto do ano passado, o desemprego aumentou 9,5 por cento. O número de desempregados de longa duração, pessoas que há mais de um ano procuram emprego, continua a crescer. Aumento também para a percentagem de jovens que não conseguem arranjar colocação no mercado de trabalho nacional.»

(Telejornal)

Apelo à CDU

«O meu nome é Heliodoro Barradas. Este problema que eu lhe vou pôr é um assunto que o senhor conhece perfeitamente. Primeiro, queria referir aí ao senhor do PP que com esses dramas todos que o senhor está a sugerir, isso significa por exemplo que eu, quando estava exilado na Inglaterra observei que só cinco por cento dos filhos da classe operária é que andavam na Universidade. Isto para não referir as jóias da Coroa do ensino inglês que são Oxford e Cambridge. Portanto em relação a esses seus programas, os filhos dos operários em Portugal tinha de estar séculos à espera de entrar.»

«A segunda questão, era um apelo aqui ao senhor Luís Sá, com quem me identifico como camarada, no sentido de os deputados eleitos pela CDU lutarem para acabarem com a vergonha de em Angola não haver uma escola portuguesa onde os filhos dos portugueses e angolanos possam pôr em prática aquilo que todos os dias se diz que é o respeito pela língua portuguesa. Fomos nós, portugueses que nos organizámos e nos quotizámos para abrir aqui uma escola em regime cooperativo, e que os angolanos todos os dias passam pelo Liceu Salvador Correia e com grande desgosto vêem aquelas portas e os edifícios completamente destruídos.»

(Parlamento, TV2)

Um país a destruir

Pivô - «Um terço dos trabalhadores da empresa ABB de Setúbal vai ser despedido até final do ano. A maior parte dos operários que vão ser dispensados integra a comissão de trabalhadores ou é dirigente sindical, mas a Administração nega que o critério para os despedimentos seja político.»

Repórter - «Os 139 trabalhadores da ABB estiveram reunidos em plenário para protestarem contra o despedimento de

60 operários desta fábrica de Setúbal. Os operários falam de clima de terror, mais despedimentos até Dezembro, perseguição política à Comissão de Trabalhadores e de ameaças a quem denunciar a situação da empresa.»

Vítor Martins (C.T.) - «Já saíram 31 trabalhadores. Não estavam de acordo em sair, mas foram ameaçados pela Administração e mesmo aqueles que estão dentro da empresa foram ameaçados de que podem entrar em novas listas. Toda a comissão de trabalhadores, dirigente sindical e delegados sindicais estão todos na lista para saírem.»

Repórter - «A Administração da fábrica nega as acusações e justifica os despedimentos com a necessidade de reduzir custos devido à concorrência dos países do Leste na metalomecânica pesada.»

João Vicente (Ad.) - «Não se trata de despedimentos, mas sim de rescisões por mútuo acordo com todos os trabalhadores que manifestaram esse interesse à empresa, no sentido de, numa forma programada e minimizando os impactes sociais, ir reduzindo os nossos custos fixos na produção.»

Repórter - «O grupo ABB de capital sueco e suíço é praticamente monopolista da metalomecânica em Portugal. Desde que assumiu o controlo do sector há quatro anos, a ABB tem reduzido o número de trabalhadores em todas as empresas.»

Adriano Matoso (dirigente sindical) - «Em nossa opinião, a ABB não comprou todas as empresas, comprou as encomendas, porque até agora não conquistou nenhuma, recorre aos fundos do PEDIP para despedir pessoal e estamos com o sector do aparelho produtivo completamente destruído.»

Repórter - «A metalomecânica pesada chegou a empregar há 15 anos cerca de 13 600 pessoas. Há cinco anos, grandes empresas como a Mague e a Sorefame empregavam menos de cinco mil operários. Actualmente, o sector ocupa na totalidade 1800 trabalhadores.»

(Telejornal)

Ricos negócios!

«A Administração dos direitos dos trabalhadores é uma evidência e em relação ao emprego é um desastre. Só para se ter uma noção de um conjunto de seis empresas - a CP, a RN, a Siderurgia Nacional, a Quimigal, a Portucel e a CDP, empregavam antes da privatização 89 974 trabalhadores. Empregam hoje 46 521. Mas há um outro dado elucidativo: é que essas empresas tinham na Administração e órgãos sociais, antes da privatização, 64 lugares e hoje têm 687 lugares! São mais de 600 tuchos criados para amigos e gente que bajulam o Poder.»

(Manuel Carvalho da Silva, TVI)

Mário Castriou



LISBOA
Sexta-feira

Os candidatos em contacto com os trabalhadores de Lisboa nos Cais Fluviais, Estações da CP e Metro, paragens da Carris - das 7 às 10h no Terreiro do Paço, Cais do Sodré, Rossio/Restauradores, Colégio Militar; das 7h30 às 10h no Rossio/Pç. da Figueira, Marquês de Pombal, Sete Rios, 5 Out/Campo Pequeno, Entre-campos, Campo Grande, Chile, Pç. de Espanha, Saldanha, Picoas, Alcântara, Areeiro;

Desfile de candidatos e activistas, Av. da Liberdade/Baixa, às 12h (concentração junto ao Cinema Tivoli, às 11h45);

Candidatos no Espaço CDU da Pç. da Figueira - a partir das 15h30;

Caravana CDU na Baixa, às 18h (concentração na Cidade Universitária a partir das 18h);

Caravana CDU a partir das 21h30 (concentração na Av. de Ceuta, junto à Rotunda de Alcântara).

**Sexta-feira**

Em Vila Real de Santo António, o cabeça de lista da CDU participa num porta a porta a partir das 18h, e em Vila do Bispo no comício que ali terá início às 21h30 (no Salão Nobre da Câmara Municipal).

LEIRIA
Quinta-feira

José Augusto e outros candidatos pela CDU em Leiria visitam às 10h a feira mensal de Peniche e estarão à hora do almoço em contacto com os trabalhadores na Zona Industrial de Caldas da Rainha;

Em Bombarral participam na sessão de encerramento da Campanha no concelho, que terá lugar às 21h30 no Salão dos Bombeiros.

Sexta-feira

Os candidatos visitam a Feira dos 29 em Monte Redondo a partir das 10h, e integrarão a caravana que percorrerá a Marinha Grande a partir das 18h.;
Às 21h30 participam no comício-festa que se realiza na Colectividade da Ordem, também na Marinha Grande.

PORTALEGRE
Quinta-feira

Luis Pargana e outros candidatos deslocam-se hoje aos centros urbanos de Ponte de Sor, Avis e Sousel para contactos com as populações. O cabeça de lista da CDU participa à noite (21h) num debate com representantes de outros partidos na Rádio São Mamede.

Sexta-feira

Luis Pargana participa à noite num jantar-convívio de encerramento da campanha na cidade de Portalegre.

SANTARÉM
Quinta-feira

Luisa Mesquita, 1ª candidata da CDU pelo círculo de Santarém, visita hoje a partir das 10h a freguesia de Pernes.

Sexta-feira

De manhã visita o Mercado, ainda em Pernes, e à noite participa nas festas de encerramento da campanha que terão lugar em Samora Correia e Benavente.

VILA REAL
Quinta-feira

Agostinho Lopes e outros candidatos visitam hoje durante todo o dia o concelho de Murça: a partir das 10h, contactos com Agricultores na Feira; às 16h, visita ao Comércio local; a partir das 17h30, contacto com as populações de várias freguesias.

Sexta-feira

Para encerrar a campanha no distrito, o cabeça de lista e outros candidatos estarão durante o dia em Vila Real, onde a partir das 9h30 visitam o Mercado Municipal e, após as 15h, visitam várias freguesias. Às 18h participam numa "arruada" pelo centro da cidade.

Participam também, às 21h30, na Festa CDU de encerramento da campanha em Chaves.

Participa hoje e amanhã nas iniciativas da CDU!

Encerramento da Campanha Eleitoral

Com **CARLOS CARVALHAS**
QUINTA-FEIRA na Cidade de LISBOA
SEXTA-FEIRA no Distrito de SETÚBAL

LISBOA, hoje, quinta-feira

10h30 - Ajuda - Visita ao Mercado da Boa Hora
16h30 - Baixa - Arruada a partir da esquina da R. Garrett/R. Serpa Pinto (junto à Igreja dos Mártires) até à Pç. da Figueira
19h30 - CT Vitória - Jantar de apoiantes da CDU

21h30 - Pç. da Figueira - Festa popular. Intervenções dos candidatos Inês Fontinha, Bernardino Soares, João Galdes, Isabel Castro, Luís Sá, Carlos Carvalhas

SETÚBAL, amanhã, sexta-feira

10h30 - Barreiro - Visita ao Mercado 1º de Maio
11h45 - Barreiro - Contactos com a população (Av. Alfredo da Silva/R. Miguel Bombarda/Lg. da Câmara)
12h30 - Sesimbra - Pavilhão do Sesimbrense - Almoço com apoiantes da CDU
15h30 - Setúbal - Contactos com a população na Zona Comercial, até ao Lg. da Misericórdia
17h00 - Pinhal Novo - Encontro com a população
18h00 - Alcochete - Encontro com a população no Lg. da Câmara
19h00 - Montijo - Salão dos Bombeiros - Jantar-volante com apoiantes da CDU
21h00 - Seixal - Encontro com a população no Largo da Cruz de Pau

21h30 - ALMADA -

Comício-Festa na Pç. S. João Baptista.

Intervenções de Paulo Rodrigues, Filipa Silva, Heloísa Apolónia, Octávio Teixeira, Carlos Carvalhas

COMÍCIO festa

Pç. S. João Baptista
Almada
29 Setembro
21 horas

CDU

vamos dar a volta a isto

VOTA PCP-PEV

intervenção de **CARLOS CARVALHAS**
espectáculo com **LUÍS PORTUGAL E BANDA**

Com **ÁLVARO CUNHAL**
QUINTA-FEIRA no Distrito de BRAGA
SEXTA-FEIRA no Distrito de VIANA DO CASTELO e no PORTO

BRAGA, hoje, quinta-feira

19h30 - Barcelos - Jantar-convívio com apoiantes CDU no Rest. "Chuva"
21h30 - Guimarães - Comício no Lg. do Toural. Intervenções de António Lopes, Adão Mendes, Cândido Capela Dias, Álvaro Cunhal

VIANA DO CASTELO, amanhã, sexta-feira

17h00 - Monserrate - Contacto com a população no Lg. Sta. Catarina (Monserrate/Freg. da Ribeira)
18h00 - Lugar do Brejo - Visita à Coop. Habitação (Urbanização Capitães de Abril)
18h45 - Chafé - Contacto com a população no Largo da Junta de Freguesia
19h45 - Ponte de Lima - Jantar com apoiantes da CDU

PORTO, amanhã, sexta-feira

21h30 - Comício na Pç. Humberto Delgado.
Intervenções de João Amaral e Álvaro Cunhal

PORTO**Quinta-feira**

17h00 - Vila Nova de Gaia - Distribuição de propaganda e contactos com a população, com a participação de João Amaral e outros candidatos (com início na Av. da República, junto à Câmara de Gaia);

21h30 - Campo/Valongo - Festa-convívio no Pavilhão da Capela, com a participação de João Amaral.

Sexta-feira

21h30 - Comício na Pç. Humberto Delgado. Intervenções de Álvaro Cunhal e João Amaral.

SETÚBAL**Quinta-feira**

Octávio Teixeira e outros candidatos no concelho de Grândola: - Visita ao Mercado, zona de Comércio e Pluricoop, em Grândola, a partir das 10h; encontro com Reformados, no Jardim de Grândola, às 15h; contacto com os trabalhadores da UNICERVI, às 16h45; Contacto com os trabalhadores da Câmara, às 17h30; encontro com a população de Cadouços, às 18h; encontro com a população de Canal Caveira, às 18h45. Em Melides - Visita ao Centro de Dia dos Reformados, às 12h30; a partir das 20h30: Festa CDU na Casa do Povo de Melides;

Os candidatos jovens pelo círculo de Setúbal visitam a cidade de Almada, deslocando-se às escolas de manhã e à tarde e participando numa jornada de contacto com jovens em Almada Velha.

Sexta-feira

Octávio Teixeira e outros candidatos acompanham Carlos Carvalhas no programa pelo Norte do distrito de Setúbal, em destaque também nesta página.

COIMBRA**Quinta-feira**

Avelãs Nunes é um dos candidatos que terá contactos com os trabalhadores da Farbeira, em Coimbra, às 8h30, e com os da Auto Sueco, Carvalho e Sobrinho e outras, de Coimbra, após as 18h; ainda com a população, na Feira de Maiorca/Figueira da Foz. Outros candidatos terão contactos com os trabalhadores de outras empresas na Figueira da Foz e Mira e na Feira de Arganil.

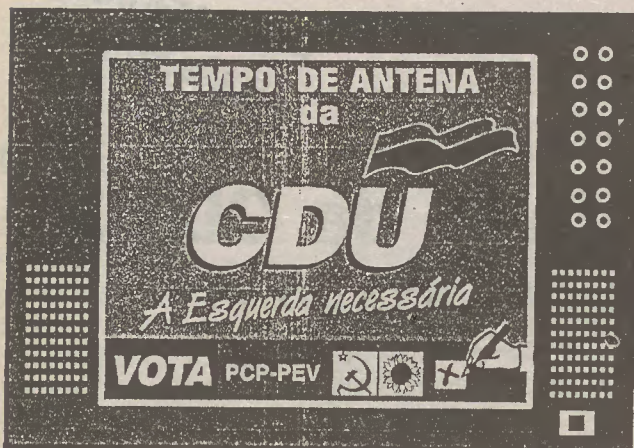
Sexta-feira

Além dos contactos com os trabalhadores de empresas de Coimbra, Figueira da Foz, Soure, Condeixa, o cabeça de lista da CDU e outros candidatos estarão presentes no desfile na Baixa coimbrã às 17h30 e na "arruada" na Figueira da Foz, à mesma hora, assim como no jantar de apoiantes que tem início às 19h30, em Montemor-o-Novo, e nas caravanas de Coimbra e Figueira da Foz que se realizam a partir das 21h30.

FARO**Quinta-feira**

Carlos Luís Figueira e outros candidatos participam hoje no encontro com trabalhadores da Carmo & Braz (às 11h) e em acções de propaganda em Faro (Largo da Palmeira, às 16h) e em Olhão (Feira Anual), a partir das 18h.;

Em Lagos participam num comício no Centro Cultural de Lagos (às 21h30).



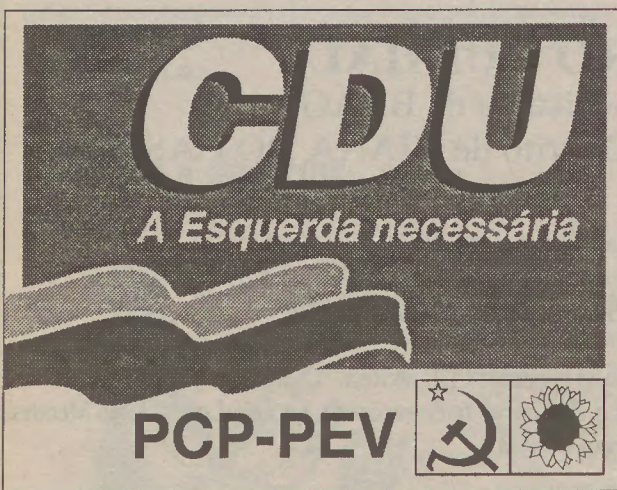
Horário de emissão dos tempos de antena da CDU

5ª feira — TVI — 21.50 h.
6ª feira — C1 — 19.45 h.
— TV2 — 21.25 h.
— RTP i — 1.40 h.

RÁDIO dos tempos de antena da CDU

5ª feira — RDP Nacional — 23.50 h.
RDP Internacional — 7.35 e 14.40 h.
RR C1 — 19.35 h.
RR RFM — 20.15 h.
RC OM e FM — 23.25 h.
CMR — 1.20 h.
R. Press — 3.25 h.
R. Altitude — 20.25 h.
R. Asas Atlântico — 12.55 h.
R. CI Angra — 15.25 h.
E. Rádio Madeira — 22.45 h.
P. Emis. Funchal — 20.45 h.

6ª feira — RDP Nacional — 11.40, 12.10 e 23.40 h.
RDP Inter — 7.40, 14.40 e 23.50 h.
RR C1 — 11.35 e 21.20 h.
RR RFM — 11.35 e 20.20 h.
RC — 11.35 e 23.30 h.
R. Press — 3.30 h.
R. Asas — 12.45 h.
R. CI Angra — 15.15 h.
E. Rádio Madeira — 22.30 h.
P. Emis. Funchal — 20.30 h.



Serigrafia de Sérgio Pombo

O CPPC sorteou no seu stand na Festa do "Avante!" uma serigrafia de Sérgio Pombo, atribuída ao Nº 18. A sede do CPPC - Conselho Português para a Paz e Cooperação é na R. Rodrigo da Fonseca, 56, 2ª, Lisboa e o tel. é o nº 3863375

Plenário em Colares

Na próxima sexta-feira, 29, às 21h30, realiza-se no Centro de Trabalho de Murcival um plenário dos militantes do PCP de Colares a que estará presente Jaime da Mata.

PALAVRAS CRUZADAS

Grid for crossword puzzle with letters 1-15 indicated above the columns.

HORIZONTAIS: 1 - Bário (s. q.); refeição que os fiéis eram obrigados a dar ao abade de certas abadias (pl.); Actínio (s.q.). 2 - Embrulhado. 3 - Papel-moeda; não menciona; aposento de um religioso, no convento. 4 - Magnetiza; arco de cabaz; temperatura elevada. 5 - Laço apertado; discursa; o tio americano; rio costeiro de França. 6 - Congénito; regiões. 7 - Em parte mais alta; léu. 8 - Amargo; ente imaginário, com poderes mágicos e muito bondoso (p.). 9 - Base; nome de mulher, grande quantidade; nociva. 10 - Esquivo-me; protóxido de cálcio; instrumento de bronze em forma de campânula, que se percute com o badalo, e que geralmente se coloca em torres e campanários (pl.). 11 - Pouco denso; barcos de recreio; metal precioso. 12 - Leito conjugal (pl.). 13 - Acusada; retardaram; cânhamo de Manila.

VERTICAIS: 1 - Pequena margarida branca que floresce nos prados, desde os primeiros dias da Primavera até à Páscoa; obrar. 2 - Ombro (pref.); a primeira mulher. 3 - Base aérea portuguesa; ergue; enguia. 4 - Qualidade de anónimo. 5 - Nome de letra; guarnecido de arame; nome de letra. 6 - Patrão; cingira com nó; caminhavam. 7 - Mulher nobre; calosidade. 8 - Amacia; espiolhar. 9 - Antiga máquina de guerra, semelhante à catapult; divisa. 10 - Caminhai; moradia de família nobre; ribeira portuguesa. 11 - O sono dos meninos; vasilha para medir líquidos equivalente a meio almude (pl.); saudável. 12 - Relativo à câmara. 13 - Doçura (fig.); Catedrais; ninho. 14 - Discurso laudatório; maior. 15 - Filtraram; casebre.

SOLUÇÃO DO NÚMERO ANTERIOR

HORIZONTAIS: 1 - Zopo; Zenão; zuca. 2 - Afaga; mós; temor. 3 - Sifofo; velara. 4 - Vã; rás; má. 5 - Cá; dores; ms. 6 - Afã; camarão; iró. 7 - Dispara; vitelos. 8 - Imo; sentida; ola. 9 - Só; Ícaro; Cs. 10 - Rã; ela; Ur. 11 - Filava; tremor. 12 - Abade; réis; atino. 13 - Zara; dúzia; alas.

VERTICAIS: 1 - Zás; Cádiz; faz. 2 - Ofir; fim; riba. 3 - Pás; casos; lar. 4 - Ogiva; orada. 5 - Afã; cãs; avé. 6 - Darei. 7 - Em; romance; Ru. 8 - Notara; talvez. 9 - Ás; servira; si. 10 - Saído. 11 - Tem; Ota; ura. 12 - Zelam; Creta. 13 - Uma; silos; mil. 14 - Cora; rol; dona. 15 - Ara; rosal; rós.

XADREZ DXXX - 28 DE SETEMBRO DE 1995 PROPOSIÇÃO Nº 1995X073 Por: THEODOR NISSL Akad. Monatsheft f. Schach, 1910

Chessboard diagram for XADREZ showing a king and queen on the board.

Chessboard diagram for XADREZ showing a king and queen on the board.

Chessboard diagram for XADREZ showing a king and queen on the board.

SOLUÇÕES DO Nº DXXX Nº 1995X073 [Th. N.]: 1. Bd2!, Tç5!; 2. Bç3, Tç4; 3. Bç4... e # 1.... Ta3; 2. Bç1, Tb3; 3. Bb3... e #

DAMAS DXXX - 28 DE SETEMBRO DE 1995 PROPOSIÇÃO Nº 1995D073 Por: HENRI CHILAND In Secrets et merveilles du Jeu de Dames, Paris, Stock, 1968

Chessboard diagram for DAMAS showing a king and queen on the board.

Chessboard diagram for DAMAS showing a king and queen on the board.

Chessboard diagram for DAMAS showing a king and queen on the board.

SOLUÇÕES DO Nº DXXX Nº 1995D073 [H.Ch.]: 1. 42-38, (22:50); 2. 35-30, (24:44); 3. 48-43 + Nº 1995D074 [Dr. C. de S. C.]: 18.... 22-19!; 19. 15-22, 31-27, 20. 22-31-D, 29-26; 21. 31-13, 26-1=D+

FILMES

QUINTA, 28

Abnegação «Battle Hymn» (EUA/1957). Real.: Douglas Sirk. Int.: Rock Hudson, Dan Duryea, Martha Hyer, Anna Kashfi, Don DeFore. Cor, 104 min. Ver Destaque. (15.00, SIC)

A Desaparecida «The Vanishing» (EUA/1993). Real.: George Sluizer. Int.: Jeff Bridges, Kiefer Sutherland, Nancy Travis, Sandra Bullock, Park Overall. Cor, 105 min. «Thriller». (22.00, TVI)

A Linha Escaldante «Call Me» (EUA/1987). Real.: Sol-lace Mitchell. Int.: Patricia Charbonneau, Steven McHattie, Boyd Gaines, Sam Freed. Cor, 94 min. «Thriller». (22.50, TV2)

O Elo Perdido «Missing Link» (EUA/1988). Real.: David e Carol Hughes. Int.: Peter Elliott. Cor, 88 min. Aventuras. (00.20, Canal 1)

SEXTA, 29

A Beleza de Hipólita «La Bellezza di Ippolita» (It./1962). Real.: Giancarlo Zagni. Int.: Gina Lollobrigida, Enrico Maria Salerno, Milva. Cor, 87 min. (15.00, SIC)

Vidas Secas (Brasil/1963). Real.: Nelson Pereira dos Santos. Int.: Atila Lório, Maria Ribeiro, Orlando Macedo, Jofre Soares, Gilvan, Genivaldo. P/B, 101 min. Ver Destaque. (23.50, TV 2)

Cem Mil Volts de Terror «Scocker» (EUA/1989). Real.: Wes Craven. Int.: Michael Murphy, Peter Berger, Cami Cooper, Mitch Pileggi, John Tesh. Cor, 106 min. Terror. (01.55, Canal 1)

Cerco de Morte «Far From Home» (EUA/1989). Real.: Meiert Avis. Int.: Matt Frewer, Drew Barrymore, Richard Masur, Karen Austin, Susan Tyrrell. Cor, 83 min. Terror. (03.40, Canal 1)

SÁBADO, 30

A Marca Rubra «Branded» (EUA/1950). Real.: Rudolph Maté. Int.: Alan Ladd, Mona Freeman, Charles Brickford, Robert Keith, Joseph Calleia. Cor, 91 min. «Western». (16.10, Canal 1)

A Francesa e o Americano «Monkeys, Go Home!» (EUA/1966). Real.: Andrew McLaglen. Int.: Maurice Chevalier, Dean Jones, Yvette Mimieux, Bernard Woriger. Cor, 97 min. Infantil. (18.00, TV 2)

Para Julie «To my Daughter» (EUA). Real.: Larry Shaw. Int.: Rue McClanahan, Michele Green, Samantha Mathis, Ty Miller, George Coe. Cor, 92 min. Drama. (20.05, TVI)

Enfermeiras do Amor «Young Nurses in Love» (EUA/1989). Real.: Chuck Vincent. Int.: Jeanne Marie, Alan Fidler, Jane Hamilton, Jamie Gillis. Cor, 75 min. Comédia. (00.25, Canal 1)

A Sétima Moeda «The Seventh Coin» (EUA/Israel/1993). Real.: Dror Soref. Int.: Peter O'Toole, Navin Chowdhry, Alexandra Powers, John Rhys-Davies. Cor, 89 min. Aventuras. (01.40, Canal 1)

DOMINGO, 1

Tarzan em Nova Iorque «Tarzan's New York Adventure» (EUA/1942). Real.: Richard Thorpe. Int.: Johnny Weissmuller, Maureen O'Sullivan, John Sheffield. P/B, 70 min. Ver Destaque. (14.15, TV 2)

Terra dos Faraós «Land of the Pharaohs» (EUA/1955). Real.: Howard Hawks. Int.: Alexis Minotis, Dewey Martin, Jack

FILMES

Hawkins, James Robertson Justice, Joan Collins. Cor, 99 min. Ver Destaque. (16.50, TVI)

Tucker: O Homem e o seu Sonho «Tucker: The Man and his Dream» (EUA/1987). Real.: Francis Ford Coppola. Int.: Jeff Bridges, Joan Allen, Martin Landau, Frederick Forrest, Dean Stockwell, Lloyd Bridges. Cor, 106 min. Ver Destaque. (20.10, TV 2)

Sua Excelência, O Embaixador «The Ugly American» (EUA/1962). Real.: George Englund. Int.: Marlon Brando, Eiji Okada, Sandra Church, Pat Hingle, Arthur Hill. Cor, 116 min. Ver Destaque. (23.55, TV 2)

Os Intocáveis «The Untouchables» (EUA/1987). Real.: Brian De Palma. Int.: Kevin Costner, Sean Connery, Andy Garcia, Robert De Niro, Charles Martin Smith, Richard Bradford. Cor, 115 min. Ver Destaque. (24.00, SIC)

A Candidata «Majority Rule» (EUA/). Real.: Gwen Arner. Int.: Blair Brown, John Getz, John Glover, Jensen Dagget, Donald Moffat. Cor, 90 min. (00.00, TVI)

SEGUNDA, 2

O Rebelde da Irlanda «Captain Lightfoot» (EUA/1955). Real.: Douglas Sirk. Int.: Rock Hudson, Barbara Rush, Jeff Morrow, Finlay Currie, Kathleen Ryan. Cor, 88 min. Ver Destaque. (15.00, SIC)

A Força em Alerta «Under Siege» (EUA/1992). Real.: Andrew Davis. Int.: Steven Seagall, Tommy Lee Jones, Gary Busey, Patrick O'Neal, Nick Mancuso. Cor, 100 min. Ver Destaque. (22.40, SIC)

Crime na Noite «Saxo» (Fr./1987). Real.: Ariel Zeitoun. Int.: Gérard Lanvin, Akoua Bousia, Richard Brooks. Cor, 115 min. Drama. (01.00, Canal 1)

TERÇA, 3

A Canção de Scheherazade «Song of Scheherazade» (EUA/1947). Real.: Walter Reisch. Int.: Yvonne de Carlo, Brian Donlevy, Jean-Pierre Aumont. Cor, 102 min. Musical / Biográfico. (15.00, SIC)

O Padrinho III «The Godfather, Part III» (EUA/1990). Real.: Francis Ford Coppola. Int.: Al Pacino, Diane Keaton, Talia Shire, Andy Garcia. Cor, 156 min. Ver Destaque. (21.50, Canal 1)

O Meu Chauffeur «My Chauffeur» (EUA/1985). Real.: David Beaird. Int.: Deborah Foreman, Sam Jones, Sean McGlory, E. G. Marshall. Cor, 94 min. Comédia. (00.35, Canal 1)

QUARTA, 4

Mãozinhas de Veludo «Manni di Veluto» (It./1980). Real.: Castellano e Pipolo. Int.: Adriano Celentano, Eleanora Giorgi. Cor, 100 min. (15.00, SIC)

A Grande Burla «Big Trouble» (EUA/1985). Real.: John Cassavetes. Int.: Peter Falk, Alan Arkin, Beverly D'Angelo, Charles Durning, Paul Doolley. Cor, 89 min. Ver Destaque. (22.45, TVI)

Cyborg 2 «Cyborg 2: Glass Shadow» (EUA/1992). Real.: Michael Schroeder. Int.: Elias Koteas, Angelina Jolie, Billy Drago. Cor, 94 min. Fantástico. (01.05, Canal 1)

Nota: a Redacção não se responsabiliza por alterações de horários ou conteúdos da programação realizados pelos operadores de televisão após o fecho desta edição.

TELEVISÃO

PROGRAMAÇÃO

Quinta, 28

CANAL 1

- 08.00 Notícias
08.15 Remate
08.30 Rua Sésamo
09.00 Notícias
09.15 Corpo Santo
10.00 Praça da Alegria
11.30 Culinária
11.45 Marimar
12.30 Cortina de Vidro
13.00 Jornal da Tarde
13.45 Factos de Banho
13.55 Maria José
15.25 Edera
15.45 O Alvo Humano
16.35 Na Sombra de Uma Mulher
17.30 Futebol: Maccabi Haifa-Sporting
19.30 Lotaria Nacional
19.39 Campanha Eleitoral
20.00 Telegjornal
20.45 A Idade da Loba
21.30 Festival de Folclore do Algarve (II)
22.30 As Estrelas da Moda sob o Céu de Roma (II)
23.30 24 Horas
24.00 Remate
00.20 O Elo Perdido (ver «Filmes na TV»)

TV 2

- 16.35 NBA
17.35 Rua Sésamo
18.00 Um, Dó, Li, Tá
19.00 Musical: «Anne Murray na Nova Escócia»
20.40 Dinheiro em Caixa
21.10 Campanha Eleitoral
21.30 Remate
22.00 TV2 Jornal
22.35 Acontece
22.50 A Linha Escaldante (ver Filmes na TV»)
00.25 Viagens na Minha Terra
00.55 Ver Artes
02.30 James Dean - 40 Anos Depois

SIC

- 11.00 Por Amar-te Tanto
11.40 As Receitas do Dia
12.10 Quatro por Quatro
13.00 Primeiro Jornal
13.30 Os Imigrantes
14.30 Os Donos do Jogo
15.00 Abnegação (ver «Filmes na TV»)
16.55 Buéréré
17.55 Notícias
18.00 Praça Pública
18.30 Tieta do Agreste
19.30 O Juiz Decide
20.00 Jornal da Noite
20.50 Trapalhões em Portugal
21.30 A Próxima Vítima
22.30 Mini-Chuva de Estrelas
23.30 A Noite da Má-Língua
00.45 Último Jornal
01.00 No Fim do Mundo

TVI

- 10.30 Vida Selvagem
11.20 Telhados de Vidro
11.45 Morena Clara
13.15 Primeira Mão
13.30 Jornal da Uma
14.05 Quem Sai aos Seus...
14.30 Esquadrão Classe A
15.30 A Escolha É Sua
16.30 A Hora do Recreio
17.30 Notícias
18.00 A Fúria do Destino
19.00 O Jogo da Vida
19.30 Novo Jornal
20.35 Marés Vivas
21.42 Tempo de Antena
22.00 A Desaparecida (ver «Filmes na TV»)
24.00 TVI Jornal + Primeira Fila
01.10 Hóquei em Patins - Campeonato do Mundo

Sexta, 29

CANAL 1

- 08.00 Notícias
08.15 Remate
08.30 Rua Sésamo
09.00 Notícias
09.15 Corpo Santo
10.00 Praça da Alegria
11.30 Culinária
11.45 Marimar
12.30 Cortina de Vidro
13.00 Jornal da Tarde
13.45 Factos de Banho
13.55 Maria José
14.50 Edera
15.45 O Alvo Humano
16.35 Na Sombra de Uma Mulher
17.30 Kananga do Japão
19.05 A Minha Vida Dava Um Filme
19.39 Campanha Eleitoral
20.00 Telegjornal
20.45 A Idade da Loba
21.35 Isto É Agildo
22.35 Todos pelo Coliseu do Porto
23.35 Murphy Brown
00.05 24 Horas
00.35 Remate
00.55 Marginalidades
01.55 Cem Mil Volts de Terror (ver «Filmes na TV»)
03.40 Cerco de Morte (ver «Filmes na TV»)

TV 2

- 16.35 Automobilismo - Fórmula 1
17.35 Rua Sésamo
18.00 Um, Dó, Li, Tá
18.50 Três Dias para Ganhar
19.00 Artes e Letras: «O Século do Cinema» - II
19.50 Irmãs
20.40 Máquinas
21.10 Campanha Eleitoral
21.30 Remate
22.00 TV2 Jornal
22.35 Acontece
22.50 Reportagem
23.50 Vidas Secas (ver «Filmes na TV»)

SIC

- 11.00 Por Amar-te Tanto
11.40 As Receitas do Dia
12.10 Quatro por Quatro
13.00 Primeiro Jornal
13.30 Os Imigrantes
14.30 Os Donos do Jogo
15.00 A Beleza de Hipólita (ver «Filmes na TV»)
16.55 Buéréré
17.55 Notícias
18.00 Praça Pública
18.30 Tieta do Agreste
19.30 O Juiz Decide
20.00 Jornal da Noite
20.50 Os Malucos do Riso
21.30 A Próxima Vítima
22.30 Luna Parque
00.30 Os Donos da Bola
01.45 Último Jornal
02.00 Playboy

TVI

- 10.30 Caixa de Perguntas
11.20 Telhados de Vidro
11.45 Morena Clara
13.15 Primeira Mão
13.30 Jornal da Uma
14.05 Quem Sai aos Seus...
14.30 Esquadrão Classe A
15.30 A Escolha É Sua
16.30 A Hora do Recreio
17.30 Notícias
18.00 A Fúria do Destino
19.00 O Jogo da Vida
19.30 Novo Jornal
20.35 Percursos - «Mário Soares»
21.42 Tempo de Antena
22.00 Especial Informação / Eleições
24.00 Hóquei em Patins - Campeonato do Mundo

Sábado, 30

CANAL 1

- 08.00 Programa Infantil/Juvenil
11.30 Clube Disney
12.30 Praça de Touros
13.00 Jornal da Tarde
13.15 Automobilismo - Fórmula 1
14.05 Top +
15.15 Beverly Hills
16.10 A Marca Rubra (ver «Filmes na TV»)
16.55 Futebol: Felgueiras-Porto
19.10 Campanha Eleitoral
19.45 Totoloto
20.00 Telegjornal
21.00 Queridas e Maduras
21.40 Parabéns
23.50 24 Horas
00.25 Enfermeiras do Amor (ver «Filmes na TV»)
01.40 A Sétima Moeda (ver «Filmes na TV»)

TV 2

- 09.00 Universidade Aberta
12.00 Forum Musical
13.00 A Verdadeira História de Alcatraz
13.50 Euronews
14.30 TV2 Desporto
18.00 A Francesa e o Americano (ver «Filmes na TV»)
19.40 Cantares de Amigo
20.45 Futebol - Guimarães-Salgueiros
22.45 TV2 Jornal
23.15 Esta Cativa Que Me Tem Cativo
00.15 Jornada na 2
01.45 Tribunal de Polícia

SIC

- 09.00 Buéréré
12.30 Portugal Radical
13.00 Quatro por Quatro
14.10 Dra. Quinn
15.20 Cosby Show
15.50 Muita Lôco
17.00 Tieta do Agreste
18.00 Futebol: Belenenses-União de Leiria
20.00 Jornal da Noite
20.50 A Próxima Vítima
22.00 Big Show Sic
01.05 Último Jornal
01.15 Minas e Armadilhas

TVI

- 10.00 Clube da Manhã
11.30 Novos Ventos
11.55 Futebol
13.40 Jornal da Uma
14.05 Hóquei em Patins - Campeonato do Mundo
15.45 Hora do Recreio
17.05 O Céu Como Horizonte
18.00 Hóquei em Patins - Campeonato do Mundo (Final)
19.30 Telegjornal
20.05 Para Julie (ver «Filmes na TV»)
22.00 Ficheiros Secretos
23.00 Futebol

Domingo, 1

CANAL 1

- 08.00 Programa Infantil / Juvenil
12.30 Sem Limites
13.00 Jornal da Tarde
13.15 Made In Portugal
16.00 86-60-86
16.45 A Festa dos Preços
17.35 Casa Cheia
18.20 Joker
18.30 Telegjornal

TV 2

- 09.00 Caminhos
09.30 Novos Horizontes
10.00 70 x 7
10.30 Missa
12.00 Regiões
13.00 Vida por Vida
13.15 Euronews
14.15 Tarzan em Nova Iorque (ver «Filmes na TV»)
15.25 Circo
16.50 Para Além do Ano 2000
17.35 Portugal Sem Fim - Brasil (I)
18.35 Jorge Palma no S. Luís
19.30 Notícias
19.35 O Homem e a Cidade
20.10 Tucker: O Homem e o Seu Sonho (ver «Filmes na TV»)
22.00 TV2 Jornal
22.30 Domingo Desportivo
23.20 Vidas a Meias
23.50 Notícias
23.55 Sua Excelência, O Embaixador (ver «Filmes na TV»)

SIC

- 09.00 Buéréré
13.00 BBC - Vida Selvagem
14.00 Internacional SIC
14.10 Príncipe de Belair
14.40 Olho de Falcão
15.50 Crocodilo Dundee (ver «Filmes na TV»)
18.00 Noite Eleitoral
24.00 Os Intocáveis (ver «Filmes na TV»)
02.05 Último Jornal

TVI

- 10.00 Clube da Manhã
11.30 O 8º Dia
12.30 Missa
13.35 Telegjornal
13.50 Portugal Português
15.50 Terra dos Faraós (ver «Filmes na TV»)
18.00 Especial Eleições
24.00 A Candidata (ver «Filmes na TV»)

Segunda, 2

CANAL 1

- 08.00 Notícias
08.15 Remate
08.30 Rua Sésamo
09.00 Notícias
09.15 Corpo Santo
10.00 Praça da Alegria
11.30 Culinária
11.45 Império de Cristal
12.30 Cortina de Vidro
13.00 Jornal da Tarde
13.35 Maria José
14.45 Malha de Intrigas
15.45 Edera
16.45 TV Mulher
18.15 Kananga do Japão
19.00 A Minha Vida Dava Um Filme
19.30 Golo!
20.00 Telegjornal
20.30 A Idade da Loba
21.15 Casados de Fresco (ver «Filmes na TV»)
23.00 Jovens Rebeldes
24.00 24 Horas
00.30 Remate
01.00 Crime na Noite (ver «Filmes na TV»)

TV 2

- 16.30 Immenhof
17.40 Rua Sésamo
18.15 Um, Dó, Li, Tá
19.15 O Mundo em Guerra
20.00 Corpo e Alma
21.00 À Roda do Mundo
21.25 Remate
22.00 TV2 Jornal
22.30 Segunda Parte
00.05 Musical - «In Concert»

SIC

- 11.00 Por Amar-te Tanto
11.40 As Receitas do Dia
12.10 Quatro por Quatro
13.00 Primeiro Jornal
13.30 Os Imigrantes
14.30 Os Donos do Jogo
15.00 O Rebelde da Irlanda (ver «Filmes na TV»)
16.55 Buéréré
17.50 Notícias
18.00 Praça Pública
18.30 O Juiz Decide
19.00 Tieta do Agreste
20.00 Jornal da Noite
20.45 A Próxima Vítima
21.50 Ponto de Encontro (ver «Filmes na TV»)
00.45 Último Jornal
01.00 Flash Back

TVI

- 10.30 Novos Ventos
11.20 Telhados de Vidro
11.45 Morena Clara
13.10 Primeira Mão
13.30 Jornal da Uma
14.05 Quem Sai aos Seus...
14.30 Esquadrão Classe A
15.30 A Escolha É Sua
16.30 A Hora do Recreio
17.30 Notícias
18.00 A Fúria do Destino
19.00 O Jogo da Vida
19.55 Novo Jornal
20.40 Marés Vivas
21.45 Fora de Jogo
21.50 Marés Vivas
22.00 Morte em Beverly Hills (I)
00.20 TVI Contacto
00.50 Negócios em Dia

Terça, 3

Canal 1

- 08.00 Notícias
08.15 Remate
08.30 Rua Sésamo
09.00 Notícias
09.15 Corpo Santo
10.00 Praça da Alegria
11.30 Culinária
11.45 Império de Cristal
12.30 Cortina de Vidro
13.00 Jornal da Tarde
13.35 Maria José
14.45 Malha de Intrigas
15.45 Edera
16.45 TV Mulher
18.15 Kananga do Japão
19.00 A Minha Vida Dava Um Filme
19.30 Golo!
20.00 Telegjornal
20.50 A Idade da Loba
21.50 O Padrinho - III (ver «Filmes na TV»)
23.50 24 Horas
00.20 Remate
00.35 O Meu Chauffeur (ver «Filmes na TV»)

TV 2

- 16.30 Golo Europa
17.40 Rua Sésamo
18.05 Um, Dó, Li, Tá
19.20 Rotações
20.20 O Programa Discovery
21.30 Lendas e Narrativas
22.00 TV2 Jornal
22.30 Acontece
22.40 Ópera: «O Vampiro»

SIC

- 14.00 Por Amar-te Tanto
11.40 As Receitas do Dia
12.10 Quatro por Quatro
13.00 Primeiro Jornal
13.30 Os Imigrantes
14.30 Os Donos do Jogo
15.00 A Canção de Sherazade (ver «Filmes na TV»)
16.55 Buéréré
17.50 Notícias
18.00 Praça Pública
18.30 O Juiz Decide
19.00 Tieta do Agreste
20.00 Jornal da Noite
20.50 A Próxima Vítima
21.50 Não se esqueça da Escova de Dentes
23.15 Casos de Polícia
00.30 Último Jornal
00.50 No Fim do Mundo

TVI

- 10.30 Vida Selvagem
11.10 Telhados de Vidro
11.45 Morena Clara
13.10 Primeira Mão
13.30 Jornal da Uma
14.05 Quem Sai aos Seus...
14.30 Esquadrão Classe A
16.30 A Hora do Recreio
17.30 Notícias
18.00 A Fúria do Destino
19.00 O Jogo da Vida
19.55 Novo Jornal
20.50 Marés Vivas
21.45 Fora de Jogo
22.00 Morte em Beverly Hills
23.50 TVI Jornal
01.10 Modelo e Detective
02.10 Hóquei em Patins - Campeonato do Mundo

Quarta, 4

Canal 1

- 08.00 Notícias
08.15 Remate
08.30 Rua Sésamo
09.00 Notícias
09.15 Corpo Santo
10.00 Praça da Alegria
11.30 Culinária
11.45 Império de Cristal
12.30 Cortina de Vidro
13.00 Jornal da Tarde
13.35 Maria José
14.45 Malha de Intrigas
15.45 Edera
16.45 TV Mulher
18.15 Kananga do Japão
19.00 A Minha Vida Dava Um Filme
19.30 Golo!
20.00 Telegjornal
20.40 Futebol: Sporting-Benfica
22.45 A Idade da Loba
23.15 Amores Perfeitos
00.15 24 Horas
00.45 Remate
01.05 Cyborg 2 (ver «Filmes na TV»)

TV 2

- 16.30 Motores
17.35 Rua Sésamo
18.05 Um, Dó, Li, Tá
19.00 Comboios Como Não Há Outros
20.05 Irei para Longe
21.25 Remate
22.00 TV2 Jornal
22.30 Acontece
22.40 Documentário - «África Selvagem»
23.45 Milton Nascimento nos Jerónimos

SIC

- 11.00 Por Amar-te Tanto
11.40 As Receitas do Dia
12.10 Quatro por Quatro
13.00 Primeiro Jornal
13.30 Os Imigrantes
14.30 Os Donos do Jogo
15.00 Mãozinhas de Veludo (ver «Filmes na TV»)
16.55 Buéréré
17.50 Notícias
18.00 Praça Pública
18.30 O Juiz Decide
19.00 Tieta do Agreste
20.00 Jornal da Noite
20.50 Barba e Cabelo
21.20 A Próxima Vítima
22.20 Número Um
00.25 Último Jornal
00.45 No Fim do Mundo

TVI

- 10.30 Informação Religiosa
11.20 Telhados de Vidro
11.55 Morena Clara
13.15 Primeira Mão
13.30 Jornal da Uma
14.05 Quem Sai aos Seus...
14.30 Esquadrão Classe A
16.30 A Hora do Recreio
17.30 Notícias
18.00 A Fúria do Destino
19.00 O Jogo da Vida
19.55 Novo Jornal
20.55 Futebol (Campeonato Espanhol)
22.45 A Grande Burla (ver «Filmes na TV»)
00.15 TVI Jornal
01.00 Jornal do Mundo



100 anos de cinema revistos por Scorsese - uma curta série a não perder, no «Artes e Letras» da TV2



James Dean evocado num programa "musical"

«Irmãs», outra série que regressa



«Vampira», uma ópera (em produção - premiada - para televisão) a transmitir terça-feira à noite

Por isto e por aquilo...

Abnegação (Quinta, 15.00, SIC)

Por muita admiração que se sinta pela obra de Douglas Sirk - mestre, entre os mestres, do melodrama - há que avisar, desde já, que este filme é de fugir a sete pés! Situado durante a sinistra Guerra da Coreia, o argumento é uma xaropada pretenciosamente pacifista - embora a guerra nos seja apresentada como um mal necessário! - que nos faz chorar, de forma maniqueísta, pelos órfãos da Coreia do Sul, enquanto nos convoca a estar nas tintas pelos da Coreia do Norte! Daí este destaque, pela negativa.

Vidas Secas (Sexta, 23.50, TV 2)

Este é o segundo filme do ciclo dedicado pela TV 2 ao realizador brasileiro Nelson Pereira dos Santos e um dos mais prestigiados da sua carreira. Baseado no romance homónimo de Graciliano Ramos, o argumento foca a tragédia de uma família mergulhada na mais profunda miséria no Nordeste do Brasil, uma paisagem sufocante pela sua beleza hostil esplendorosamente fotografada por Luís Carlos Barreto. A não perder.

Tarzan em Nova Iorque (Domingo, 14.15, TV 2)

Se já votou - ou se ainda vai fazê-lo lá mais pela fresquinha - não perde nada em descontrair-se a ver estas aventuras do musculado Tarzan por terras de Nova Iorque. Maureen O'Sullivan, como sempre, está impressionante e é um regalo ver Weissmuller a tomar duche... «vestido»! Não há nada como o ambiente!

Terra dos Faraós (Domingo, 16.50, TVI)

Que o prestigiado nome do realizador deste filme (Howard Hawks) não desvie o leitor do seu direito de votar. Por um lado, é muito provável que já o tenha visto mas, se quer mesmo não perdê-lo, sirva-se do gravador. Sem pertencer de forma alguma à galeria de obras-primas do Mestre, *Terra dos Faraós* é, no campo do filme de grande espectáculo sobre o Egipto antigo, naturalmente superior aos produtos congéneres, pelos requintes da movimentação da câmara e da encenação postas, além do mais, ao serviço de uma outra reflexão sobre a ambição, a opressão e o poder. Ainda com um outro bónus suplementar: a secreta satisfação com que vemos Joan Collins acabar «emparedada» no interior da pirâmide de Cheops, o Faraó... E um receio: o de que a cópia, como é triste hábito nas nossas televisões, encurte forçadamente o indispensável formato largo do *Cinemascope*.



Os intérpretes principais de «Os Intocáveis», do realizador Brian de Palma

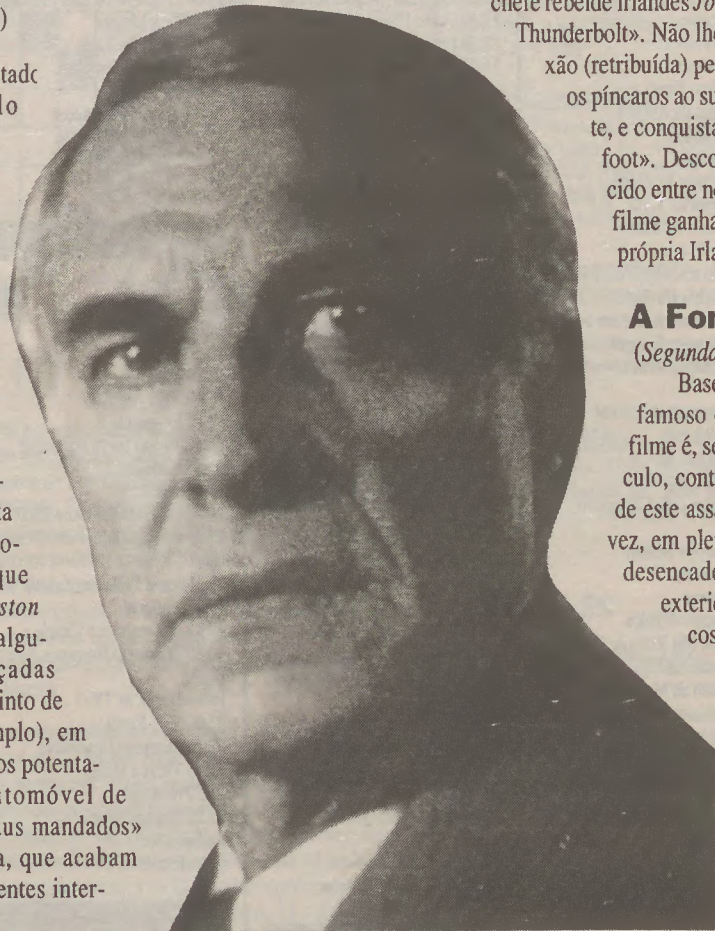


A família Corleone, assistindo à ópera, numa cena de «O Padrinho III», outro filme de Coppola

Tucker: O Homem e o seu Sonho

(Domingo, 20.10, TV 2)

Estranhamente votado ao ostracismo pelo público, que lhe infligiu um clamoroso fracasso comercial, *Tucker* foi obviamente uma paixão de Coppola e do produtor George Lucas por uma fascinante história baseada em factos reais - a do génio visionário do projectista e construtor de «automóveis do futuro» que foi, nos anos 40, Preston Tucker, inventor de algumas das mais avançadas inovações (como o «cinto de segurança», por exemplo), em constante luta contra os potentados da indústria automóvel de Detroit e os seus «paus mandados» no mundo da política, que acabam por esmagá-lo. Excelentes interpretações, de que se destaca a de Jeff Bridges, na figura de Tucker, e, sobretudo, a de um enorme secundário, Martin Landau, no imprevisível papel do seu sócio. Mas é também provável que, para além de ser um filme já várias vezes transmitido na televisão, a noite de hoje (e, sobretudo, o horário que foi escolhido pela TV 2) lhe não augurem um notável *share* de audiências...



Martin Landau, um espectacular secundário em «Tucker: O Homem e o seu Sonho», de Francis Ford Coppola

Sua Excelência, O Embaixador

(Domingo, 23.55, TV 2)

Um editor americano é nomeado embaixador no Sudeste da Ásia e acaba por formar uma consciência clara acerca da política externa americana sob a pressão da guerra-fria. Um filme envelhecido, de certo modo ultrapassado na sua temática, mas bem curioso sob alguns pontos de vista.

Os Intocáveis

(Domingo, 24.00, SIC)

Se as coisas já estiverem clarificadas quanto aos resultados eleitorais (espera-se que da melhor maneira!) e, sobretudo, se já estivermos naquele período das emissões em que uns senhores muito apurados e cheios de lata tratam de justificar onde é que as sondagens estavam desajustadas - então é interessante não perder este filme inspirado numa famosa e clássica série de televisão e realizado com desenvoltura por Brian de Palma. Mas também porque ele é habitado por um punhado de notáveis intérpretes recriando pela enésima vez os mesmos papéis e os mesmos tiques, embora apresentando a singular diferença de o argumento e os diálogos terem sido escritos por um brilhante argumentista e também realizador, David Mamet.

O Rebelde da Irlanda (Segunda, 15.00, SIC)

Irlanda, século XIX. Michael Martin junta-se às fileiras do chefe rebelde irlandês John Doherty, cognominado «capitão Thunderbolt». Não lhe chegando já ter sucumbido à paixão (retribuída) pela filha do chefe, a sua fama atinge os píncaros ao substituir Doherty, ferido em combate, e conquistando o cognome de «capitão Lightfoot». Desconhecido ou completamente esquecido entre nós - e embora repleto de clichés -, o filme ganha com o facto de ter sido filmado na própria Irlanda, em belos cenários naturais.

A Força em Alerta

(Segunda, 22.40, SIC)

Baseado na mesma estética que tornou famoso *O Assalto ao Arranha-Céus*, este filme é, sem dúvida, um vertiginoso espectáculo, contando ainda com o poderoso trunfo de este assalto criminoso se desenrolar, desta vez, em pleno mar alto, sem que seja tão fácil desencadear-se o indispensável auxílio do exterior. É o caso de um grupo de músicos contratados para animar a última viagem de um navio de guerra americano e que vem a perceber-se formarem um punhado de vis criminosos chefiados por um antigo responsável da CIA que pretendem apoderar-se do armamento nuclear ali transportado, para tal dominando a tripulação... mas esquecendo-se do chefe de cozinha! E aqui nasce, como se compreenderá, a aventura

isolada do herói contra as forças do mal! Um filme que não é para pensar mas para divertir.

O Padrinho III (Terça, 21.50, Canal 1)

Tantas vezes que esta terceira parte da saga de Coppola foi transmitida pelas televisões - que basta apenas chamar mais uma vez a atenção para a excelência da sua realização, sob todos os aspectos. É como se a história da família Corleone, agora chefiada por Michael já na maturidade, se transformasse numa tragédia shakespeariana, com um punhado de cenas inesquecíveis representadas por Al Pacino e Diane Keaton em grande forma. Mas também não esquecendo a atenção crítica aos sinais vindos da realidade exterior, com referências explícitas e implícitas aos escândalos de corrupção, em particular aqueles em que a Democracia Cristã e o próprio Vaticano estiveram envolvidos. Uma prodigiosa mescla da ficção com a realidade, brilhantemente escrita para o cinema pelo próprio Coppola e por Mario Puzo. Como se fosse o libreto de uma ópera! Indispensável.



Peter Falk, intérprete principal de «A Grande Burla», de John Cassavetes

A Grande Burla (Quarta, 22.45, TVI)

Extremamente prejudicado por inúmeros problemas durante a fase de produção e rodagem, *A Grande Burla*, ao contar-nos a história das artimanhas de um corretor de seguros para tentar arranjar dinheiro para pagar os estudos de três filhos na Universidade, veio a revelar-se um dos maiores falhanços de um realizador notável - John Cassavetes - e praticamente nunca chegou a fazer carreira no circuito comercial. Uma perversa curiosidade.

Interessante, muito interessante...

■ Francisco Costa

Já devem os leitores ter reparado no esforço que, com maior incidência no decorrer deste último ano, os *criativos* das agências de publicidade têm desenvolvido para puxar pela imaginação na tentativa de inovar a linguagem dos *spots* publicitários. E se é verdade que, ao nível de certas campanhas televisivas, algumas novas e brilhantes ideias têm estado na base da criação de exemplares audiovisuais extremamente imaginativos do ponto de vista da criatividade e da feitura - verdadeiros achados em termos de síntese e eficácia - não é menos certo que, no campo da rádio, por exemplo, já outras campanhas buscando a originalidade e o insólito a todo o custo têm resultado bastantes furos mais abaixo em termos de qualidade, sobretudo pelo generalizado escorregar para a idiotice e o mau-gosto, quando não para a rasteira ordinária.

A circunstância de nos encontrarmos em plena campanha eleitoral veio, entretanto, desencadear uma outra moda mais recente, claramente estimulada por esta, mas levantando outro tipo de questões relacionadas com a ética e a deontologia dos processos utilizados. É o caso dos chamados *outdoors* de grande dimensão que, glosando idênticos «produtos» da campanha eleitoral de alguns partidos concorrentes, utilizam em proveito próprio imagens, grafismos e até frases decalcadas dos «originais».

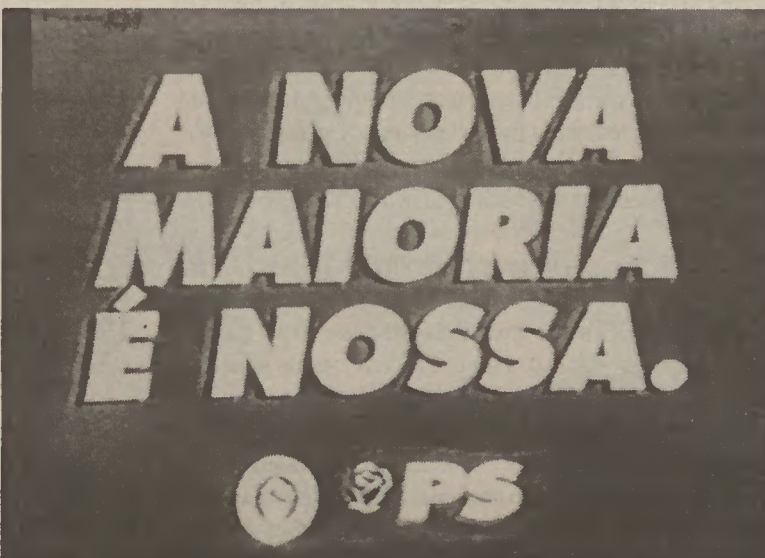
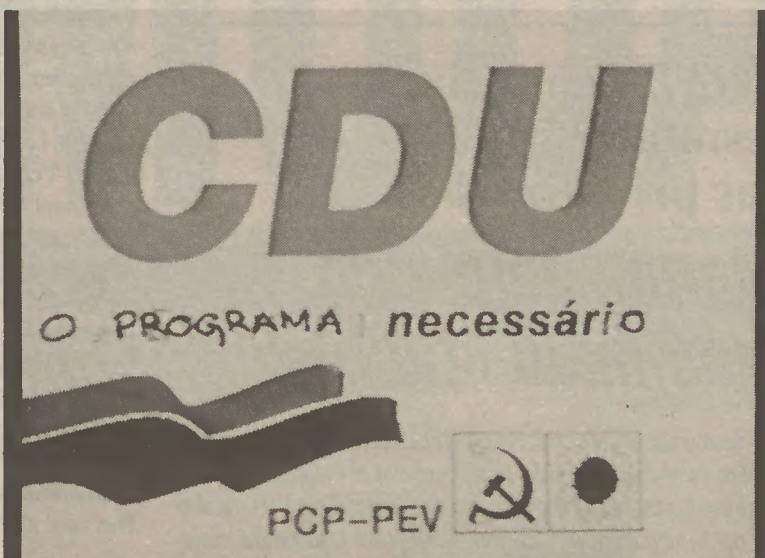
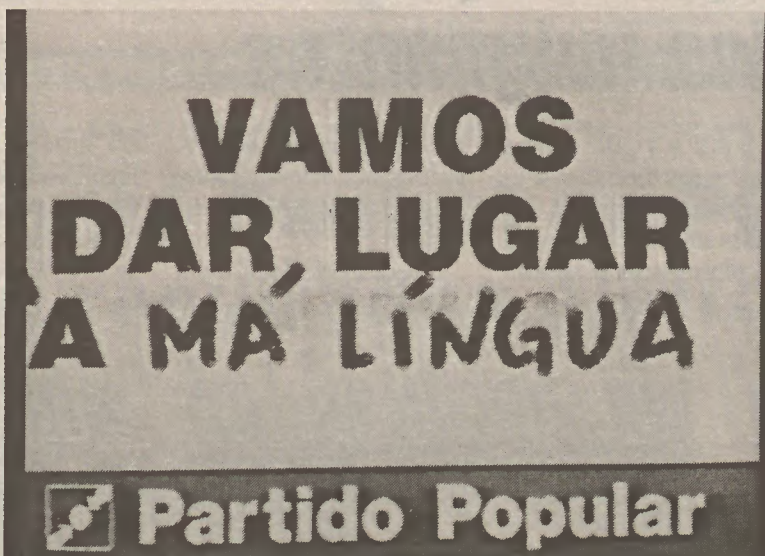
Sintomático é que, aparentemente, os partidos em questão não se tenham até agora mostrado nada incomodados com tal aproveitamento. Mas, se averiguarmos melhor, conhecendo que é a habitual postura daqueles ao apregoar aos quatro ventos a excelência dos «produtos» de que querem convencer os «consumidores» - aproveitando-se do facto de estes só tarde de mais chegarem à conclusão de que eles mais não são do que enganosos, intragáveis e mesmo ruinosos - talvez possamos perceber que tal apropriação, em termos imediatos, lhes não acarreta (a eles, partidos) grandes prejuízos. Antes pelo contrário. É que, também aqui, nos encontramos, em termos de mecanismos de recepção, no domínio de uma certa *interactividade*: por um lado, quanto ao impacte junto da opinião pública, as campanhas publicitárias aproveitam-se de «o que está a dar»; por outro lado, os partidos consideram o dislate porventura um mal menor já que, mesmo por vias enviezadas, a sua «mensagem» aparece reproduzida e ampliada de um outro modo.

Os partidos, escrevi eu. Mas que partidos? Que mensagens eleitorais são, assim (que eu tenha visto), objecto de tão cuidada atenção por parte das agências? Curiosamente, as do PSD e do PS! Também aqui, estamos, de forma aparentemente inocente, perante a ideia subliminar da *bipolarização*!

Interessante, muito interessante...

A coisa fia mais fino

Também os vários canais de televisão (alguns deles no esforço exclusivo e desesperado de esconder que já ninguém lá quer passar publicidade!), aproveitam os inúmeros intervalos com que ilegalmente assassinam programas, séries, filmes ou até retalham telejornais para nos impingir, pelo meio dos incontáveis *ecrãs publicitários*, uma chusma de *spots* autopromocionais, tendentes a fazer-nos despertar da nossa esmagada letargia para a «excelência» da programação que nos pretendem impingir. Foi esta uma moda habilmente desenvolvida ao máximo pela SIC - a que, sobretudo, o Canal 1 procurou por arrastamento dar resposta, canhestra como seria de esperar - e que nos tem proporcionado incontáveis momentos de espanto e incredulidade, porque em



Uma inaceitável manipulação... com uma notável excepção

geral elaborados com uma pesporrência e um autoconvencimento que ultrapassam os limites do tolerável.

E, no entanto, a semana passada a coisa fiou mais fino! Era o caso de um *spot* que, em forma de quase-«thriller», anunciava o ressurgimento dessa coisa inenarrável que dá pelo nome de «A Noite da Má-Língua». Ora acontece que o *criativo* de tal peça não arranjou melhor nem mais oportuno chamariz do que ilustrar o respectivo texto através da manipulação gráfica das

imagens de cartazes da campanha eleitoral dos quatro principais partidos concorrentes e da aliteração das suas propostas e palavras de ordem. O curioso é que, nem mesmo aqui, se pautou tal conduta por um qualquer propósito de *pluralismo* (sinistro que, neste contexto, ele fosse!) em relação aos visados e glosados. Porque o cartaz que, nesta inaceitável manipulação, foi deixado sem mácula - intocado ou intocável? - foi aquele em que o PS se habituou a postular: «a nova maioria é nossa». Com direito a três voltas sobre si mesmo, para que as atenções se não desviassem! Para uma estação de televisão que, ainda há pouco tempo, protestava com alarido - e justamente - de o PSD ter aproveitado imagens e textos seus para ilustrar um tempo de antena, não está nada mal.

Interessante, muito interessante...

Exigências externas, ingerências internas

Por muito que resulte volátil e fragmentada a *informação* que, sobre a realidade circundante, nos é transmitida pela Televisão - sobretudo numa situação em que ela se espalha por quatro canais televisivos e num tempo em que o *zapping* é, em última análise, uma forma de nos mantermos higienicamente precavidos - o facto é que, por vezes, a soma das *informações parcelares* a que temos acesso pode resultar na clarificação de um *puzzle* que, uma vez construído na nossa mente, ajuda a melhor compreender alguns *sinais* soltos dessa mesma realidade.

Vem isto a propósito de dois temas noticiosos que na última semana vieram a lume, dispersos por vários telejornais: a *Cimeira de Palma de Maiorca* dos chefes de Estado e de Governo da União Europeia e as intervenções públicas dos chefes dos padrões portugueses, Ludgero Marques (AIP) e Ferraz da Costa (CIP).

No primeiro caso, foi evidente a hipócrita farsa da *aparência de unidade* em torno de questões decisivas para o futuro dos povos europeus, numa encenação montada para esconder da opinião pública as profundas divergências entre representantes dos vários *pelotões* e adeptos das várias *velocidades*. Mas não menos claras foram as consequências a tirar do *incidente* provocado pelas intempestivas e demasiado sinceras declarações que, dias antes, haviam sido proferidas pelo Ministro das Finanças alemão, Theo Waigel, ao pôr unilateralmente em causa os intocáveis e sacrossantos princípios da «convergência económica» do Tratado de Maastricht - no sentido de ainda mais os agravar! - descobrindo a careca a tantos dos seus mais fiéis zeladores e levantando a ponta de um véu que, de tão transparente e incómodo, nem sequer Helmut Kohl conseguiu torneir por mais que se esforçasse. A este propósito, nem Fernando Nogueira nem António Guterres (prudentemente silenciosos quanto ao incidente...) conseguiriam melhor exprimir o espírito de subserviência àqueles critérios do que acabou por fazer Cavaco Silva, com o maior dos deslantes, quando esclareceu em conferência de imprensa: «A Alemanha não quer (sic) nenhuma alteração nos critérios de convergência!» (Telejornal, Canal 1, 23.09.95).

Mas perguntar-se-á: como aceitar que o primeiro-ministro de um país independente e com vontade própria reconheça a *bondade* da posição alemã ao citar ele próprio, considerando-a sem pestanejar «uma afirmação categórica», a expressão «a Alemanha não quer»? E que dizer das afirmações do Presidente da Comissão Jacques Santer ao contrapor, aos desejos da Suécia de incluir um novo capítulo dedicado ao Emprego na próxima revisão do Tratado de Maastricht, a seguinte doutrina: «Os critérios de convergência não se podem alterar. Fazê-lo, seria abrir uma caixa de Pandora de efeitos imprevisíveis.»?

No segundo caso, foram também claras, agora a nível interno, as manobras das várias sensibilidades dos representantes do grande Capital, com Ludgero Marques a lançar remoques a propósito dos «direitos de autor» do chamado programa de governo da AIP (para o qual contribuíram, como se sabe, figuras do PSD, PS e CDS/PP) e com Ferraz da Costa a cometer intoleráveis ingerências em plena campanha eleitoral, pronunciando-se a favor de um dos partidos envolvidos, precisamente o CDS/PP.

Interessante, tudo isto? Sim, sem dúvida, porque esclarecedor e mobilizador do sentido do voto que, para dar uma volta a isto, é preciso imprimir na importante e decisiva jornada do próximo dia 1 de Outubro.

de FOICE

Bichos-carpinteiros

Fatal como o destino! Como diria o meu avô, os bichos-carpinteiros voltaram a atacar a prima Graciete, disfarçados agora de um frenesim mal contido que, se já não lhe faz gastar solas de sapatos mesmo sentada como, com plena propriedade, de resto, foi acusada toda a meninice, ainda produz energia para dar e vender - houvesse comprador! -, acelera a circulação sanguínea, incendeia o olhar e, sobretudo, lhe faz vibrar as cordas vocais em requiebrados de prima-dona, logo a ela que nunca conseguiu atinar com a escala em quatro anos de canto coral para eterna frustração da D. Amélia, mas isso são outras histórias. Pois a prima Graciete chegou eléctrica do comício do Campo Pequeno, despejou de um fôlego uma garrafa de litro e meio de água - "que calor, menina, que calor, e olha que não foi do sol, não, foi daquele mar de gente" -, girou pela casa como um tornado deslocando à sua passagem cadeiras, copos, livros, jornais, virtualhas, pegando e largando tudo o que se lhe atravessava no caminho, ligou o rádio e a televisão, mudou de posto e de canal até pôr a família de cabeça à roda, sentou-se e levantou-se do sofá pelo menos umas quatrocentas e setenta e cinco vezes, enrolou e desenrolou a bandeira outras tantas, descolou com carinho o autocolante que trazia ao peito e enrolou-o nos dedos numa distração, sorriu como quem prega uma partida a si própria ao descobrir no bolso das calças outro novinho em folha que guardou na atafalhada gaveta das colecções, lembrou-se num repente de esfregar a gaiola do hamster e de caminho dar banho ao desgraçado do Chico que acordou estremunhado debaixo da torneira do bidé, e já as crianças tinham desistido de dormir engalfinhando-se num animado jogo electrónico em que as personagens guinchavam alegremente enquanto explodiam em bocadinhos, quando finalmente acalmou - ou pareceu acalmar -, já passava da meia-noite, no preciso momento em que na TVI soava o indicativo do noticiário. "Sempre quero ver, sempre quero ver", resmungou, sentando-se tão quietinha que até o maltês do Espinafre se eriçou todo, numa antecipação felina de desastre. Por momentos as imagens encheram o ecrã, o colorido das bandeiras enfeitou a caixinha mágica numa explosão de alegria, a força e a confiança daquela massa humana deslizou pela antena e encheu a sala. Depois, depois foi como se as luzes se tivessem apagado. O 'zip' pelos outros canais fez ouvir palavras falando da tarde numa espécie de toca e foge, que os comunistas, e a CDU, e a "surpreendente" adesão da juventude e das mulheres e dos reformados e dos trabalhadores continuam a não ter direito a 'bis', não vão as gentes menos informadas perceber que os tantas vezes mortos e enterrados estão afinal cada vez mais vivos e combativos e acompanhados. Depois de esgotar o seu limitado vocabulário de palavras, a prima Graciete desligou a televisão com toda a calma, olhou-me como se me visse pela primeira vez, sorriu, lembrou que "amanhã também é dia", afagou o gato e achou que eram horas de ir para a cama. A noite foi curta. Quando acordei, já ela saía - "a campanha ainda não acabou e os votos contam-se nas urnas, filha" -, transbordando energia. Pensando bem, os bichos-carpinteiros têm muito encanto.

■ AF

É essencial à democracia a participação dos imigrantes

«O PCP e a CDU sempre consideraram benéfica a participação das comunidades imigrantes em todos os actos da vida pública nacional, rejeitan-

resses de ordem pessoal» - afirmou segunda-feira em conferência de imprensa Manuel Correia.

Este candidato da CDU por

● CDU contraria apelo à abstenção de um militante do PS despeitado

em Portugal e dirigente da Frente Anti-Racista - reagiu assim, em nome da lista que integra, a declarações públicas de «um militante do PS que



Manuel Correia e Carlos Grilo na conferência de imprensa de segunda-feira

do qualquer afirmação ou prática que procure iludir a importância da participação cívica em favor das querelas ou inte-

Lisboa e membro do Comité Central do PCP - que é também presidente da Federação das Associações Cabo-verdianas

afirma insistentemente que, nestas eleições legislativas, foi impossibilitada a participação de candidatos oriundos das comunidades africanas» e que «com base neste falso argumento, tem vindo sistematicamente a apelar aos imigrantes para que boicotem o acto eleitoral de 1 de Outubro».

Manuel Correia, acompanhado por Carlos Grilo, do CC do PCP, no encontro com os jornalistas, salientou que «do ponto de vista dos interesses das comunidades migrantes, esta ideia é claramente rejeitada, por corresponder ao princípio, desde sempre combatido e contrariado, da auto-exclusão». Nas actividades do PCP, bem

como nas listas de candidatos para as autarquias e a AR, salientou o deputado e sindicalista, «foi e é uma constante a presença de camaradas e amigos de origem africana».

Realçando que a participação dos imigrantes nas eleições de 1 de Outubro «constitui, por si só, um instrumento importante para a desejada integração social que esta política rejeitou ao longo dos anos», a lista da CDU por Lisboa classifica como «absurda a afirmação do referido militante do Partido Socialista, que, por não ter sido considerado nas listas do seu partido, se sente no direito de se arrogar como único de origem africana, esquecendo os candidatos do PCP que, para além da participação em actos eleitorais anteriores, são de novo candidatos a deputados».

Depois de reafirmar que «a integração social, no quadro de uma correcta política de imigração e cooperação que salvaguarde as diversidades culturais, é incompatível com os apelos e afirmações do militante do PS», Manuel Correia e a CDU apelam «em nome da democracia e da liberdade, para que todos os imigrantes participem neste acto eleitoral e contribuam, com o seu voto, para a derrota das políticas de direita, visando abrir caminho a uma política de esquerda, consubstanciada em propostas de integração social credíveis e realizáveis, especialmente as apresentadas no programa eleitoral da CDU».

CGTP denuncia resultado das privatizações

Menos emprego, mas mais «tachos»

O desmembramento com vista à privatização e a passagem para as mãos da iniciativa privada de um conjunto de empresas públicas consideradas estratégicas para o desenvolvimento do País «acabaram por se revelar altamente prejudiciais para a economia nacional, para as populações e para a segurança de emprego dos trabalhadores», afirma o departamento de informação da CGTP-IN.

Num comunicado de imprensa divulgado durante uma acção de denúncia pública que as estruturas representativas dos trabalhadores do sector empresarial do Estado levaram a cabo na semana passada, na baixa de Lisboa, a central refere números referentes ao emprego que «são bem elucidativos da nefasta acção do Governo do PSD»:

- só em seis grandes empresas envolvidas em processos de privatização (CP, Rodoviária Nacional, Siderurgia Nacional, Quimigal, Portucel e EDP) houve uma redução de quase 50 por cento no nível de emprego (passaram a ocupar, no total, apenas 46521 trabalhadores, quando chegaram a ter nos quadros 89954 pessoas);

- no entanto, neste mesmo conjunto, os lugares de administração (incluindo conselhos fiscais e assembleias gerais) subiram de 74 para 687, ou seja, «o Governo criou mais de 600 tachos, sem contar com os lugares de confiança que cada novo administrador criou junto de si».

«É caso para dizer que Cavaco Silva tem uma eficaz política de qualidade de emprego, mas naturalmente para os seus compadres e amigos», comenta a CGTP, apontando como exemplo mais flagrante a Quimigal: já empregou 11300 trabalhadores, ficando-se hoje pelos 2167, ao passo que os membros do Conselho de Administração e do Conselho Fiscal saltaram de 11 para 134!

Para a *Inter*, «isto quer dizer que as privatizações não foram só um maná para o grande capital nacional e estrangeiro, que comprou a preços de saldo as áreas mais lucrativas do sector público, mas também para os comissários políticos do PSD».

DUPON & DUPONG

